



GERDAU
O futuro se molda

Relações com Imprensa (11) 3094-6322
imprensa@gerdau.com.br
www.gerdau.com

SAMSUNG

amil

Especial Dia da Imprensa

A Imprensa constrói o seu amanhã

*E busca a Pedra Filosofal capaz
de acelerar a transformação*



Mais do que especial, esta é uma edição histórica! Histórica pelo tema, pelo nível de participação, pelos apoios conquistados e sobretudo pelo rico, denso e plural conteúdo que apresenta e que certamente resistirá ao tempo, permitindo, lá na frente, entender o que se deu em momento tão crucial da vida, na pandemia da Covid-19 no ano da graça de 2020.

O mosaico que montamos, e que conta com o talento de nosso designer **Paulo Sant'Ana**, reúne os depoimentos de mais de uma centena de jornalistas. E chamamos a atenção para a pluralidade da escolha, já que temos aqui reflexões de profissionais de várias regiões do País, de diferentes gerações, das mais diversas plataformas e editorias, de veículos da grande imprensa e também da imprensa de nicho, de professores, além de personalidades com forte ligação com o jornalismo. E para fechar com chave de ouro, a edição traz ao final um caderno com um cordel de autoria de **Assis Ângelo**, idealizador e mantenedor do Instituto Memória Brasil (e também nosso colaborador), intitulado *Jornalismo e Liberdade nos Tempos da Pandemia*, em que narra, em mais de 60 sextilhas, alguns dos recentes episódios envolvendo a imprensa brasileira.

Duas foram as perguntas que fizemos a essa talentosa legião de jornalistas: quais as lições e

o legado que a crise da Covid-19 está deixando para o jornalismo e como enxergam o futuro da atividade.

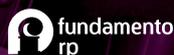
Entre tapas e beijos, os primeiros reais e os segundos simbólicos, o que vimos, nas múltiplas reflexões, é que a imprensa brasileira vive o que talvez seja o seu maior momento desde a redemocratização do País. Ameaças, agressões, calúnias, mentiras proferidas por graduadas (e grosseiras) autoridades e seus séquitos não impediram o jornalismo sério, plural, que investiga, analisa, contextualiza, dá voz ao contraditório, de realizar o seu trabalho e de prestar um inestimável serviço à sociedade brasileira. Ainda que parte dela, contaminada pelo fanatismo político que hoje tem voz ativa no País, repudie a valiosa contribuição que o jornalismo tem emprestado ao combate da pandemia, optando por fazer coro às imprecações de quem deveria agir e portar-se com serenidade.

Também vimos, nos inúmeros olhares, que, maiúsculo e essencial, o jornalismo, com suas orientações à sociedade, acompanhamento em tempo real dos desdobramentos da pandemia, com sua atuação crítica às aventuras irresponsáveis e criminosas do lado obscurantista do poder central, tem salvado vidas, milhares delas. E prestado



01 DE JUNHO
DIA DA IMPRENSA

A Fundamento RP homenageia e reconhece o valor da imprensa livre e do bom jornalismo, principalmente no momento atual.





SAMSUNG

amil

um serviço de utilidade pública inestimável, diante da contundência e fulminante disseminação do vírus que está mexendo com a mente e a vida de todos.

Mas seria esse agigantamento uma coisa temporária, que veio para não ficar? Estaríamos fadados a retomar a figura de um gigante com pés de barro, dono de uma voz tonitruante, mas de presença econômica irrelevante? Como engatar uma quinta marcha nesse recente ciclo vivido por grande parte da mídia, resgatando o prestígio e a força que um dia já teve e que momentaneamente recuperou junto à opinião pública? Será duradoura a injeção de ânimo, de orgulho de ser jornalista, que voltamos a perceber neste primeiro semestre de 2020? Os alquimistas da mídia conseguirão finalmente encontrar a Pedra Filosofal, que buscam desde que a internet chegou, mudando as regras do jogo, para transformar conteúdo e audiência em ouro, retomando a saga de uma atividade próspera, capaz de remunerar a contento toda a cadeia produtiva, pagar bons salários, gerar ascensão profissional?

Como acontece com a própria pandemia, também aqui, em relação ao futuro do jornalismo, nossos convidados têm mais dúvidas do que certezas. No entanto estão de acordo que é mandatório pensar sobre isso, analisar o que está acontecendo, ver para onde os ventos estão soprando, extrair as lições e o legado da crise para o nosso amanhã.

Esse é, em síntese, o propósito deste especial, debater o que está acontecendo e o que poderá acontecer em nossa atividade pelo olhar dos próprios jornalistas. Mostrar o que estão vendo, percebendo, sentindo, vislumbrando. Se estão otimistas, orgulhosos, reticentes,

desconfiados, céticos. As coisas boas, ruins ou nem tanto plasmadas em suas mentes. A temperatura do momento e uma projeção dela para o futuro.

Podemos dizer, sem medo de errar, que Jornalistas&Cia montou uma redação completa para debater os rumos do Jornalismo no Brasil, juntando sobretudo juventude e experiência, a fórmula mais exitosa que um veículo pode desejar.

Os depoimentos estão mesclados e, por razões de fechamento, foram editados por ordem de chegada. Cada um, independente do tom, da profundidade e do tamanho, é uma valiosa contribuição para entender as angústias e os enormes desafios que estão a nos espreitar na próxima esquina.

Para nossa equipe, essa edição foi um grande e inestimável aprendizado. E é nosso desejo que tantas e tão preciosas reflexões contribuam para que possamos dar passos mais ousados na busca do fortalecimento e do agigantamento do Jornalismo, traduzido no resgate do orgulho de pertencer e atuar na melhor profissão do mundo.

Ao final, mas não menos importante, os agradecimentos às organizações que, a despeito das dificuldades de *budget* que a pandemia provocou, apoiaram a edição, dando mostras inequívocas do respeito que têm pela imprensa e pelos jornalistas brasileiros e também – é de se mencionar – por este Jornalistas&Cia, que chega este ano ao seu Jubileu de Prata, a completar-se em setembro próximo, com desafios imensos nessa travessia complexa e turbulenta.

Equipe de Jornalistas&Cia

Neste 1º de junho, o PAN parabeniza todos os profissionais da imprensa!

Mesmo diante do momento desafiador que vivemos, vocês seguem cumprindo seu papel social e honrando o compromisso com o bom jornalismo e a verdade.

OBRIGADO!





Sonia Racy

Titular da coluna *Direto da Fonte*, no *Estadão*

Tempos difíceis... enfrentamos uma terceira Guerra Mundial cujo inimigo de todos é... invisível.

Acho prematuro fazer previsões sobre o jornalismo do futuro. Só tenho certeza de que os meios éticos e imparciais (aqueles que em lugar de publicar ou disseminar se alguém é alto ou baixo, simplesmente dizer que tem 1,75 m) vão sobreviver. Não vejo futuro longo para as *fake news*. Sou otimista.

Lembro aqui do início dos jornais impressos, quando o medo geral era de qualquer um publicar qualquer coisa sem responsabilidade. Sobreviveram até hoje os que trabalham para informar corretamente. Acredito que essa triagem vai acontecer nas mídias sociais. O difícil é prever o *timing*...



Juca Kfourri

Com 50 anos de jornalismo, é colunista da Folha de S.Paulo, da rádio CBN e blogueiro do UOL, além de comandar o *Entre Vistas*, na TVT

A pandemia comprovou que jornalismo sério e independente é fundamental para informar corretamente a população e que o jornalismo contaminado pelo governismo não é jornalismo, é impostura.

Ensinou, também, como coberturas distorcidas produzem catástrofes. Tivesse o Brasil um presidente sensato, de qualquer lado, não teríamos tantos mortos. Mas a mídia nacional preferiu apoiar o *impeachment* de Dilma Rousseff, calar no período eleitoral ao não denunciar a sociopatia de Jair Bolsonaro, como se o diabo fosse o candidato do PT e não o psicopata.

Deu no que deu. Não perceber que se tratava de alguém incontrolável foi omissão imperdoável. Ruim com o PT, pior com Bolsonaro. Vejo o jornalismo de amanhã com preocupação diante do tamanho da crise econômica que enfrentamos e das pressões da extrema-direita fundamentalista que a acossa. Como no período da ditadura, caberá a ela resistir com coragem e informação correta. Temo o partidarismo e que a imprensa dita de esquerda cometa os mesmos erros da de direita.

Será preciso, como sempre, informar corretamente mesmo quando a notícia não for agradável. E abandonar a tendência de aumentar a importância de fatos agradáveis.

Se jornalismo é oposição, como ensinou Millôr Fernandes, e é, vira mesmo armazém de secos e molhados quando distorce a realidade, para qualquer lado.



Chico Caruso

É possível trabalhar de casa.

As redações dos jornais vão acabar.



Marcelo Rech

Presidente da Associação Nacional de Jornais (ANJ) e vice-presidente Editorial e Institucional do Grupo RBS

Uma crise desta envergadura, inédita para muitas gerações, é um ponto de inflexão para o jornalismo profissional em todo o mundo e, em particular, no Brasil. Depois de anos de ataques, instrumentalizados nas redes sociais à esquerda e à direita do espectro ideológico, o jornalismo brasileiro recuperou rapidamente a percepção de seu valor: apurar e transmitir informações colhidas de forma técnica, baseada em valores e princípios comungados pelos veículos e profissionais que exercem com real independência a atividade jornalística.

O crescimento exponencial das audiências é o exemplo mais visível do reconhecimento pelo público de que, quando a informação não é um passatempo ou instrumento para criar ou destruir reputações, o jornalismo exercido por pessoas e marcas com trajetórias sólidas mostra-se insubstituível.

Infelizmente, mesmo governantes e ativistas que tentam desconstituir a atividade da imprensa, como se ela se beneficiasse da crise, não se dão conta de que os meios de comunicação, como tantos outros serviços, estão sofrendo brutais perdas de receita que se somam a uma procissão de desafios acumulados nas últimas décadas. O fato de, apesar das dificuldades econômicas, a imprensa seguir, de uma forma geral, com orientações e posições a favor da ciência e da contenção do vírus só demonstra sua responsabilidade histórica no momento – mais um ponto para reforçar a independência e credibilidade, base de toda atividade de informação.

Como em muitos outros setores, a pandemia antecipou uma série de transformações. Durante anos, discutíamos em fóruns internacionais a hipótese remota de se criar redações virtuais. Aqueles que as enxergavam no futuro eram vistos com certo descrédito, talvez pelo sentimento de que redações cheias de gente e ideias borbulhantes evoca em qualquer jornalista. A crise obrigou a criação destas redações virtuais, tornando aquela visão uma realidade forjada às pressas e que, para surpresa geral, funciona.

Com o fim da pandemia, a maioria das redações vai voltar a atuar de forma presencial, mas grande parte da atividade seguirá remota, móvel e ágil. Outro aspecto já visível nas coberturas, muitas vezes feitas por celular sem as melhores condições técnicas, é que o conteúdo vai impor-se cada vez mais sobre a forma. A apuração será menos custosa e mais leve, portanto. Pode-se imaginar cada vez mais núcleos de formulação e processamento (planejamento e edição) atuando em redações físicas, ainda que menores e mais dispersas, enquanto o núcleo apurador (reportagem, apresentação e colunismo) vai movimentar-se com mais agilidade e velocidade.



Audálio Dantas

Se **Audálio Dantas** estivesse vivo, o que diria sobre as lições e o legado da crise da Covid-19 e sobre o futuro

não só do jornalismo, mas do Brasil? Quem decidiu fazer uma pergunta parecida com essa a dezenas de amigos de Audálio foi sua filha **Juliana Dantas**, numa homenagem pela passagem, em 30 de maio, do segundo aniversário da morte dele. Os áudios, com os depoimentos, estão reunidos no especial do projeto *Finitude* que ela apresenta e que tem tudo a ver com o espírito deste especial de J&Cia. Falaram, entre outros, **Caco Barcellos**, **José Hamilton Ribeiro**, **Juca Kfourri**, **Ricardo Kotscho**, **Fernando Morais**, **Maurício de Sousa** e **Eliane Brum**. Confira [aqui](#).



Nossa homenagem
a quem está na linha
de frente do combate
à desinformação.

Quem diria que em meio a uma pandemia
teríamos que enfrentar também
um outro inimigo: a desinformação?
Parabéns aos profissionais da imprensa,
que lutam diariamente para levar
informação e verdade à população.

1º de junho.
Dia da Imprensa.



SAMSUNG

amil



Rafaela Cassiano

Miriam Leitão

Âncora de programa homônimo na GloboNews, comentarista de Economia na CBN e na TV Globo, além de colunista de O Globo

A pandemia levou-nos de volta ao jornalismo de serviços, a preocupação de ser útil a cada dia. Repórteres, âncoras, comentaristas saíram de todas as áreas que dominam para ouvir a ciência. Vimos o quanto os especialistas são necessários. Recentemente, muitos repórteres desse setor perderam o emprego. Hoje, eles fazem falta nas redações. Todos têm agora que ouvir os cientistas, os epidemiologistas, os médicos para levar aos ouvintes, leitores, telespectadores a informação qualificada sobre a pandemia que nos atinge.

Nada ficou no lugar desde que essa tragédia começou. As instituições estão sendo testadas no seu limite pelo presidente da República, que não faz o seu papel, eleva diariamente o grau de conflito com os seus supostos adversários e ataca insistentemente a imprensa. O mundo tem duas crises, uma sanitária e uma econômica. Nós temos três, porque aos dois flagelos se junta a crise política criada por Jair Bolsonaro.

Temos aprendido duas coisas: o quanto é necessário um jornalismo de qualidade e o quanto precisamos estudar diariamente para merecer essa confiança.

Quando, no começo de março, fui informada de que, pelo protocolo da empresa, tinha que ficar em isolamento, eu tomei um susto. Não que tivesse esquecido que tenho mais de 60, é que eu não sinto a idade. E queria participar dessa cobertura. Rapidamente encontrei os caminhos para estar no estúdio sem ter que sair de casa. Num cantinho da minha biblioteca instalei um celular como câmera, uma luz e um microfone. Pronto. Sou agora mais digital.

Essa é uma primeira mudança. Os editores podem fechar um jornal com uma redação vazia, tendo todos os jornalistas online. Eu escrevo minha coluna no Rio, o **Álvaro Gribel** fecha a coluna da casa dele em São Paulo, no jornal que é no Rio. Cada jornalista vive o desafio de trabalhar de forma diferente. Nas ruas, os repórteres entram ao vivo falando com máscaras. As entrevistas, reportagens, comentários e debates continuam sendo feitos. Está sendo um tempo difícil. Mas, estamos cumprindo nossa missão. Nosso primeiro jornal nasceu no exílio e, mesmo proibido pela Coroa, chegava às mãos dos leitores no Brasil. O jornalismo brasileiro não tem medo de desafio.



Ignácio de Loyola Brandão

Membro da Academia Brasileira de Letras

Em primeiro lugar, deixar a letargia, o acomodamento em que andou mergulhado, deitado sobre um mar de releases e de matérias prontas de assessorias. Também se acomodou, recebendo relatórios e dossiês.

Aprendemos a solidariedade, o estender a mão ao outro. A desconfiar totalmente de notícias oficiais e porta-vozes. A procurar assuntos humanos, a revelar as diferenças sociais, e a lutar pelos oprimidos (parece discurso dos anos 1960, mas é isso mesmo). Aprendeu a desconfiar e a batalhar para saber o que é uma *fake news*. Tem de aprender a enfrentar a grosseria, má educação, agressividade e cafajestismo que parecem dominar a chamada site social, política, econômica...

Circula por aí que, como escritor, prevejo as coisas. Com *Não verás país nenhum*, teria previsto o aquecimento global, a crise da água, a desertificação do Amazonas, a violência nas grandes cidades, as doenças estranhas surgindo. Com o *Desta terra nada vai sobrar*, teria previsto o fim do Ministério da Saúde, da Educação, o primeiro presidente sem cérebro do Brasil, os comboios levando mortos de epidemias e assim por diante. Na literatura posso usar a imaginação, trabalhar com o absurdo.

Mas prever, imaginar o futuro do jornalismo? Tenho visto é que cada cidadão, com seu celular, pode ser um correspondente, e isso amplia a cobertura. Mas criará problemas trabalhistas. Suponho que a mídia será inteira imagética e nos virá mais e mais e mais pelas telinhas dos celulares, tevês, mostradores de relógios, quem sabe nos anéis.

Tenho o pressentimento de que revistas voltarão a ter importância, desde que ampliem a visão, tornando-se veículos que nos explicam o que acontece, por que acontece, o que vai acontecer a partir daquilo. Assim, sairemos deste vazio de mininotas, textos-legendas, reviews. Mas para isso vamos precisar ter um Ministério de Educação não comandado por um analfabeto racista, moleque de rua, que só conhece palavrão. Vamos eliminar o analfabetismo, mas para isso vamos ter de colocar na escola todos os políticos, metade da população, muito ministro, muito remoto, vereador, governador. Utopias, sonhos, desejos, porque temos de saber primeiro se a imprensa vai existir com o mundo e as ideologias caminhando como estão...

1º DE JUNHO DIA DA IMPRENSA

Tão essencial quanto promover o abastecimento das casas brasileiras, é trabalhar para levar à população informações relevantes diariamente.

Nosso reconhecimento a todos(as) os(as) profissionais que dedicam-se a manter vivo o ofício do Jornalismo.



GPA
Pelo poder de escolher



vivo

Uma homenagem da Vivo para quem, assim como nós, tem cobertura no Brasil inteiro: a imprensa.

A Vivo parabeniza todos os profissionais que fazem parte da imprensa brasileira.



4.5G + FIBRA

#temvivoprattutto

vivo.com.br/temvivoprattutto



SAMSUNG

amil



Leão Serva

Diretor de Jornalismo da TV Cultura (SP)

A magnitude do impacto da maior epidemia de nossa história desde 1919 é tão grande que é quase impossível resumir em algumas poucas linhas. Mas eu arriscaria dizer que os principais impactos são:

a) Estamos testemunhando um fato inédito sem paradigma nos últimos cem anos; isso é uma chance única de participar da história do planeta e do jornalismo, em particular, o que é uma grande oportunidade. Sob esse aspecto, sinto que nossa geração é muito privilegiada e temos o desafio de produzir algo que será lido e estudado pelos historiadores do futuro. Estamos escrevendo a primeira versão de um capítulo importantíssimo da história.

b) A natureza desse fenômeno exige para sua cobertura um permanente aprendizado de diversos aspectos do conhecimento: medicina, ciência, história, saúde pública, economia, psicologia social, política. Isso está nos forçando a um aprendizado intensíssimo e plural. Que me parece a essência do jornalista do futuro, como foi no passado longínquo.

Volto à minha tese de que "o jornal do futuro é o jornal do passado" (e entre eles dois existiu um fenômeno passageiro, que durou apenas 150 anos, que poderíamos chamar de "fábricas de notícias", que estamos vendo desaparecer).

c) A pandemia desorganiza as sociedades; as mais desorganizadas sofrem mais, as mais organizadas, se dão melhor. Isso, paradoxalmente, criou no Brasil um impacto muito forte sobre os setores reacionários, incultos, negacionistas, extremados, cuja comunicação estava baseada em um modelo instável, as redes sociais; e requalificou e aumentou o reconhecimento social dos setores mais organizados da sociedade, instituições tradicionais: a saúde pública, a imprensa, as universidades, os partidos tradicionais, o Parlamento, a Justiça...

Creio que o Jornalismo de amanhã será mais forte do que nos últimos anos e isso se afirmará em diversos âmbitos da atividade jornalística, como influência, respeito à liberdade de imprensa e reconhecimento da necessidade da informação para o desenvolvimento da vida democrática. Cito exemplos:

a) Os empreendimentos jornalísticos tornar-se-ão mais sólidos do que foram desde que a revolução tecnológica abateu o ciclo econômico do jornalismo, tal como ele havia se estabelecido desde meados do século 19. As "fábricas de notícias" sustentadas pela publicidade se inviabilizaram e novas formas de financiamento, baseadas na relação direta com o consumidor (na "circulação" e não na "publicidade") ainda não se consolidaram inteiramente. Nesse sentido, os veículos de comunicação serão menores, mais focados, menos generalistas, dependerão mais do consumidor e estarão sob um escrutínio mais forte dele. Imagino um futuro novamente de muitos veículos, superando a fase de monopólio de uns poucos, que marcou o final do século 20. Imagino por isso mesmo veículos menores, sem adereços e penduricalhos que foram se incorporando ao longo das décadas, que já não mais se justificarão. Vou citar exemplos: para leitores interessados em humanidades, veículos

com informações de bolsa não farão sentido; em veículos noticiosos, páginas de entretenimento como horóscopo, quadrinhos etc. não existirão.

b) O reconhecimento do jornalismo como palco da chamada "esfera pública" arrefeceu-se nos últimos anos (em um ciclo de que faz parte o crescimento dos movimentos de natureza fascista, de direita e esquerda, em diferentes países). Creio que vamos viver um retorno do respeito à esfera jornalística como ambiente ideal para o debate das questões de interesse público. Talvez menos em veículos que contenham a expressão de todos os lados do debate (como projeta o estilo norte-americano), mas pela afirmação de diferentes veículos representando, cada um, uma das diversas correntes de opinião (como projeta o estilo europeu).

c) Aposto que os próximos anos serão marcados pela redução do impacto disfuncional das redes sociais e por sua "broadcastização", institucionalização, com a submissão da comunicação entre pares a um âmbito restrito e a afirmação da comunicação de notícias pelos meios profissionais e especializados, constituídos para tal – desaparecendo, portanto, a confusão entre leitor e jornalismo e entre esses fenômenos híbridos e amorfos, sem compromisso com qualidade de informação ou interesse público. Isso deve reduzir o impacto negativo das redes sociais sobre a comunicação pública e, por isso mesmo, por exemplo, as próximas eleições devem ser marcadas por uma previsibilidade maior que a anterior.

d) A mudança do caráter do jornalismo nos próximos anos e décadas vai empoderá-lo e também forçá-lo a exercer um papel mais agudo no debate e no ambiente político do País, como ele abdicou de fazer ao longo dos anos finais do século 20 e início do século 21.

1º de junho, Dia da Imprensa.
Mais do que nunca, essencial

Uma homenagem da ArcelorMittal aos profissionais da imprensa, que, com ética e compromisso, contribuem para disseminação de informação relevante ao público e fortalecimento da democracia.



**NA CASA DE TODOS,
QUANDO ESTAMOS
TODOS EM CASA,
SÓ A IMPRENSA
CONSEGUE ESTAR.**

Uma homenagem da Via Varejo a toda a imprensa brasileira,
fundamental para o país em todos os momentos.

1º DE JUNHO. DIA DA IMPRENSA.


via**varejo**

Mauricio MenezesComentarista de rádio Tupi, Tempo Extra e CNT e apresentador do espetáculo de humor *Plantão de Notícias*

O surgimento do coronavírus provocará estragos não só no jornalismo, como também em todas as outras profissões. É um estrago tão grande quanto os que as *fake news* provocam. Principalmente na imprensa escrita, porque muita gente acreditou que até mesmo pegar um jornal significava risco de contaminação. E a imprensa toda foi apanhada de surpresa.

A cobertura de todos os órgãos foi extremamente confusa, porque não tivemos um órgão que centralizasse as informações. Num determinado momento, não se sabia mais o que era verdade e o que era invenção. Os empresários da comunicação começaram a sentir os efeitos econômicos da pandemia e muitos resolveram seguir as "orientações" do presidente Jair Bolsonaro e aí o nível de desinformação chegou ao máximo. Havia comentarista fazendo duras críticas ao isolamento e ao fechamento do comércio, mas eles mesmos trancados em casa; fazem o programa pela internet, talvez seguindo orientações de médicos ou de alguém da família, mas apoiando a abertura do comércio...

Foi possível observar que a imprensa, em sua esmagadora maioria, ainda depende das verbas federais. Com raras exceções, poucas empresas tiveram liberdade para agir de acordo com as orientações médicas. Um caso que expõe bem essa fragilidade veio do apresentador Sikêra Jr., da RedeTV. Ele apresenta um programa policial e, seguindo as orientações da casa, criticava o isolamento, dizia que todos deviam trabalhar para sobreviver, dançava diante das câmeras com o pessoal do programa, todos sem máscaras, e quando contraiu coronavírus deu uma declaração que foi definitiva:

"Cuidem-se. Não sejam irresponsáveis como eu fui..."

Quando essa pandemia acabar, ninguém sabe quando, o mundo será outro, não só para os jornalistas. Temos que despertar para a grande campanha cujo objetivo é nos desmerecer, tornar o nosso trabalho fruto de mentiras e a nossa função uma indignidade, capaz de afundar o País. Um exemplo disso aconteceu na cidade de Duque de Caxias, uma das mais importantes do Grande Rio. Uma equipe da Rede Globo filmava o comércio aberto e foi colocada para correr com ofensas de todo tipo. O mesmo aconteceu com outra equipe da Band. Moradores, gente humilde, comerciantes e ambulantes, tinham a mesma visão do trabalho da imprensa: uma farsa para prejudicar a cidade. Dias depois, o prefeito Washington Reis, que defendia a abertura de igrejas para que Deus recebesse as orações do povo, contraiu coronavírus e ficou vários dias internado num hospital na zona sul do Rio, a 50 quilômetros de Caxias. A cidade apresentou um dos mais altos índices de contaminação da população e de mortes.

Dias depois o presidente da República debochou do fato de muitos jornalistas estarem sendo demitidos e outros sofrendo com a redução de salários. Em seguida reuniu a nata empresarial de São Paulo, não para pedir ajuda para as vítimas do coronavírus, mas para criticar os que anunciam na mídia. Pediu, com todas as letras, o cancelamento dos anúncios.

Que os que pensam diferente do atual presidente não se animem, porque nos governos anteriores não foi muito diferente. É preciso lembrar o canto "o povo não é bobo, abaixo a Rede Globo". É preciso lembrar a tentativa de incendiar a Veja. É preciso lembrar a tentativa de expulsar o correspondente do New York Times.

Rádios, Jornais, TV e outros meios deverão passar por um profundo enxugamento. Eu e outros colegas da rádio estamos há vários meses em casa, entrando no ar via internet, sem que a audiência tenha sofrido qualquer mudança. Em alguns horários até aumentou. Temos que ter atenção com isso: a campanha para nos desmerecer é cada vez mais forte. Regina Duarte, ao ser dispensada, disse que não acredita na imprensa. Não falou isso quando era a namoradina do Brasil e vivia na mídia, sendo elogiada.

Vai ser tolice pedir união, porque muitos empresários de comunicação apoiam quem quer nos destruir.

Dora Kramer

Colunista de política de Veja e BandNews FM

A pandemia reafirmou o valor de lições antigas sobre o compromisso do jornalismo com a sociedade acima de alianças com as fontes, e da absoluta fidelidade com a precisão das informações. Mais vale a informação correta que a notícia dada em "primeira mão". Mais vale ser preciso do que ser rápido, quando a velocidade põe em risco a veracidade e, por consequência, a credibilidade.

Quanto às transformações, tampouco há ineditismo, mas a confirmação de tendências, sendo a principal a consolidação do trabalho remoto como método e, por consequência, sua ampliação. Há outra: como essa fase de crise fez crescer muito a presença da internet, teremos (notadamente nós, das gerações mais antigas) de nos adaptar à sua dinâmica com mais rapidez. Todos, os mais jovens e os mais velhos, necessariamente vamos nos aprimorar para enfrentar a "concorrência" dos amadores. Isso se faz na aliança com o leitor, tendo como fundamento o rigor na qualidade da informação e da análise.

A IMPRENSA nunca vai se calar.



Joaquim Maria Botelho

Ex-presidente da União Brasileira de Escritores (UBE), atualmente dedica-se à produção de livros institucionais e palestras

Missão inconfiante

O médico não abandona seu paciente. Ainda que a contragosto dele. Ainda que seja desrespeitado e humilhado por quem supõe que a sua ignorância o proteja, isto é, que o fato de não saber das coisas fará com que não seja contaminado. E ainda que receba evidências de que o paciente o considera desnecessário.

Em época de pandemia, e com os recursos das redes sociais, todo mundo pode postar – e posta – opiniões sérias ou qualquer batatada que lhe venha à mente. Sobre o mesmo tema, milhares de opiniões diversas. Uma boa parte delas seguindo apenas um preceito: para mostrar que sou inteligente, preciso ser do contra.

O jornalista não abandona a sua missão. Precisa ser do contra, muitas vezes, não para mostrar inteligência, mas para escancarar o que precisa ser visto por quem ignora.

Humilhado, deixado de escanteio, sujeito a obstrução para obter informações, o jornalista poderia abandonar a missão espinhosa de cobrir os desmandos de um governo esquizofrênico e mal-intencionado. Poderia deixar de noticiar as falas provocadoras e tirar, do mau príncipe, a tela e a página, e ele morreria politicamente pelo esquecimento. Mas o jornalismo não é feito para os ignoros, mas para todos – os ignoros e os que ignoram. E o jornalista não vai abandonar a sua missão.

Aqueles, que chamam de comunistas a todos os que discordam, não se cansam de afirmar que não veem a Globo e não leem a Folha, O Globo, O Estadão e a CartaCapital. Preferem ficar com a visão reducionista das redes engajadas. E se acham portadores da notícia, dos fatos. Mas até esses estão muito bem informados pela imprensa, admitam ou não, concordem ou não.

Sem a imprensa, não saberíamos das falácias, malandragens, ameaças e recados dos maus governantes. E esses não teriam receio de continuar a praticar tudo isso. Sem a imprensa, também não saberíamos das pesquisas, das contribuições da tecnologia para o bem geral, das ações de solidariedade.

A imprensa tem pressupostos e técnicas. E bate no tambor com tanto mais força quanto mais alarmante ou revigorante é um fato.

Após o término da pandemia da Covid-19, uma coisa é certa: a fissura que se abriu na sociedade brasileira continuará aberta. Terá toda a aparência de guerra, como agora, neste mesmo instante, já tem. E, em guerra, é preciso combater. Com as melhores armas de que dispomos: informação (*quae sera tamen*), liberdade (*libertas quae sera tamen*) e resistência pacífica.

**Jornalismo pautado
em fatos e relações
construídas com
verdade e confiança.
Eis o que celebramos
neste 1º DE JUNHO.**



Juntos. De mãos dadas, ou não.
#JuntosPeloMelhor



**mercado
livre**



SAMSUNG

amil



Germano Oliveira

Diretor de Redação da IstoÉ

Quando comecei a trabalhar, no início dos anos 1970, jornal era impresso em linotipo, a chumbo, e o jornalista escrevia em máquina de escrever, a velha Remington. Depois veio a impressão em *offset*, telex, telefoto, celulares, *laptop*, computadores, alta tecnologia, tempo real, sites. E os veículos impressos foram perdendo força, dando lugar à expansão do online, embora jornais e revistas ainda tenham muito tempo de vida. Foram mudanças em uma velocidade impressionante, se considerarmos que isso aconteceu em um curto espaço de tempo, de 40 anos. E quando tudo parecia que ficaria por aí, com a tecnologia ditando as regras, veio a Covid-19. E aí tudo virou de ponta-cabeça.

Jornalistas trabalhando de casa, transmissões pela internet, *lives* e muitos sem colocar os pés na redação há semanas. Quem imaginaria que isso iria acontecer? E a qualidade dos produtos não caiu. Afinal, a maioria dos profissionais foi criada dentro de apertadas redações, barulhentas, fumaça de cigarros, gritos, choros, explosões de alegria. Isso nunca mais se verá nas redações que restarão da pandemia.

Mesmo depois que o coronavírus for embora, o jornalismo não será mais o mesmo. Ficou claro que muitos profissionais podem trabalhar de casa, transmitindo comentários para emissoras de rádio e TV por *lives*, mídias sociais, grupos de WhatsApp, internet. Enfim, uma infinidade de meios que dispensam a presença física nas redações. E isso veio para ficar. O trabalho em *home office*, que já era intenso nos Estados Unidos, por exemplo, virá para valer em todas as redações, sobretudo as dos veículos impressos. Reuniões de pauta com os repórteres podem muito bem ser feitas pelo Zoom ou por WhatsApp. As pautas podem ser transmitidas também por esses meios. Os textos dos jornalistas estão sendo transmitidos por meio desses recursos tecnológicos e isso veio para ficar. É evidente que ainda uma função ou outra ainda terá que ser feita presencialmente. Mas 80% da parte operacional pode ser realizada à distância.

O que ainda não é possível é eliminar o trabalho do repórter de campo. Este, afinal, seja qual for o modelo que venha a prevalecer daqui em diante, será indispensável. Ele ainda terá que continuar indo para a rua, entrevistar as pessoas *in loco*, relatar seus dramas, sentir suas emoções, suas tragédias. Mas o repórter que necessita apenas ouvir suas fontes, levantar dados nas diversas instituições, pode muito bem fazê-lo por celular, pelos sites, reproduzindo os dados depois por *lives* e pelos diversos canais tecnológicos, como está sendo feito agora neste momento de pandemia. Isso veio para ficar. Nunca mais será o mesmo. Sou do tempo em que certas imagens, sobretudo as feitas por câmeras de celular, eram proibidas de irem ao ar em emissoras de televisão. Não tinham qualidade, alegavam os diretores de TV. Hoje, o que mais se vê são relatos de pessoas por celulares. Muitos telespectadores acabam até se transformando em repórteres. O mundo mudou. E a Covid-19 veio para mudar tudo ainda mais. A partir de agora, o jornalismo não será mais o mesmo. Inclusive quando o coronavírus for embora. Entramos em uma nova era.

1 DE JUNHO DIA DA IMPRENSA

[B]³

**LIBERDADE
DE
EXPRESSÃO
PASSA
POR UMA
IMPRENSA
ATIVA E
PRESENTE.**

Por isso vai aqui o nosso agradecimento aos profissionais e veículos de imprensa que trabalham incansavelmente para reportar os fatos que nos ajudam a construir uma sociedade livre e democrática.

Obrigada.

B3, A Bolsa do Brasil



amil

XP inc.

GERDAU
O futuro se molda

SAMSUNG



Leonardo Attuch

Diretor do Brasil 247

A meu ver, há várias lições. A primeira delas é sobre a própria importância do jornalismo. Nunca houve tanta demanda por informação de qualidade como agora e isso se refletiu nos números de audiência de vários veículos de comunicação. No caso do Brasil 247, nós nos aproximamos de 100 milhões de visualizações de páginas/mês em abril, com quase 25 milhões de visitantes únicos. Na TV 247, alcançamos uma importante marca, que é a de 550 mil inscritos no canal no YouTube.

A segunda lição diz respeito ao erro histórico da mídia corporativa, que foi igualar, na campanha presidencial de 2018, um radical de extrema-direita, hoje presidente, e um moderado professor universitário, como se fossem dois extremos da política brasileira. Por ter um negacionista no poder, que faz campanha diária contra o isolamento social, o Brasil caminha para ser o epicentro mundial da pandemia, mas a imprensa comercial até hoje não fez sua autocrítica.

A terceira lição é sobre o uso de tecnologia da informação para a produção da informação. A comunicação, especialmente dos veículos digitais, foi uma atividade que pôde rapidamente se adaptar ao trabalho remoto, sem prejuízo da qualidade e da audiência.

Um dos impactos da pandemia, a meu ver, será o fim do jornalismo impresso antes do que se previa. O papel está condenado. Não apenas o de jornais e revistas, mas também o próprio papel-moeda. A sociedade tende a caminhar para um modelo 100% digital.

Outro impacto é a legitimação de um modelo não-presencial de telejornalismo. Todos os formadores de opinião do Brasil hoje já estão aptos a participar de entrevistas por videoconferência. Quando alguém for convidado para uma entrevista, na TV 247 ou em qualquer outro veículo, a tendência será dizer "manda o link" e não "me passe o endereço da redação ou do estúdio".

A organização das empresas também tende a mudar, com o uso de menos espaço de escritório e mais teletrabalho. No telejornalismo, os efeitos especiais e a maquiagem serão menos importantes do que o conteúdo em si.



Juliana Kunc Dantas

Apresentadora do *podcast* Finitude, sócia-fundadora da Rádio Guarda-chuva, a primeira rede do Brasil a dedicar-se exclusivamente a *podcasts* jornalísticos

Foi necessária uma pandemia para resgatar boa parte da confiança que a imprensa vinha perdendo em tempos de pós-verdade. É triste que a gente tenha precisado de tragédia tamanha para valorizar o jornalismo. Neste momento, fica ainda mais claro o papel da mídia na defesa de valores fundamentais e da vida – e que sem imprensa não há cobrança das autoridades. É claro que ainda falta muito, sobretudo entre a parcela negacionista da população. Mas há um resgate relevante de credibilidade. Numa hora como essa, é literalmente questão de vida ou morte ouvir quem faz um trabalho sério.

Infelizmente, mesmo com a explícita necessidade de investimento em jornalismo, o trabalho dobrado ou triplicado dos jornalistas, há diversas redações que estão promovendo cortes de salário e (teóricas) diminuições de jornada, mesmo em meio à pandemia. É urgente que se revejam os mecanismos de valorização do jornalista dentro de cada emissora, portal ou publicação para que o ofício seja sustentável. Os profissionais da imprensa precisam ser reconhecidos, valorizados – não só em termos financeiros, como também em condições de trabalho. Os *podcasts* independentes começam a se despontar como uma saída para diversos jornalistas que querem exercer o trabalho sem amarras editoriais e sob uma dinâmica diferente de serviço. Mas ainda há um longo caminho pela frente até que as marcas percebam que investir em parceria comercial com esse tipo de veículo faz parte do futuro.



Ana Brambilla

Professora e pesquisadora do Master Negócios de Mídia e editora da Orbis Media Review

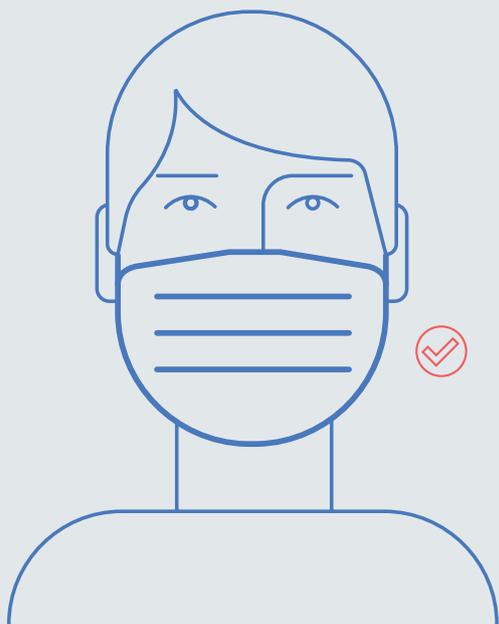
A pandemia veio ensinar que o jornalismo só tem valor real quando impacta de forma concreta na rotina das pessoas. A forma avassaladora como o coronavírus impôs-se ao mundo fez com que estar bem informado pudesse ser a diferença entre a vida e a morte. Foi por meio da imprensa que reorientamos nossos hábitos, que aprendemos como evitar o contágio e como conviver cercados pela incerteza constante.

Justo o jornalismo, aquele que busca afirmações para um retrato da realidade, precisou adaptar-se ao momento em que as dúvidas proliferavam tanto quanto o vírus: dúvidas quanto às informações que circulavam, dúvidas sobre novos métodos de trabalho, dúvidas sobre o futuro da própria atividade.

Por outro lado, foi para eliminar parte de suas dúvidas que o público se reaproximou dos veículos e nos mostrou que, apesar da overdose informativa, o jornalismo profissional ainda é o porto seguro dos momentos críticos da humanidade. Aliás, este é um bom momento para refletir sobre se estamos fazendo jus à confiança e correspondendo, de fato, aos anseios das audiências. Elas estão vindo a nós; o quanto nós vamos a elas?

Em função dessa reaproximação do público e por sermos obrigados, dia a dia, a noticiar centenas de mortes, espero que tenhamos aprendido a enxergar as pessoas – essas, que são a razão de existir do nosso trabalho – de um jeito mais humano e acolhedor.

De forma pragmática, vejo as estruturas dos veículos mais enxutas, tanto em termos de equipe quanto de instalações, por conta da popularização do *home office* e da limitação dos gastos. Percebo que, apesar da instabilidade econômica que a pandemia deixa, o jornalismo dependerá cada vez mais do público para sobreviver, por meio da venda de assinaturas, de doações ou de programas de *membership*. Isso fará com que os laços entre redações e comunidades se estreitem, dando um novo fôlego aos veículos locais, cuja relevância projeta-se enormemente no dia a dia de uma sociedade fragilizada, cheia de demandas informativas muito concretas e aplicáveis para recomeçar.



Usar máscara salva. Mas tem que usar do jeito certo.

Tire todas as suas dúvidas sobre máscaras via WhatsApp.

Todos os dias surgem **novas dúvidas** a respeito da máscara de proteção. Por isso, criamos um **número no WhatsApp** para esclarecer todas elas. Mande uma mensagem com a sua.



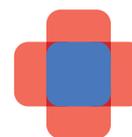
(11)

99297-5054

A única dúvida que você não pode ter é se deve usar a máscara.

Se precisar sair de casa, não se esqueça: usar máscara salva.

#MascaraSalva



todos pela saúde



André Petry

Diretor de Redação da piauí

São muitas as lições, mas não são novas. A pandemia revelou que o jornalismo científico que praticamos ainda é precário, como já havia sido demonstrado na epidemia do vírus da zika, por exemplo. Também mostrou as enormes dificuldades que temos para entender e cobrir a vida dos milhões de brasileiros que vivem nas periferias, hoje os mais afetados pela Covid-19. Mostrou, ainda, que a precariedade crescente da imprensa – que emprega menos, paga menos, capacita menos, viaja menos – vem em prejuízo do jornalismo e do País. Se o Brasil tem alguma ambição como nação, se tem algum projeto de explorar sua fascinante originalidade,

se quer algum futuro – e lamento que o atual ciclo de destruição implacável das instituições me force a colocar tudo isso no condicional –, então é preciso encontrar meios de sustentar e fortalecer o jornalismo.

A pandemia resgatou a importância crucial e tradicional do jornalismo. Essa é a notícia boa. O papel essencial do jornalismo sempre foi o de fiscalizar o poder. E a pandemia, sobretudo num país como o Brasil, governado por um negacionista aloprado, resgatou em parte a relevância dessa missão do jornalismo. Os números sugerem, inclusive, que um pedaço da sociedade, distraída com a aparente abundância digital de informações, voltou a se lembrar da importância vital do jornalismo. Vale lembrar que isso, em vez de consolidar, amplia ainda mais o compromisso dos jornalistas com a informação de qualidade.

Não sei nada sobre o futuro, mas uma coisa parece inquestionável: essa pandemia vai acelerar a digitalização dos veículos de imprensa. Caberá aos jornalistas (e aos donos da mídia, se eles não forem pulverizados pelo mundo digital no futuro) fazer com que essa transformação venha para o bem.



Helena Chagas

Colunista no site Os Divergentes, ex-titular da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República

Difícil falar de legados e lições ainda no curso da pandemia, que não temos a menor ideia de quando vai acabar. Mas acho que só essa constatação, a sensação de incerteza e insegurança, já nos traz uma lição. Mais do que nunca, nós, jornalistas, que sempre andamos atrás de respostas, certezas, prazos, confirmações, estamos tendo

que encarar nossa própria impotência diante de um fato que não conseguimos ainda nem entender direito. Corremos atrás de informação o tempo todo, mas não sabemos – nem para dizer aos nossos leitores e espectadores e nem para acalmar a nós mesmos – quanto tempo essa situação vai durar, como será depois, se a pandemia vai voltar uma, duas, três, muitas vezes – ou até nenhuma.

Essa é uma dura lição para quem, por força da profissão, se acostumou a ser racional, lógico, porta-voz do bom senso e da verdade. Em matéria de pandemia – e de suas consequências –, somos pequenos, insignificantes. Não sabemos nada e temos que ter a humildade de reconhecer isso. Passar do concreto ao impermanente: hoje estamos aqui, amanhã não estamos mais. Olhamos em volta e vemos personalidades, parentes, amigos e tanta gente mais tendo suas vidas ceifadas Covid-19. Num vapt-vupt, entramos em contato com a nossa própria fragilidade.

Se isso é uma lição de vida para qualquer ser humano, é também uma lição profissional para o jornalista: temos que ouvir mais, fazer mais perguntas do que dar respostas, ter menos certezas e mais questionamentos.

Não posso falar de jornalismo na pandemia sem homenagear os colegas que estão todos os dias na linha de frente das ruas, dos hospitais, dos cemitérios, do cercadinho do Alvorada onde são destratados. A cada dia, superam os próprios medos, dúvidas, inseguranças e riscos para cumprir suas pautas. No meio de tanto sofrimento, iniquidade – e maldade – encontram forças para acordar e voltar no dia seguinte. São a prova viva de que nem a pandemia, e nem a bestialidade de tantos que aparecem pelo caminho vão acabar com o jornalismo...

Difícil prever como será o jornalismo do amanhã quando vivemos uma crise tão séria no jornalismo de hoje. Do ponto de vista econômico-financeiro, acho que vamos passar por alguns anos de muita dificuldade, no rastro da recessão que virá – pior ainda do que a que já vivíamos antes da pandemia. Novas tecnologias que viraram de ponta-cabeça o modelo de negócios da comunicação e precarizaram mais ainda a profissão. Legiões de desempregados e subempregados, gente se reinventando em outras atividades.

Mas aí é que está! É enorme a capacidade de reinvenção do jornalista. A tecnologia que tira empregos também abre espaços para que se exerça a profissão de outras maneiras, e tenho confiança de que vamos dar um jeito. As grandes redações, com sua parafernália, não existem mais. Mas a necessidade de apreender a realidade, traduzi-la e passá-la para alguém, seguindo princípios éticos e profissionais pautados pelo interesse público, continua existindo. A demanda da sociedade por informação com credibilidade, aliás, será cada vez maior em meio a esse mar de desinformação e contrainformação despejado permanentemente sobre a cabeça do cidadão. É por isso que eu acho que o jornalismo é a profissão do futuro.

Boris Feldman



Especialista no segmento automotivo, mantém o *Auto Papo* em quase 40 rádios, colunas para sites e portal próprio, parceiro do UOL.

Em primeiro lugar, resgata parte da credibilidade da imprensa tradicional. Que volta a ser considerada fonte mais segura (ou menos insegura?) de informações nesse tiroteio de falsidades em redes sociais. Além disso, em termos operacionais, revela que o *home office* não é tão complicado quanto parecia. Dá para praticá-lo na mídia impressa e eletrônica sem grandes prejuízos no ritmo nem no volume.

O jornalismo vai migrar mais rapidamente para a eletrônica. E inexorável que o impresso vá buscar seus nichos.

Especificamente no caso do especializado em automóveis, os veículos terão que ser mais dinâmicos e partir para a filosofia (que já praticamos no *Auto Papo*) de "sair da caixinha", arregaçar as mangas, procurar ser mais investigativo e focar o consumidor.

E, menor dependência das pautas das multinacionais do setor.

A Vale está ao lado do Brasil para superarmos juntos este momento desafiador



Hospital de campanha.



A Vale tem um compromisso com o Brasil.

Em um dos períodos mais difíceis da história do nosso país, a Vale se colocou à disposição desde o início.

Ao todo, está trazendo 11 aviões de carga em um grande esforço de ajuda humanitária.

Já foram doados 5 milhões de kits de teste rápido.

Para os profissionais de saúde serão 30 milhões de itens como máscaras, luvas e aventais.

A Vale também está aumentando o número de leitos com a construção de hospitais de campanha e reforma de antigos hospitais, além de fazer a doação de 100 toneladas de álcool gel.

Ao mesmo tempo, a Vale já adiantou pagamentos para aproximadamente 3 mil pequenos e médios fornecedores.

Com serenidade e responsabilidade, e colocando à disposição tudo que estiver ao nosso alcance, vamos superar juntos este momento.

Conheça outras ações em: vale.com/coronavirus





amil

XP inc.

GERDAU
O futuro se molda

SAMSUNG



Marcel Naves

Coordenador da allTV

Entendo que uma das principais lições deixadas pela crise da Covid-19, quando falamos em jornalismo, está na necessidade de literalmente termos de reaprender a fazê-lo. A pandemia conseguiu escancarar a existência de um verdadeiro abismo entre a notícia e os inúmeros interesses que a deformam. Se por um lado os veículos de imprensa mostram-se cada vez mais tendenciosos, por outro nossas autoridades buscam justificar de qualquer maneira suas ações, por mais bizarras que sejam.

Um fato que não é segredo, podendo ser notado claramente na dramática necessidade da população em saber o que realmente acontece. Um anseio, que creio plenamente, ser o combustível necessário para manter em funcionamento esta indústria à qual inocentemente chamamos de *fake news*, e que certamente vai além de falsas notícias.

Esta ausência de credibilidade da imprensa alimenta a ilusão de que qualquer aparelho de celular pode ser uma emissora, e que todo cidadão tende a ser um jornalista! O jornalismo responsável deve estar acima de todos! E a informação verdadeira acima de tudo!

Já se foi a época dos grandes conglomerados de comunicação, dos detentores absolutos da opinião e dos impérios da notícia. Hoje vivemos a época da pulverização do fazer jornalismo. A cobertura jornalística está solta entre os pequenos formadores de opinião, nos grupos de jornalistas independentes e nas microempresas. A internet é há muito tempo a grande ferramenta e responsável por uma mudança constante no setor.

É óbvio que os barões da imprensa já se voltaram para isso, mas quase que sem sucesso. Isto torna quase que diária a existência de iniciativas milionárias de grandes veículos no lançamento, por exemplo, de sites, que não duram mais que alguns meses. E isso sem contar com a massificação que algumas emissoras tentam fazer desesperadamente, com a utilização de algumas redes sociais.

Mas, no meu entender, a grande questão está na realidade de que nenhuma dessas ações consegue atingir o público que durante décadas sempre foi ativo, mas totalmente menosprezado. A periferia está falando, as minorias opinando e a população aprendendo a caminhar cada vez mais pelos seus próprios passos. Hoje, os pequenos são grandes!



Luís Nassif

Diretor da Agência Dinheiro Vivo e do Jornal GGN

A principal lição é deixar claro que, nas últimas décadas, o jornalismo abandonou temas relevantes, como a universalização da saúde, da educação, a importância da distribuição de renda e da inclusão social, em favor de uma visão rasa de mercadismo.

Enxergar o exercício do jornalismo como o da defesa da solidariedade, do humanismo e dos valores civilizatórios, especialmente no exercício pedagógico diário de enfrentar a barbárie bolsonarista.

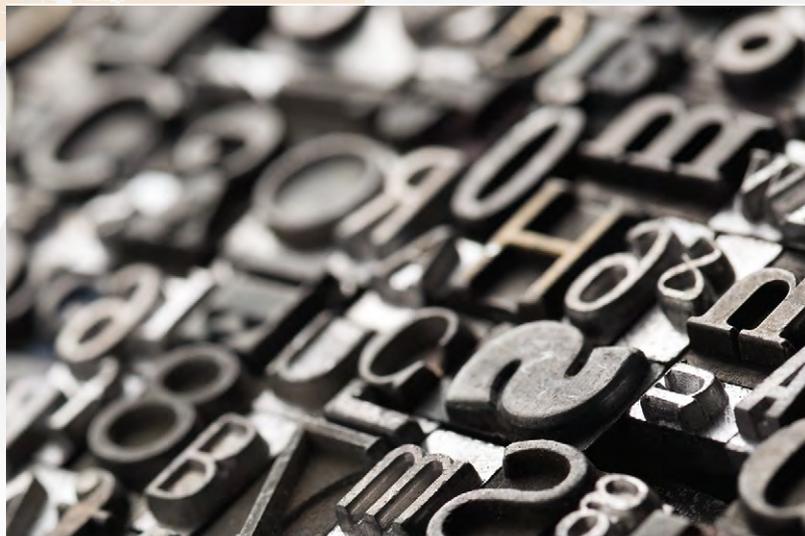


Lucas Figueiredo

Escritor, atualmente trabalhando na biografia de Juscelino Kubitschek, a ser publicada pela Cia das Letras

Em tempos de terraplanismo em alta e consumo desenfreado de *fake news*, a crise serve para valorizar a informação de qualidade produzida por jornalistas. Mas fica claro que, com redações desfalcadas, a grande imprensa tem pouco fôlego para o trabalho de campo mais aprofundado – sobra opinião, falta reportagem. Quem se limita a consumir a mídia tradicional não sabe o que acontece nas periferias das cidades e no interior, salvo as exceções de praxe. Sedento de informação, o leitor recorre cada vez mais a veículos que atuam em faixas alternativas, sobretudo na internet. São sites independentes do esquema comercial, que operaram com grande apetite pela reportagem e acesso a lugares aonde a mídia tradicional pouco chega. Contudo, as restrições financeiras desses veículos menores infelizmente limitam bastante a oferta de informação de qualidade.

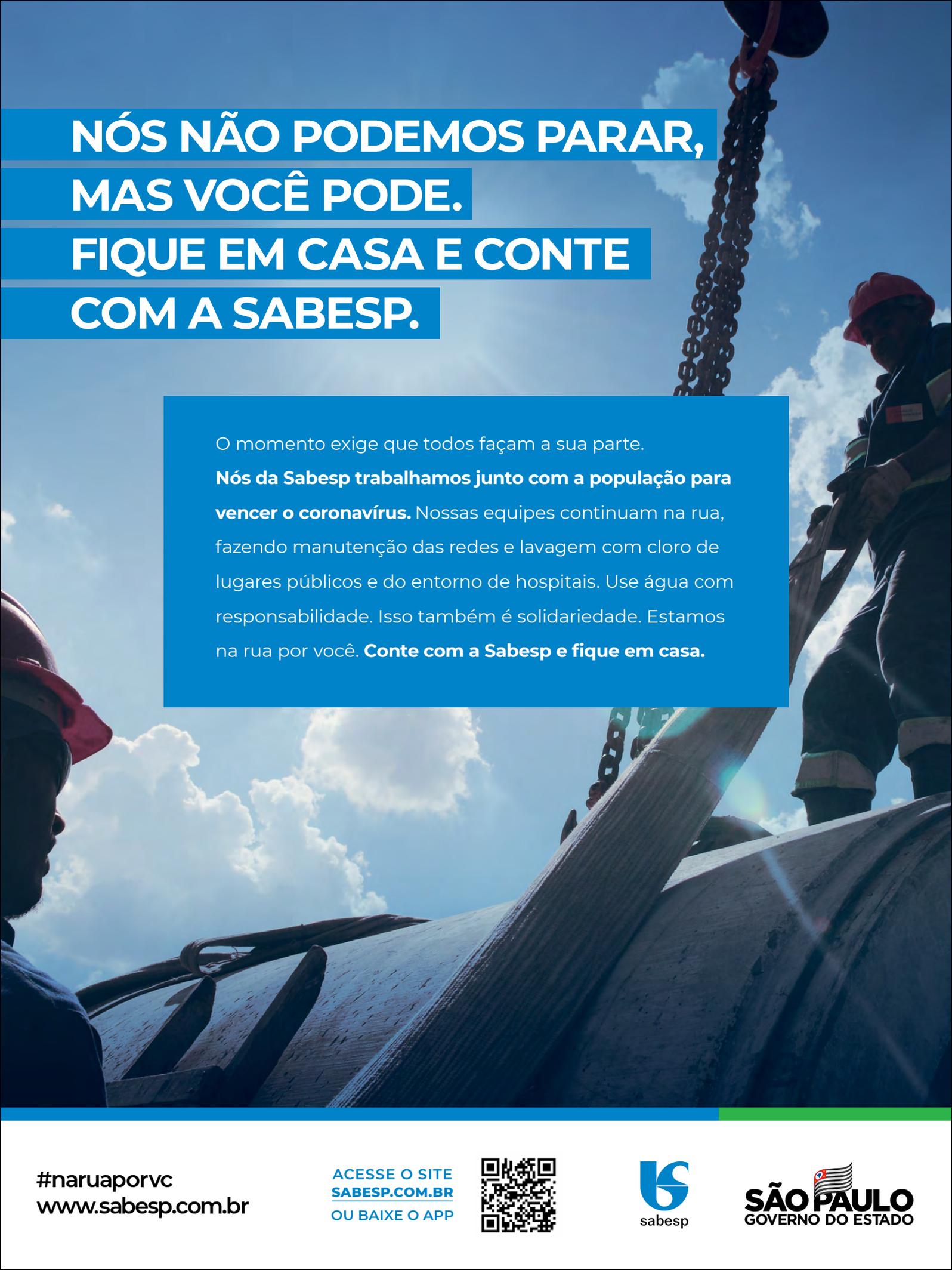
Ainda que a mídia tradicional vá usufruir da valorização da informação de qualidade, o modelo de negócio das grandes empresas continuará em decadência. Mas os veículos alternativos mais aguerridos continuarão a crescer, amparados sobretudo nas vaquinhas virtuais. O público finalmente começa a compreender que é preciso pagar por informação de qualidade, e ela não necessariamente será oferecida pela mídia convencional.



Todas as grandes crises deixam fortes aprendizados.

A Tereos acredita que entre os grandes legados do momento atual estão a maior atenção com a **saúde** e com a **informação correta**, vinda de fontes confiáveis. É o que a imprensa brasileira tem feito nesses momentos únicos de nossa história, com seus profissionais exercendo um papel crucial em todas as plataformas de comunicação.

Neste 1º de junho, **Dia da Imprensa**, nós, da Tereos, seguimos na fabricação de açúcar, amidos e energia, produtos essenciais para a sociedade, e valorizando o compromisso de vocês com a verdade.



NÓS NÃO PODEMOS PARAR, MAS VOCÊ PODE. FIQUE EM CASA E CONTE COM A SABESP.

O momento exige que todos façam a sua parte.

Nós da Sabesp trabalhamos junto com a população para vencer o coronavírus. Nossas equipes continuam na rua, fazendo manutenção das redes e lavagem com cloro de lugares públicos e do entorno de hospitais. Use água com responsabilidade. Isso também é solidariedade. Estamos na rua por você. **Conte com a Sabesp e fique em casa.**

#naruaporvc
www.sabesp.com.br

ACESSE O SITE
SABESP.COM.BR
OU BAIXE O APP





amil

XP inc.

GERDAU
O futuro se molda

SAMSUNG



Paulo Markun

Diretor na Revanche Produções

Acho que a primeira lição é a da permanência da nossa missão coletiva e dos compromissos de busca da correção e do rigor, apesar de tudo. Nessa pandemia, o jornalismo tem cumprido sua tarefa no Brasil e no mundo, apesar dos ataques, das mentiras, da precariedade técnica das transmissões domésticas. De modo geral, temos conseguido ajudar a esclarecer a sociedade e dado voz aos cientistas e pesquisadores. E isso é um avanço a celebrar numa mídia em crise econômica e em transformação. Há bons exemplos de criatividade, dignidade e competência e cito apenas um, a manchete de O Globo abrindo espaço para o esforço coletivo da plataforma Inumeráveis e transformando números frios em pessoas reais. Há outros, da grande mídia e dos colegas que tentam seguir fazendo jornalismo, apesar de tudo.

Cedo ainda para imaginar se esses esforços deixarão um legado. Há muito a apurar e esclarecer. Por exemplo, as razões ocultas da busca de um remédio milagroso capaz de acabar com o vírus e a fixação na cloroquina ou na hidroxicloroquina. Ou o tamanho da subnotificação de casos e mortes.

Quando a internet começou a se disseminar, muita gente – e me incluo no grupo – acreditou que a democratização dos meios traria pluralidade, diversidade, jornalismo local, uma primavera florescente. A realidade mostrou-nos que a inovação gerou concentração impensável em grandes empresas mundiais de produção de conteúdo, a partir de milhões de cidadãos que não são remunerados por seu material – sem falar nas fake news e outras barbaridades do gênero.

Quem sabe na próxima curva da história ocorra algum ajuste nesse processo. Minha bola de cristal está tapada por máscara e viseira e prefiro não arriscar um palpite. Torço apenas para que sobreviva o suficiente para testemunhar o que virá.



Silvio Lancellotti

Escritor, colunista do R7

Nos meus 75 de idade, mais de 52 de Jornalismo, houve apenas uma outra situação em que me orgulhei, especialmente, e tanto, da profissão que escolhi e adotei, visto que sou arquiteto por diploma.

Foi naquele final de 1975, depois do assassinato de **Vlado Herzog**, quando a coragem e a determinação substituíram o medo, e a nossa categoria assumiu uma unidade majestosa em defesa, até mesmo, da sua literal sobrevivência. E agora eu sonho que, desta crise, tão incrível pela sua origem e tão insidiosa pelas suas consequências, advenha um legado semelhante: a batalha permanente pela verdade, pois a verdade é, porque é.

Transformações? Não enxergo e nem prevejo. Sincera e piamente, acredito que, no pós-Covid-19, e nem imagino como será um possível pós-Covid-19, do repórter de rua ao comandante de redação, manter-se-á em fogo olímpico aquilo que a crise acendeu: a entrega limpa da informação, mesmo que, aqui e ali, com as pinceladas inevitáveis da subjetividade de quem olha. A informação acima de tudo e de todos, se posso parafrasear o – ahn! – mote, que foi, desafortunadamente, utilizado como mera camuflagem. Os números, mais do que só as impressões, têm comandado toda a cobertura da crise. E, desta vez, não houve robôs ou ilusões capazes de distorcer os números. Como admitiu o arrependido governante de Milão.



Ricardo Balthazar

Repórter especial da Folha de S.Paulo

A crise que o País atravessa acentuou as dificuldades que os jornais vinham enfrentando há um bom tempo com a transição para o mundo digital e a perda de receitas publicitárias. A crise tende a acelerar transformações que já estavam em curso e desafia-nos a inovar também. As redações dos grandes jornais infelizmente encolherão e talvez alguns veículos desapareçam, mas há novos formatos surgindo, e novas formas de engajamento com os leitores. Falta encontrar um modelo sustentável para a indústria.

Dois aspectos que se tornaram evidentes nos últimos meses são encorajadores. Inseguras diante da pandemia, as pessoas anseiam cada vez mais por informação confiável e percebem com mais clareza o valor do jornalismo, o que tem atraído leitores, espectadores e ouvintes. A vitalidade do jornalismo que tem sido produzido no Brasil, apesar das dificuldades, mostra que há muito talento, energia e coragem nas redações, particularmente nas novas gerações, que sempre trabalharam em meio a crises.



Pedro Cafardo

Editor executivo do Valor Econômico

Maior legado é o ganho de credibilidade

Como escrevi no Valor, tudo o que se diz sobre o futuro pós-pandemia pode ser desacreditado em pouco tempo. É possível que, passada a hecatombe, as coisas tendam a voltar ao normal. Nós, humanos, temos boa capacidade de aprender e enorme de esquecer, o que nem sempre é ruim.

Feito esse preâmbulo, arrisco dois palpites sobre lições e mudanças no jornalismo pós-pandemia.

Primeiro, a era digital chegou de vez para o jornalismo. Todos os grandes jornais brasileiros têm hoje mais assinantes digitais do que do impresso e essa tendência acentuou-se no período de isolamento. Nas redações, o trabalho em casa está sendo feito por praticamente 100% dos jornalistas. E a produção e a produtividade mantiveram-se ou até aumentaram em muitos casos. As horas perdidas anteriormente no trânsito foram incorporadas ao tempo de trabalho. Muitos repórteres acordam e, ainda de pijama, fazem entrevistas enquanto preparam e tomam o café da manhã. O *home office*, como em outros setores, veio para ficar.

A mudança mais importante, porém, parece estar no ganho de credibilidade dos veículos de informação tradicionais em todo o mundo. Quando o assunto é vida ou morte – e isso ficou claro nessa crise sanitária –, as pessoas procuram informações qualificadas e desprezam os meios oportunistas da mídia social.

FOCAL 3
comunicação

Estratégia
Reputação
Relevância

Andrew Greenlees
Jô Ristow
Luiz Antonio Flecha de Lima

www.focal3.com.br

NESTE MOMENTO DE PANDEMIA,
ALGUMAS COISAS AJUDAM A SALVAR VIDAS:

**EVITAR AGLOMERAÇÃO,
LAVAR AS MÃOS
E USAR MÁSCARA
SE PRECISAR SAIR ÀS RUAS.**

E UMA DAS MAIS IMPORTANTES:

**INFORMAÇÃO
DE CREDIBILIDADE.**



DIA 1º DE JUNHO É COMEMORADO O DIA DA IMPRENSA.

E a Prefeitura de São Paulo reconhece e apoia o importante trabalho desenvolvido pelas empresas e profissionais do setor, sobretudo neste momento de pandemia de Coronavírus, onde a informação de credibilidade e o combate às fake news são fundamentais.



Paulo Campo Grande

Redator-chefe da Quatro Rodas

Jornalismo é um exercício diário que requer investigação e avaliação isenta e criteriosa dos fatos que, nos momentos de crise, torna-se ainda mais desafiador e necessário. E o cumprimento dessa missão, nessas horas de turbulência, torna não só o profissional mais experiente e preparado para os embates, mas também o público. Diante da máxima que as crises aceleram os processos históricos, em um tempo em que as *fake news* dominam a cena, acredito que a pandemia vai acelerar a separação do joio e do trigo que aconteceria mais tardiamente em relação à veiculação das informações, fazendo com que jornalistas e público saiam fortalecidos.

Acho que já respondi um pouco, acima. Mas existe um lado prático de viabilizar economicamente a atividade. Sendo percebido como necessário pela sociedade, imagino, que o jornalismo pode encontrar uma forma de se sustentar.



Cremilda Medina

Professora na pós-graduação da ECA-USP

Alguns desafios do Jornalismo que hoje se escancaram, há décadas venho debatendo ou com profissionais da comunicação social ou com estudantes e pesquisadores não só de nosso meio como das demais profissões. A propósito, lembro o seminário de 1990 em que reuni na USP vários representantes de ciências exatas, humanas e biológicas, para debater a crise de paradigmas. Aí ficou registrada (em livro) a pauta que hoje se faz presente. Não apenas os jornalistas, mas também cientistas e políticos, por ações públicas denotam um déficit de complexidade nas visões de mundo reducionistas, quase sempre dicotômicas, quando a realidade nos exige uma mentalidade apta a encarar as contradições, as ambiguidades, as multicausalidades, o indeterminado, o inesperado. Em grande parte, pecamos em relatos rasos ou fechados em certezas por não abrimos nossa sensibilidade e observação numa experiência de contato pleno com o acontecer humano. Desde muito, portanto, ensaio deslocar-me da prática de difusão informativa para a imersão no que chamo *Signo da Relação*. Nesse seminário de 30 anos, os físicos presentes nos propuseram um deslocamento fundamental da pseudorrelação ao lidar com o Outro (nossas fontes de informação ou os protagonistas sociais da reportagem) como um objeto de pauta ou, na ciência, um objeto de estudo. Não, o signo da relação, ou seja, a comunicação só se consuma se atuarmos na desafiadora relação dos encontros/desencontros Sujeito-Sujeito.

Nas atuais circunstâncias da pandemia do novo coronavírus, tornou-se evidente a agenda multidisciplinar do pensar complexo, do agir solidário e do narrar criativo, ao atravessar o mar de interrogações, de incertezas. Essas as lições que estão em cartaz e que nos perturbam quando nos assumimos permanentes aprendizes de uma profissão e sua respectiva responsabilidade coletiva.

Há dois outros aspectos que também me fazem consciente dessa responsabilidade: nunca foi tão declarada a força da história de vida na pauta Covid-19. Estatísticas da doença, do contágio e das mortes, gráficos e números, modelos matemáticos não substituem o perfil humano de nossos contemporâneos. E essa relação, insisto, Sujeito-Sujeito, remete para o deslocamento do jornalista ao Outro em Ato Presencial. A tecnologia, tão útil em tempos de isolamento, não substituirá essa viagem, esse ir ao encontro dos protagonistas, sobretudo os anônimos e os invisíveis excluídos do centro e das periferias. Desejo muito que o Repórter, com todos os sentidos disponíveis, transite pelo mundo mais do que nunca em um futuro próximo, como, aliás, não deixou de se mover em tempos de qualquer outra guerra. Reforçar o trabalho de campo e não se ilhar nas estradas digitais, não será, por certo, um legado oportuno ou oportunista, mas a fina sintonia com a mediação autoral do Jornalismo.

Mauri König

Repórter investigativo, professor do grupo educacional Uninter (PR)

A Covid-19 vai deixar um legado ambivalente para o jornalismo. A julgar pela cobertura da pandemia, a herança boa é que a informação mostrou-se tão eficiente quanto uma vacina e certamente ajudou a salvar um sem-número de

vidas. Se não toda, pelo menos boa parte da sociedade soube reconhecer nos meios jornalísticos as ilhas de excelência num oceano de informações duvidosas. Neste particular, os jornalistas levaram vantagem sobre os diletantes.

O saldo ruim é o risco de sobrar um jornalismo desumanizado, resultado do agravamento da precarização do trabalho jornalístico que já estava em curso. O isolamento social forçou o *home office*, muito conveniente para as empresas. É mais barato manter um repórter trabalhando em casa do que na redação. Isso nos levará à perda das produtivas interações entre os jornalistas, vai tirar os repórteres das ruas e nos tornar muito mais dependentes das fontes oficiais. O jornalismo será ainda mais mediado por filtros, o que é ruim para o jornalismo e para a sociedade.

O futuro do jornalismo é a volta ao passado. O italiano Giambattista Vico disse no século 18 que a história não segue um curso linear, mas ciclos que se repetem numa espiral, em que tudo regressa à origem, ainda que mudado. Segundo a teoria do *corsi e ricorsi*, algo avança no tempo para logo retornar ao lugar de onde veio. O jornalismo tende a voltar às origens, a uma época em que se tinha opinião mesmo quando não se tinha informação.

Com redações menores, o descaso com a reportagem, a quantidade no lugar da qualidade, o jornalismo está se reduzindo a um trabalho individual, um pensamento único sobre assuntos que dizem respeito a muitos. A reportagem, capaz de ir para além das aparências dos fatos, corre o risco de ser cada vez mais um empreendimento pessoal do jornalista do que uma decisão empresarial. Numa sociedade que busca ideias prontas, é mais fácil, mais barato e mais atraente sentar-se ao computador e formular hipóteses do que ir a campo e esgotar o assunto numa apuração rigorosa, como requer o bom jornalismo.

A CNA agradece



CNA
Confederação da Agricultura
e Pecuária do Brasil

o esforço e a dedicação dos profissionais da imprensa que, por meio da informação de qualidade, cumprem um papel fundamental na luta contra a COVID-19 e na garantia de uma sociedade mais justa e democrática.

1º de junho · Dia da Imprensa

Vamos superar juntos!





Lúcio Flávio Pinto

Titular do blog homônimo (A agenda amazônica de um jornalismo de combate)

Está mostrando que a maior parte dos jornalistas tornou-se caudatária das fontes oficiais de informações e da elite nacional. Boa parte das reportagens, com ênfase especial sobre o noticiário das emissoras de rádio e de televisão, é obtida a partir de plantonistas no mundo oficial e no topo da sociedade. Muito serviço e excesso de análises, mas poucas reportagens de rua. Muito menos ainda matérias especiais, pesquisadas pelo tempo necessário para espelhar a realidade, sobretudo na periferia das grandes cidades e no remoto interior. E a partir de interpretação profunda dos números. Sem personagens aleatórios e locais ocasionais. O alvo definido por método científico para gerar amostras confiáveis e tipos reais.

Não há dúvida de que o jornalismo confinado à tela do computador e ao celular se exauriu. O que o jornalista precisa fazer é colocar a tecnologia de ponta a serviço da antiga e eterna função do repórter: circular pelas ruas, ver com seus próprios olhos a vida acontecer ("meninos, eu vi"), divisar a história no cotidiano, pressentir o surgimento dos fatos novos, da mudança, e captar a direção dos ventos. Andar, andar. Conversar, conversar. Escrever, escrever. Ler, ler. E nunca deixar de criar o ócio criativo, a reflexão pura, o prazer de pensar sobre cada dia vivido.



Octávio Costa

Jornalista há cinco décadas, dois *Prêmios Esso* pelo JB, ex-presidente da Fenaj, hoje atuando no site Ultrajano

Ainda estamos em meio à pandemia, mas já é possível afirmar que o jornalismo brasileiro saiu-se muito bem na cobertura da crise sanitária e econômica provocada pelo coronavírus. De forma corajosa, os repórteres foram para as ruas e, na retaguarda, as redações também cumpriram seu papel de informar a população. Mostraram de forma objetiva o sacrifício de nosso povo e todo o despreparo e desatino do governo Bolsonaro. Em algumas empresas, porém, houve descuido com a proteção dos profissionais e alguns deles acabaram atingidos pela Covid-19. O que poderia ter sido evitado com o mínimo de cautela. Um legado precioso: se hoje citamos o exemplo da gripe espanhola em 1918, no futuro, frente a desafio semelhante, servirá de base a cobertura da crise de 2020. Uma lição muito importante: nos dias de crise, as pessoas voltaram a recorrer aos meios de comunicação tradicionais e aos sites dos veículos de maior peso. Com as mídias sociais contaminadas pela invasão de *fake news*, houve nitida preferência pela informação de qualidade.

Antes da pandemia, estávamos assistindo à devastação do jornalismo em nosso país. Atingido pela crise da imprensa tradicional, nosso mercado de trabalho encolheu de forma assustadora. Milhares de empregos foram extintos na última década. O futuro de nossa profissão estava ameaçado. Alguns mais otimistas diziam que as novas mídias iriam absorver os profissionais recém-formados e também os mais antigos. Uma equação irreal. Está mais do que claro que a geração de empregos será menor. Sites, blogs e TVs a cabo nada têm a ver com as grandes redações do passado. Quem não as frequentou, nem sequer sonhou. Mas a crise do coronavírus faz nascer uma esperança. A cobertura exigiu reportagem ágil e valorizou o trabalho dos profissionais mais experientes. Vale repetir: as pessoas buscaram informação séria e de qualidade. Cresceu a audiência de rádio e TV e os índices de leitura dos sites da grande imprensa. Portanto, mesmo no novo mundo virtual, há que investir nos jornalistas. Hoje e amanhã, não há mensagens sem mensageiros.



Marcio Bernardes

Âncora do *Debate Bola* (pós-jogo) da Rádio Transamérica FM

Imagina uma crise sanitária da dimensão do coronavírus sem a cobertura da imprensa? Apesar da tentativa de alguns mentecaptos na desmoralização do trabalho da imprensa, sabe-se que sem ela a desgraça seria maior.

Muita coisa vai mudar. A velha redação não deverá ser a mesma. O trabalho a distância aumentará. Em todos os meios. Será mais prático e rápido o cumprimento das pautas a distância.

Todavia, o velho e bom papo pessoal entre colegas e amigos, as cervejas depois do expediente, as reuniões de pauta presenciais, serão diferentes. A relação humana entre colegas e as fontes ficará mais restrita.

A Rádio Transamérica, por exemplo, instalou equipamentos modernos e digitais nas casas dos seus comentaristas. Estou trabalhando todos os dias sem ir à emissora. É mais confortável e prático. Porém, menos humano. Outras emissoras de rádio e TV estão fazendo o mesmo.

Pessoalmente, não vejo os companheiros há mais de dois meses. Para quem está completando 50 anos na profissão, parece que estou fazendo jornalismo em Marte.



José Paulo de Andrade

Âncora de *O Pulo do Gato* e integrante da bancada *Jornal da Bandeirantes Gente*, na Rádio Bandeirantes

O Feitiço do Tempo foi um filme marcante na vida de muitas pessoas. É a história de um meteorologista de TV enfadado, escalado mais uma vez para testemunhar uma crença popular no dia 2 de fevereiro, o *Dia da Marmota*, que indica a duração do inverno nos Estados Unidos. Ele não vê a hora de se mandar dali, mas uma nevasca impede que ele e equipe retornem à base.

Quando acorda no dia seguinte, ouve no rádio a mesma entrevista da véspera sobre a data, encontra as mesmas pessoas, tudo repetido. Egoísta e egocêntrico, preso no tempo, faz muitas bobagens, bebe, rouba, até comete suicídio, mas no dia seguinte nada muda.

Começa, então, a experimentar uma transformação interior e até filosofa sobre haver o "amanhã". É a mensagem que o filme pretende passar.

Qualquer semelhança não é mera coincidência!

Desde março estamos vivendo no planeta "o feitiço do tempo", com dias parecidos, mas não iguais, pelas mortes que se acrescentam às do dia anterior.

A natureza, com a ajuda ou não dos predadores, coloca a humanidade em seu minúsculo lugar.

Sem movimentar exércitos nem material bélico, um vírus que surgiu, ou foi criado em laboratório e algo deu errado, na China, vem pondo abaixo as maiores economias do mundo.

A humanidade foi posta em risco, mas demorou a responder.

Coronas são bem conhecidos, em variadas cepas, mas essa suplantou tudo o que se sabia e se fazia.

A ciência está empenhada em produzir uma vacina, a curto ou até mesmo a médio prazo, mas não dá pra esperar.

Enquanto isso, o homem, um ser gregário, que não vive só, está aprendendo essa realidade, que possivelmente nem o de Neandertal tenha conhecido.

A imprensa, em todas as mídias, foi testada e aprovada. Com sua credibilidade posta à prova, respondeu positivamente, tornou-se indispensável e cumpriu sua missão. Sem elas, as pessoas, desorientadas por maus políticos, não teriam como reagir ao inimigo invisível.

Valores e princípios estão em mutação. Não seremos mais os mesmos depois dessa lição de pequenez e humildade recebido. É mais uma oportunidade que a humanidade recebe. Saibamos aproveitá-la.



Tereza Cruvinel

Colunista do portal Brasil 247 e apresentadora de programa na TV 247

O enfrentamento da pandemia da Covid-19 é inimaginável sem o fluxo global de informações produzido por mídias públicas e privadas. Foi por meio delas que o mundo

pôde compartilhar conhecimento sobre o vírus e a doença, seus efeitos nos diferentes países, a conduta dos governantes, as orientações de cientistas e da OMS. Depois dos profissionais de saúde, os jornalistas foram os profissionais que mais se expuseram ao contágio, e alguns perderam a vida. Foi o jornalismo profissional que obteve, dizem as pesquisas, a confiança das populações, em detrimento das *fake news*. E, no entanto, raramente a imprensa foi tão hostilizada, por governantes autoritários ou negacionistas, e por seguidores fanáticos e obscurantistas. No Brasil, o presidente insultou jornalistas e veículos o tempo todo. A experiência confirmou o jornalismo como atividade essencial quando faz da informação de interesse público, bem apurada, seu primeiro compromisso. E foi o que se viu na pandemia.

A interatividade tem sido uma marca da cobertura da pandemia em todas as plataformas e é possível que a participação do público torne-se um traço do jornalismo pós-pandemia. A informação factual deve ser valorizada, assim como a opinião de especialistas. As TVs, abertas e por assinatura, tiveram notável aumento de audiência, bem como a leitura dos jornais em versão eletrônica, tendo muitos deles liberado o acesso a seus sites. Mas os impressos, que já enfrentavam grave crise, devem ser fortemente afetados pelos efeitos econômicos da pandemia, e muitos não devem sobreviver, em todo o mundo. A televisão, o rádio e a *webnews* consolidaram suas posições.



Jorge Tarquini

Escritor e professor nos cursos de Jornalismo da Cásper Líbero e da ESPM.

A maior lição que a crise da Covid-19 deixa para o jornalismo brasileiro é uma só: está na hora de ele se descolar do tal "conteúdo" e voltar a ser reconhecido como um bicho de outra cepa. Não somos *influencers*, não somos entretenimento, não somos

branded content, não somos publicidade, não somos conteúdo. Uma crise dessa magnitude jogou na nossa cara e na da sociedade o que é, para que serve e, ainda que aos trancos e barrancos, como se faz jornalismo. Essa é a "lição". O legado? O jornalismo não está aqui para "acertar", pois não somos adivinhos. O jornalismo tampouco está aqui para dar "rumos", pois não somos governantes. O jornalismo não está aqui para agradar, pois não queremos seguidores. Erramos? Claro... No afã do registro a quente da História que acontece hoje, vai acontecer. Mas não fugimos da responsabilidade, como faz quem envia *fake news* pelo Whatsapp: o jornalista e o veículo estarão aqui amanhã para assumir e corrigir seus erros. E assim se vive o cotidiano da democracia.

A maior transformação do jornalismo que virá no pós-pandemia já está sendo vivida no auge da crise: quando vemos as audiências dos telejornais, dos jornais em meio digital e dos portais de notícias disparando, vejo um sinal de que as pessoas (final e dolorosamente) entenderam a importância e o valor de uma informação confiável. Quando, na virada do século, a internet e as redes sociais tornaram-se hegemônicas no debate da sociedade (alimentando o binarismo infantil e nefasto), perdeu-se o diálogo com a opinião pública. Ao ponto de as pessoas "discordarem" dos fatos, pois eles não "concordam" com sua visão de mundo. Dessa forma, opinião passou a se confundir com jornalismo. Não importa o fato, mas a visão... Perdemos o que chamamos de literacia midiática. Na geração nativa da internet, há quem não saiba a diferença entre uma notícia ou um *post* patrocinado... Mas o combatido jornalismo, diante do impensável, se transformou. Uma cobertura do porte, da profundidade e da importância da que estamos vivenciando prova que a transformação já é agora.



Mauro Lopes

Fundador do canal de YouTube Paz e Bem, focado em temas de espiritualidade, e editor e apresentador do Brasil 247 e da TV 247

A crise do coronavírus fez o núcleo central da mídia conservadora do País (Globo, Folha e Estadão) voltar à prática do jornalismo, depois de anos de ideologização. Desde fins de 2014, esse núcleo abandonara os elementos basilares do jornalismo para tornar-se coprotagonista do processo de derrubada do governo de Dilma Rousseff, da demonização de Lula e do PT e, a seguir, da eleição de Jair Bolsonaro. Cinco anos depois, a gestão genocida de Bolsonaro fez esse segmento iniciar um processo de descongelamento e retorno ao jornalismo. O veto ao PT começa a ser levantado. A imprensa conservadora retorna aos poucos ao jornalismo, à prestação de serviços à opinião pública – sem qualquer autocritica, registre-se. O setor mais desqualificado dessa mídia continua no mesmo lugar. Ver a Record, SBT e Band é ver Globo, Folha e Estadão como estavam pré-pandemia. Estará em curso uma mudança estrutural do *mainstream* da imprensa conservadora ou ela rapidamente retornará à ideologização, uma vez passado o momento culminante da crise? Cedo para dizer.

Incrivelmente, o jornalismo que surge em meio à crise do coronavírus tem como modelo a imprensa independente. Depois do golpe de 2016, a mídia conservadora em uníssono garantiu que sua adversária desapareceria do mapa, pelo fim do “patrocínio” dos governos do PT. Quatro anos depois, o jornalismo progressista está vigoroso como nunca – o Brasil 247, líder do segmento, dialoga mensalmente com mais de 12 milhões de pessoas e a pós-TV 247, maior canal de jornalismo no YouTube no País, com meio milhão de inscritos, atinge perto de três milhões de pessoas. Há um novo modelo de jornalismo: sobriedade no gasto dos recursos, transparência, uso intensivo de *home office*, interpretação abertamente alinhada com um segmento da opinião pública – a esquerda. O exato oposto do modelo da imprensa conservadora: gestão perdulária dos recursos, opacidade e glamurização, instalações suntuosas, discurso farsesco de “neutralidade”. Enquanto o modelo da imprensa independente floresce, Veja foi à bancarrota, a Globo faz cortes sobre cortes, a Folha depende de sua operação de entretenimento e financeira.



Lilian Tahan

Diretora-executiva do portal Metrôpoles

O vírus ativou nosso instinto de sobrevivência. Temos de nos manter vivos e empregados. A pandemia nos alcançou no pico de uma crise que dura mais de década. Os meios de comunicação atravessam um “rito de passagem”. E, como na vida, ritos de passagens fazem parte do processo de evolução, mas causam estresse, porque são rupturas de fases, conclusão de ciclos.

Pautado pela modernização na comunicação, o hábito de consumo do leitor mudou. Mas muitos jornais e revistas com tradição impressa demoraram a acompanhar a audiência. A pandemia obrigou os veículos a montarem uma operação de teletrabalho. As bancas estão fechadas. Os anunciantes convencionais dispersaram. Os eventos sumiram. Mas os leitores nunca consumiram tanta notícia. Ou seja, o jornalismo está mais popular do que nunca. Mas o modelo de negócio já respirava por aparelhos antes da pandemia. Estamos na ativa, mas precisamos reaprender a viver do jornalismo.

A pandemia imprimiu novo calendário, antecipando para hoje o amanhã. Mudanças em curso precisam ser praticadas já. O digital será o ambiente prioritário do jornalismo moderno. As redações serão mais enxutas, o conteúdo local vai ganhar força, e os veículos vão, cada vez mais, adaptar-se à colaboração de profissionais que possam agregar conteúdo fora do alcance e do olhar dos repórteres contratados.

A existência das redes sociais projetou o ponto de vista dos leitores e ombreou muitos deles num espaço antes reservado aos articulistas. O jornalismo de opinião perdeu valor. Mais do que nunca, as informações objetivas, checadas e assertivas são um produto valioso. O modelo de negócio, no entanto, terá de ser reinventado. No meio digital, para onde migra o jornalismo, a publicidade é programática, ordinária, barata e depende muito do volume da audiência. Especialmente no Brasil, país em que milhares não têm o hábito da leitura ou não estão dispostos a pagar por ela. O futuro chegou e não há como evitá-lo.



Luiz Carlos Ramos, em confinamento, com os netos Noah (recém-nascido) e Theo

Luiz Carlos Ramos

Ex-Estadão, dirigiu o Jornalismo da Rádio Capital (SP) por 14 anos, até fevereiro de 2020

A gravíssima crise da saúde pública, que leva o Brasil à mais grave crise econômica da história, comprova que o nosso jornalismo, infelizmente, prossegue em crise própria, iniciada há mais de dez anos, reduzindo seu potencial para exercer importante papel na Democracia. Junte-se a esse panorama a evidência do uso político do combate à Covid-19, tendo como atores o tresloucado presidente, com seu ódio diário ao verdadeiro jornalismo, os três filhos da pior espécie e um bando de fanáticos, para os quais todos os opostos são “perigosos comunistas”, enquanto alguns governadores agem de olho em 2022. Se o Brasil vai chegar, inteiro, a 2022, não se sabe. Só sei que, em 12 de maio, meu 57º dia de quarentena – período em que vejo a rua pela janela do meu apartamento e evito certos veículos da mídia –, reli o livro *A imprensa e o dever da verdade*, cujo autor, **Ruy Barbosa**, sobreviveu ao ataque da Gripe Espanhola. No Brasil do novo vírus, só uma pequena parcela da Imprensa cumpre o dever.

Está na moda afirmar que o Brasil e o mundo não serão os mesmos após as mortes e as sequelas pela Covid-19, e que a sociedade refletirá sobre mudanças, buscando corrigir seus erros. A imprensa pode adotar tal reflexão, mas seus recursos ficarão ainda mais limitados: empresas de comunicação reduzindo equipes e padrões salariais para evitar a falência, e recorrendo a ligações com grupos políticos, no estilo “opinião de aluguel”. O lado positivo é que o jornalista autêntico vai continuar existindo, embora em menor número, com esperança de prevalecer sobre a parcela venal, a do jornalismo tendencioso.

Nestes dias, utilizo parte do confinamento para escrever meu oitavo livro, uma coletânea de histórias dos meus 56 anos em Jornalismo, 27 como professor. Com isso, vou relembando outras décadas. Sim, é possível derrotar as criminosas *fake news* e as deturpadas redes sociais, retomando antigos conceitos jornalísticos em defesa da ética e da autêntica reportagem. Éramos felizes, e não sabíamos.



amil

XP inc.

GERDAU
O futuro se molda

SAMSUNG



Beth Saad

Professora titular sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), coordenadora do grupo de pesquisa COM+ – Comunicação, Mídias e Jornalismo Digitais, consultora no campo das mídias digitais e estratégias de comunicação

A crise Covid-19 reorganizou o papel da mídia e do jornalismo em especial perante a sociedade. Vivíamos momentos em que as plataformas sociais digitais e sistemas mensageiros fechados como o WhatsApp protagonizavam a disseminação de informações e acontecimentos de nosso cotidiano de forma ampla e direta, intermediando e, algumas vezes, limitando o acesso da audiência à origem da informação – os veículos jornalísticos.

Com o advento da crise pandêmica, e principalmente com o isolamento social, ocorreu uma espécie de retorno da audiência às fontes noticiosas mais próximas – a TV e o rádio, típicos instrumentos do *#fiqueemcasa*. Também percebemos um movimento positivo, uma audiência mais atenta e seletiva com relação às informações que circulam nas plataformas sociais oriundas de fontes credíveis.

Não que tudo seja um oceano azul para as empresas informativas. A disseminação de notícias falsas, o uso de robôs para ataques em massa contra jornalistas – chegando a níveis de violência pessoal e moral, campanhas significativas de deslegitimação do jornalismo –, permanecem em ação. E a batalha a ser vencida neste cenário está na reafirmação de um jornalismo de qualidade, construído em bases sólidas de veracidade, precisão e clareza narrativa.

A crise Covid-19 indicou para todos os veículos a necessidade de reinvenção e criatividade para o trabalho das redações e sua transposição para outros espaços imprevistos – a casa de muitos e muitos profissionais. Soluções diversas foram implementadas, a maioria bem-sucedida. Estruturas para acessos remotos, uso de múltiplos dispositivos, uso de sistemas de trabalho em grupo e também de captação de informações se fizeram importantes, mudando o ritmo operacional de todos.

Penso que o período crítico que vivenciamos deixará (e em muito já deixou) a noção da importância e da valorização da audiência de uma marca jornalística. Uma audiência que espera ver nos veículos e respectivos conteúdos o espelho de suas angústias e necessidades, o canal legítimo de repercussão de suas vozes.

Além disso, a transformação central, e que já deveria há muito ter-se consolidado, será o uso intensivo de dados, inteligência de dados e análises a partir dos mesmos como a principal arma para a construção de um jornalismo de qualidade e perene.

**Energia e informação
caminham juntas.
E essa é a maior certeza
de que estamos na
direção do futuro.**

Na TV, no rádio, na internet, onde tem energia tem informação sendo gerada. E, para ambas, duas coisas são fundamentais: transparência e qualidade. Por isso, a Neoenergia vem trabalhando para ser sempre a maior parceira da comunicação, investindo na energia do futuro para que cada vez mais pessoas possam ter acesso à informação séria e relevante para o mundo.

**Neoenergia.
O futuro
a gente faz
agora.**





amil

XP inc.

GERDAU
O futuro se molda

SAMSUNG



Roberto Araújo

Diretor editorial da Editora Europa.

O adeus das redações

Mudou. A crise da Covid-19 veio para consolidar a mudança que se ensaiava na maneira de produzir, distribuir e ler as publicações impressas. Claro que eu gostava, e muito, daquelas redações imensas e deliciosas, onde a gente podia fumar, paquerar e algumas vezes até beber, e não ligava a mínima para o ensurdecido som das máquinas de escrever.

Tempos românticos de uma indústria poderosa e rica que, pouco a pouco, viu minguar suas tiragens de centenas de milhares de exemplares e, infelizmente para a nossa vaidade, a quase divinização do trabalho jornalístico. Viu também desaparecer oportunidades profissionais e decretou uma reinvenção do setor, na própria base do modelo de negócio. Mas, apesar disso, reduzidas e acanhadas, as redações sobreviviam.

Agora, com seus cavalos do apocalipse e espada de fogo, a Covid-19 decretou um "ficaráis em casa ou morrerás" que não poupou ninguém. As poucas redações restantes esvaziaram e o home-office parece ser o novo modelo de produção que veio para ficar. Resta o consolo que não seremos apenas nós a nos trancarmos, cada um em sua caverna, com medo do monstro invisível que urra lá fora.

Como viver com baixas tiragens

Todo o respeito e admiração aos colegas da linha de frente da guerra da Covid-19. Nós, profissionais das revistas segmentadas, podemos nos colocar como da "retaguarda", aqueles que procuram manter a saúde mental e as esperanças de uma enorme população que fica em casa. Na Editora Europa ajudamos com nossas publicações de jardinagem (Revista Natureza), culinária (Revista dos Vegetarianos) ou entretenimento eletrônico (Revistas PlayStation e X Box), além de muitos livros. Eu mesmo escrevi e lancei na quarentena Cannabis medicinal no combate à dor crônica e a traduzi O segredo de Jeanne Baret.

Do ponto de vista do negócio, agora é o momento de quem trabalha com publicações impressas segmentadas, como revistas e livros, aprender a viver com pequenas tiragens. O importante é jamais pensar que o público leitor, mesmo preso em casa, vai se contentar com algo mais simples, feito por amadores. Isso ele já tem de graça na internet. O impresso segmentado, ao contrário, deve atingir só leitores especializados, que buscam informações de altíssima qualidade, dadas por profissionais que entendem de fato do assunto. O mesmo vale para o visual, que deverá ser, no mínimo, primoroso.

O que deu para comprovar nesses primeiros momentos da nova era, em que ingressamos por bem ou por mal, é que o caminho de fazer, cada um em sua casa, publicações impressas de altíssima qualidade pode ser uma boa saída. O público leitor, se gostar, dispõe-se a pagar mais caro por isso. E seguimos trabalhando com alguma dignidade e saudade de segmentos repletos de concorrentes, com altas discussões nos botecos da vida de quem fazia a melhor revista.



Fernando Coelho

Ex-TVs Globo e Cultura, entre outras, hoje dedica-se à literatura

A atuação do presidente da República, em desacordo com a ciência, a inteligência e o equilíbrio, é uma trava grosseira para a imprensa. Atua para tirar o foco da cobertura, criando crises políticas e um estado nocivo de desobediência institucional. Mas o trabalho estafante da imprensa brasileira para manter a população informada sobre os efeitos colaterais da Covid-19 exige uma nova reflexão a respeito do papel dos jornalistas no entendimento de fenômenos que exigem busca constante de conhecimento e maneiras de informar ao povo. Também o conjunto dos profissionais que compõem a imprensa vai ser outro, com outras atitudes no futuro que bate na porta.

A violenta transformação social, com a fome no mundo, com a saga dos imigrantes, com a intolerância global semeada pelos chefes das maiores democracias, já impõe velocidade, interpretação e sabedoria da imprensa para absorver e traduzir, imediatamente, os fatos. Considero que a internet, bem utilizada, é a maior e mais fértil força motora para auxiliar os jornalistas nessa missão complexa. A forma de escrever, de ler, de compreender e de informar, será o maior desafio individual dos profissionais jornalistas. Ao contrário do que alguns possam pensar, estudar o idioma, aprofundar a interpretação de conceitos modernos e alicerçar a liberdade de expressão em honestidade e seriedade são as plataformas para dar credibilidade à nova era. O conhecimento é a semente.



Marta Sfredo

Colunista de Economia de GaúchaZH

Como ainda estamos no meio da pandemia, não podemos ter muitas certezas, assim como não têm os melhores médicos sobre a evolução da doença e os melhores economistas sobre o tamanho das perdas. Até agora, considero legítimo falar sobre uma ressignificação do jornalismo sob diversos pontos de vista. Para os minimamente lógicos, o jornalismo profissional foi valorizado, com seu foco em dados e fatos. Mas o jornalismo não deixou de ser alvo, como se vê claramente no Brasil, com atos quase diários de desrespeito do presidente da República e de alguns seguidores, e até no exterior. No final de maio, jornalistas espanhóis foram agredidos por integrantes do partido de extrema-direita Vox, em carreatas que pediam retomada das atividades, como as vistas no Brasil. Então, se por um lado o jornalismo revalorizou-se, segue sob ataque, até porque a pandemia, em vez de suscitar esforços por consenso, em muitos casos acirrou a polarização já existente.

A única certeza é a de que será diferente do que já foi e do que é. O tamanho da crise desinflou um pouco o "jornalismo de cliques", mas não o esvaziou. Jornalismo de dados ganhou relevância nesse período e deve seguir em alta. Mas as dúvidas sobre a sustentação do modelo de negócios das empresas de mídia vão se multiplicar, impondo um grande desafio. Jornalistas vão precisar conciliar papéis tradicionais da imprensa, como o de *watch dog* da sociedade, com o de profissionais mais "acessíveis" aos consumidores de notícias.



A MELHOR ESTRATÉGIA

para sua comunicação!

convergência comunicação
estratégica

www.convergenciacom.net



Wanderley Nogueira

Repórter esportivo e apresentador na Jovem Pan

Todos estamos fazendo um grande esforço para levar informação correta, temendo falhar em uma situação impossível de consertar.

Tem sido como caminhar sobre uma linha invisível... se for para um lado, a informação é irrelevante, se for para outro, pode estar cometendo uma grande irresponsabilidade.

Foi uma grande oportunidade para reencontrar contatos que fiz ao longo de viagens pelo mundo e trazer depoimentos de todos os continentes.

Diariamente, pelas plataformas da Jovem Pan, mostramos como estão vivendo as pessoas de vários países. Os dramas, a solidariedade, a paciência, as reflexões.

Deu para sentir, também, o momento que estamos vivendo por aqui. A intolerância está vivíssima. Qualquer informação ou opinião, provoca reações violentas e ofensivas. Se você divulgar o número de mortos, é acusado de alimentar o terror, o caos. Divulgar a palavra de uma autoridade é "estar servindo o político A". Dizer o que a oposição pensa sobre um determinado assunto é "estar aliado à corrupção".

Está muito claro que o jornalismo precisa ser cada vez mais verdadeiro, ouvir o que as pessoas pensam e abrir canais para todas as tendências. O público tem que receber as informações e decidir se acredita nelas ou não... tem que ouvir opiniões e concordar ou discordar. O que não é aceitável é achar que quem não tem a sua opinião é um idiota, ou comunista ou fascista.

Esse período tem ensinado muita coisa...

Na minha opinião, a credibilidade vai sair muito fortalecida.

As pessoas que recebem informações e opiniões sabem avaliar o conteúdo. Eu acredito nisso.

A crise que estamos vivendo permite que o consumidor saiba qual o veículo ou profissional ele deve realmente acompanhar.

O jornalismo precisa provar todo dia que é confiável.

O profissional precisa ser visto como insuspeito. E insuspeição não significa não ter opinião. Temos muitos exemplos de profissionais que têm conhecidas preferências políticas, mas suas informações e opiniões são consideradas honestas e transparentes até por aqueles que não pactuam com a ideologia deles.

A informação digital é mais um instrumento indispensável. O mundo tem acompanhado o momento imposto pela pandemia consumindo todas as plataformas.

Informação precisa e rápida não é fácil. Mas, é isso que o público exige. O aprofundamento da informação ele vai ler nos jornais e revistas de amanhã.

Quem trabalhar com responsabilidade, sensibilidade... e senso de humanidade sairá desse momento melhor do que entrou. E com certeza a opinião pública vai reconhecer isso.



Paulo Jerônimo de Sousa

Presidente da Associação Brasileira de Imprensa – ABI.

Dois guerras ao mesmo tempo

Há quem diga que estamos vivendo a Terceira Guerra Mundial. A expressão é cabível e apropriada ao mundo como um todo. Não ao Brasil. Aqui, enfrentamos a Terceira e a Quarta Guerras Mundiais.

Uma, deflagrada por um vírus que diariamente ceifa vidas de seres humanos em proporções monstruosas. Até agora o mundo não conseguiu uma vacina, uma estratégia e nem mesmo uma singela mandinga capaz de detê-lo.

O Brasil, contudo, é o único país do mundo que além da Covid-19 tem que se defrontar com outro inimigo, como se estivesse sendo obrigado a travar uma Quarta Grande Guerra: o presidente da República. Por ter vencido as eleições de 2018, ele decidiu tornar-se o dono do Estado brasileiro e das almas de seus cidadãos.

O ocupante do Palácio do Planalto aliou-se ao coronavírus. Sua mente doentia e suas posições destituídas de qualquer embasamento científico só alimentam a peste que extermina as vidas de brasileiros.

Em meio a uma pandemia devastadora, sua estupidez e sua arrogância provocaram a demissão de dois ministros da Saúde em menos de um mês.

O que vai aqui descrito – em tom propositalmente grave – pode ser a síntese do que vem sendo divulgado nos jornais, rádios, telejornais, sites e revistas brasileiras nos últimos meses. O drama de uma nação que enfrenta duas guerras mundiais ao mesmo tempo está retratado no noticiário cotidiano. Esta é a realidade no momento!

Devemos isso aos jornalistas. Eles são essenciais. E, como todos os trabalhadores, pagam seu quinhão com vidas e com a redução de seus proventos. E no *Dia da Imprensa*, em 1º de junho, não temos, desta vez, muito a comemorar. O Portal Imprensa contabilizou, até 15/5, 64 jornalistas mortos pelo novo coronavírus. Esta é a estatística sinistra da guerra sanitária.

Temos de destacar a luta permanente e a atuação heroica dos jornalistas, muitos dos quais expõem-se ao vírus letal em sua missão de transmitir a verdade, desvendando-se das armadilhas das *fake news* e revelando as mentiras veiculadas pelas redes sociais.

A ABI, instituição secular que tenho a honra de presidir, não podia ficar de braços cruzados diante de tanto sofrimento e desfaçatez. No início deste mês de maio, entramos na Câmara Federal com um pedido de *impeachment* do presidente. É o que consideramos ser nosso dever fazer, em nome da Democracia e em defesa do direito do cidadão de informar e ser bem informado.

1908

Criada a ABI (Associação Brasileira de Imprensa), tendo como principal objetivo assegurar à classe jornalística os direitos assistenciais e torná-la um centro poderoso de ação.

1988

A promulgação da Constituição consolidou o princípio da liberdade de imprensa.

1808

Lançamento do Correio Brasileiro e criação da Gazeta do Rio de Janeiro, datas marcantes para a imprensa brasileira.

1939

Assis Chateaubriand apresenta Wolff Klabin para o presidente Getúlio Vargas. Era o primeiro passo para a implantação de uma fábrica nacional de papel imprensa, que contribuiu ainda mais para o avanço da mídia escrita.

**UMA HOMENAGEM
AOS CANAIS QUE
DIVULGAM O ONTEM,
O HOJE E O AMANHÃ.**



A Klabin agradece aos veículos de comunicação que transformam fatos em história.

**Dia da Imprensa.
01 de junho.**

@klabin.sa | companyklabin | Klabin_SA | klabininstitucional

www.klabin.com.br



amil

XP inc.



SAMSUNG



Roberto Seabra

Editor do Portal de Notícias da Câmara dos Deputados

Difícil falar sobre legado, pois a pandemia ainda não cessou. De qualquer forma, algumas lições ela já deixou.

Primeira: foi um erro, ao longo dos últimos anos, o desprezo pelo nosso Sistema Único de Saúde (SUS). Tal desprezo não foi apenas de alguns governantes, mas também de parcela da imprensa. O jornalismo brasileiro vai precisar mudar sua forma de noticiar os serviços públicos, em especial o de Saúde.

Segunda lição: não é possível haver jornalismo econômico, ou político, dissociado do dia a dia das pessoas. O jornalismo brasileiro perdeu a conexão com o social. Isso permitiu o crescimento das *fake news* e da informação não-jornalística (em especial via WhatsApp). Os jornalistas deverão se esforçar para não separar a análise econômica – ou política – de seus contextos histórico e social. A pandemia talvez possa permitir a reconexão da imprensa com os leitores, se o nosso jornalismo souber aproveitar o momento para rever seus métodos.

Última lição: a demonização do Estado provedor, martelado pela imprensa, também foi um erro. Países com Estados atuantes enfrentaram melhor a Covid-19. A imprensa não pode ser parte interessada nessa relação conflituosa entre Estado, Mercado e Sociedade. Ela deve ser, apenas, a mediadora.

Se o jornalismo não mudar, vai desaparecer. O jornalismo nasceu com a Era Moderna e cresceu junto com a burguesia liberal. Aquele mundo mudou. Hoje temos uma sociedade mais complexa, repleta de minorias atuantes e, ao mesmo tempo, com uma economia extremamente concentrada em poucas mãos. O jornalismo precisa dar voz àquelas minorias para ser, como já foi dito, algo que “conforte os excluídos” e “aflija os confortados”. Um exemplo: nossas emissoras de TV gastam horas e horas por dia noticiando a violência urbana, e mal dão um minuto para a arte. A pós-pandemia vai exigir mais sensibilidade no tratamento do humano. A partir de agora, a arte deve ter maior presença, até como vacina ao vazio deixado pela pandemia.



Edvaldo Pereira Lima

Coach em Comunicação e Educação, atua em jornalismo literário

O legado é que o jornalismo sério, baseado no princípio da responsabilidade social, recuperou a autoestima de que é de fato uma atividade de fundamental importância para o bem-estar da sociedade e para a preservação da democracia. O valor do jornalismo praticado com independência em relação ao Estado – especialmente de um poder executivo federal com tendência fascista – saltou à consciência de todo cidadão atento ao seu tempo histórico. Os jornalistas – e demais profissionais do sistema jornalístico – podem ser reconhecidos igualmente, com todo o direito, como heróis deste momento dramático, posicionados numa linha de valor imediatamente seguinte aos profissionais de saúde e demais da primeira frente de combate a essa tragédia. Profissionais da imprensa colocam suas vidas em risco – infelizmente alguns pagaram preço alto por isso – para manter o público bem informado, em meio a essa guerra entre informação abalizada e *fake news* maquiavelmente manipuladas por forças sombrias.

O jornalismo precisa fazer urgentemente autocrítica de um vício resultante de seu paradigma predominante, um tanto unilateral e defasado pelo tempo: ele falha ao privilegiar de maneira exagerada o lado escuro, negativista, destrutivo da sociedade, assim como a porção mais cruel do ser humano. Isso ajuda muito pouco a sociedade a se transformar para melhor.

O olhar da imprensa é parcial, caolho. Mas o mundo é complexo. Precisamos do lado luminoso para contribuir para a ampliação de consciência da sociedade. O jornalismo precisa modernizar seu modelo mental de percepção, saindo do paradigma reducionista simplista reinante para os modelos sistêmicos, holísticos e integrais que as ciências de vanguarda oferecem. Que aceleremos a prática do jornalismo construtivo e do jornalismo de soluções, quem sabe adotando também um pacote conceitual-prático doméstico, desenhado aqui no Brasil, que pude desenvolver na minha carreira acadêmica: o jornalismo literário avançado.



Miguel Jorge

Foi diretor de Redação do Estadão, vice-presidente da Volkswagen e do Santander Brasil, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (2007/2010) e é sócio-fundador da BMJ Consultores Associados

A crise da Covid-19 fez emergir uma imprensa renovada, que tomou para si o papel relevante de fonte segura e legítima de informações para a sociedade. Depois de anos de credibilidade questionada, o jornalismo virou o jogo. E fez isso em um cenário novo, de muitos desafios, um cenário de pandemia, num momento em que, nas redações, os jornalistas especializados em saúde eram pouquíssimos e os veículos de comunicação viram-se às voltas com a necessidade de estabelecer dinâmicas próprias de operação. Tratava-se de avaliar, por exemplo, o risco de contaminação das equipes que trabalham na rua, de decidir quem faria *home office* e quem continuaria na redação, de superar a ausência de contato físico com as fontes etc. etc.. Apesar das dificuldades, o jornalismo brasileiro vive um momento ímpar, que torna ainda mais crítica a tarefa de levar informações confiáveis ao público em geral. Que esse legado, feito, basicamente, de rigorosa apuração, checagem e interpretação dos fatos, permaneça.

Não quero ser pessimista, mas não acredito que as lições aprendidas com a crise da Covid-19 tornarão o jornalismo do amanhã melhor ou muito diferente do que era antes da pandemia, quando vinha perdendo relevância e musculatura. Acho que esse bom momento da imprensa tende a passar e torço para que a revalorização de agora perdure e, no futuro, possa, novamente, ser retratada em pesquisas. Vale lembrar que o DataFolha mostrou, em março, que a TV (61%) e os jornais (56%) são vistos pela população como os mais confiáveis na divulgação de informações sobre a crise, enquanto o índice de confiança em redes sociais, como WhatsApp e Facebook, é bem mais baixo (12%). De qualquer forma, estaremos melhores que no passado se ao menos sairmos da pandemia menos propensos a crer nos boatos e *fake news* de todo o tipo que proliferam nas redes sociais.



amil

XP inc.

GERDAU
O futuro se molda

SAMSUNG



Cristina Zahar

Secretária executiva da Abrají (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo)

A mais importante lição da pandemia para o jornalismo brasileiro é, sem dúvida, o resgate de sua credibilidade pelo público. Em meio a um mar de desinformação – as famigeradas *fake news* –, onde buscar informação de qualidade, apurada com método e rigor? Nos veículos profissionais de mídia, como jornais, TVs, rádios e sites de notícias. Foi o que confirmaram duas pesquisas realizadas em março de 2020.

Feito com dez mil pessoas em dez países, incluindo o Brasil, o levantamento da [Edelman](#) mostrou que 59% dos brasileiros (64% no mundo) buscam informações confiáveis sobre a pandemia nos meios de comunicação tradicionais. Confirmando a informação de que os brasileiros são megaconectados nas redes sociais, a pesquisa aponta que 64% (38% no mundo) também se informam sobre a crise mundial de saúde nesses canais. Importante lembrar que os veículos de imprensa estão presentes nessas redes.

Já a pesquisa do [DataFolha](#), que ouviu 1.558 pessoas no País, chegou a conclusão semelhante quando se trata de buscar informações confiáveis sobre o novo coronavírus: 61% dos entrevistados confiam nos programas jornalísticos de TV; 56%, em jornais; 50%, em rádio; e 38%, em sites de notícias. Já conteúdos que circulam por Whatsapp e Facebook só foram apontados como confiáveis por 12% dos entrevistados.

Se por um lado é gratificante o reconhecimento da audiência, por outro é triste constatar que a crise econômica provocada pela pandemia só agravou aquela sofrida pelos veículos de mídia, cujo modelo de negócios tradicional vem fazendo água desde o surgimento da internet, na segunda metade dos anos 1990. Com a queda na receita de publicidade, os meios têm tentado diversificar as fontes de renda, como cobrar por assinaturas digitais e fazer conteúdo *customizado* para anunciantes. Mas não tem sido suficiente para segurar os empregos nas redações, que têm encolhido ano a ano.

Com a pandemia, o que se viu no mundo e no Brasil foram [propostas de redução de jornada e salários e demissões](#). Apoiados na MP 936, que criou o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda, com medidas trabalhistas alternativas durante a crise da Covid-19, veículos têm feito acordo ou demitido funcionários. Sobrecarregados pela cobertura intensa e pelos riscos à saúde, nem todos os jornalistas têm colhido os louros do reconhecimento público de seu trabalho.

A pandemia acentuou a importância da colaboração e do trabalho em rede no jornalismo – e tomara que isso tenha vindo para ficar. Um exemplo é a [aliança entre mais de 100 checadores de fatos no mundo](#) para combater o que a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou como infodemia – rumores e conteúdos falsos sobre a pandemia. Capitaneada pela Rede Internacional de Checagem de Notícias (IFCN, na sigla em inglês), a iniciativa reúne checadores de mais de 70 países, o Brasil entre eles, em 40 línguas, que realizaram mais de seis mil checagens de janeiro até maio.

No Brasil, o [Projeto Comprova](#), organizado pela Abrají, está em sua terceira edição, cujo foco é verificar desinformação relacionada à pandemia. Formada por 24 veículos de mídia que normalmente são concorrentes, a coalizão recebeu, de 24 de março a 21 de maio, nove mil denúncias de conteúdo falso ou enganoso sobre o novo coronavírus, 57% delas advindas do Whatsapp. Os veículos não só colaboram durante as verificações como compartilham seus logotipos ao publicá-las em seus respectivos canais de divulgação.



Ricardo Kotscho

Titular do Balaio do Kotscho, hospedado no UOL

Nas muitas e justas homenagens prestadas aos trabalhadores de serviços essenciais em todo o mundo, ficaram faltando os jornalistas.

Assim como os heróis dos hospitais e os garis, os motoboys e os coqueiros, nós prestamos um serviço inestimável à população, na luta permanente contra o desgoverno fascista das *fake news*, que desorientou a população e, em vez de preservar vidas, multiplicou o número de mortos.

Nas ruas, na linha de frente do combate à pandemia, e nas UTIs, correndo todos os riscos, ou em suas casas, em *home-office*, os jornalistas brasileiros cumpriram seu compromisso social, por todos os meios e plataformas.

Arrisco-me a dizer que essa foi a melhor e mais completa cobertura jornalística já feita pela imprensa brasileira.

O mais importante, a meu ver, foi focar as reportagens no grande drama humano que estamos vivendo, ao revelar com textos e imagens a profunda desigualdade social que tornou mais dramático o combate à pandemia.

Gostaria de cumprimentar pessoalmente cada um dos profissionais envolvidos nesta tarefa gigantesca de manter a sociedade bem informada, contra a vontade do governo, sobre a necessidade do isolamento social e dos cuidados necessários para evitar a contaminação da Covid-19.

Me deu novamente orgulho de ser jornalista.

As transformações no fazer jornalístico já começaram – e não têm mais volta. Diante das limitações impostas aos jornalistas que estão no grupo de risco, a necessidade fez muitos profissionais desenvolverem novas técnicas e tecnologias para fazer grandes reportagens a distância, sem sair de casa.

Nunca pensei que isso fosse possível, até ver as fantásticas reportagens de **Marcelo Canellas** e **Ernesto Paglia**, na Globo, feitas por videoconferência.

Se os veteranos descobriram uma nova forma de pautar, produzir, apurar e editar matérias sem sair de casa, abriram espaço para uma nova geração de repórteres em todo o País, que aprenderam na raça a fazer entradas ao vivo.

Sou de uma geração que não tinha celular nem internet, que era obrigada a ir aos lugares para ver o que estava acontecendo e viajar muito para descobrir novas histórias, gastando sola de sapato, como eu costumava brincar.

Este novo tempo que já começou vai alargar nossos horizontes profissionais, dar uma sobrevida aos mais velhos e oferecer novas oportunidades à garotada que está começando.

Por isso, sou otimista sobre o futuro.

Você sabia? Quanto menor a empresa, maior o índice de desconhecimento sobre como ter acesso a linhas de crédito no Brasil. E entre os maiores desafios estão as altas taxas de juros cobradas por bancos ou financeiras, seguidas pela burocracia do processo e pela dificuldade de conseguir o valor necessário.*

Qual a saída? Se você tem conta comercial no PayPal há pelo menos seis meses, a solução pode ser o “Crédito para o seu negócio”, fruto de parceria entre o PayPal e a Captalys. Acesse e conheça: www.paypal.com.br.



(* Dados da pesquisa “Crédito no Brasil 2020”, realizada pelo Opinion Box em janeiro deste ano, sob encomenda do PayPal Brasil. Saiba mais em <https://newsroom.br.paypal-corp.com/home>



Rose Angélica Nascimento

Chefe de Redação do SBT em Brasília

Refletir sobre como ficou e o que vem pela frente pós-pandemia tem sido uma prática diária. No dia a dia estamos tentando entender e enxergar as lições práticas que estamos tendo nesse período. Acredito que o primeiro sentimento foi a empatia que invadiu a redação logo que começamos a viver sob a direção da pandemia. Foi como se todos os colegas da redação nesse momento desenvolvessem empatia uns pelos outros. Não que de alguma forma não a tivéssemos, mas com certeza ela aflorou. Solidariamente, entendemos que essa crise acabou por nos unir e ao mesmo tempo nos separar. Somos os que ficamos na redação, os que foram afastados por fazerem parte do grupo de risco e os que estão em *home office*. E, mesmo assim, cada um se sente parte do todo e todos se ajudam mutuamente, seja na sucursal, seja na sede da emissora.

Outras consequências estão se revelando no lado prático da cobertura. Para nós, como redação de TV, começamos a perceber que já não há divisão geográfica. Em Brasília passamos a entrevistar fontes de qualquer lugar, sem estarmos restritas ao local físico da nossa redação. E não é só: isso também reflete no processo de apuração/ produção, o que implica o aumento (expansão) da nossa área de atuação. Mas, talvez a lição mais visível se dê através da qualidade técnica. Com o uso de Skype, Zoom e gravações de celular, por exemplo, nem sempre conseguimos a qualidade habitual, só que, neste momento, isso já não é problema. Se antes as sonoras ou imagens com pequenos defeitos eram vetadas, hoje já são aceitas. Além disso, aprendemos a trabalhar em *home office*. E tem sido um grande desafio. Numa emissora de TV os produtores são os profissionais que estão mais aptos à distância. São a nossa retaguarda.

Nessa jornada aprendemos juntos, tanto a chefia como a redação em si. Descobrimos a cada dia novas práticas para realizar o trabalho, seja criando grupos específicos de apuração, aperfeiçoando no uso de aplicativos de mensagens ou experimentando novas formas para simplificar o processo produtivo. Com certeza, essas lições vão permanecer.

Na verdade, muito do que estamos vivenciando hoje vai ser incorporado no futuro. As redações também não serão as mesmas. Aliás, já estão diferentes. Acredito que a divisão de trabalho possa levar a novas formas de produção, com profissionais IN e OUT (os de dentro da redação e os que não precisarão estar presentes fisicamente); também é possível que as equipes técnicas tenham algumas mudanças significativas, diminuindo ou se adaptando a novas funções. Por outro lado, é possível que aumente a demanda por profissionais de comunicação com o viés de TI (tecnologia da informação), tanto do lado técnico, visando a soluções na informática, quanto na redação, com jornalistas trabalhando mais com análise de dados para contar as histórias que precisam ser contadas. Será o fortalecimento do Jornalismo de Dados na cobertura. O jornalismo do amanhã, ao que tudo indica, caminha para a necessidade cada vez maior de jornalistas multimídia que produzirão não apenas para o seu veículo, mas também para o site ou plataforma a que esteja vinculado. De qualquer forma, quaisquer que sejam as mudanças, tenho certeza de que valores como a ética e conhecimento, e também a experiência, continuarão a ser bens valiosos na formação profissional.

E o que fica desse período é que vivemos, sim, um distanciamento social com parte da redação em trabalho remoto, mas que quebramos por meio do grupo de Whatsapp da redação, onde continuamos convivendo e matando a saudade. Estamos longe, mas procuramos estar juntos, nem que seja num grupo virtual.



Lauriberto Braga

Atua na Rádio Fortaleza FM, do Ceará

A Covid-19 deixa para o jornalismo brasileiro a lição que ainda temos muito que aprender com o jornalismo científico. Erramos muito na cobertura. Deixamos-nos levar por muitas controvérsias. E elas acontecem diariamente. Não conseguimos separar o verdadeiro do falso. Isso acaba por nos ensinar a estudar mais. E aí entra a questão do jornalismo do amanhã. Não poderemos mais ser como médico clínico geral que dá receita paliativa para tudo. Temos que ser especialistas. Especialistas em coroa. Especialistas em política. Especialistas em economia. Especialistas em ciência.



Sylvio Costa

Fundador e editor do Congresso em Foco

Anotações musicais sobre um futuro incerto

Os mil caracteres perdidos sugerem um curta de 30 segundos.

Cenas rápidas, corte seco. No áudio, *Tente outra vez*, de Raul.

Vimos no Congresso em Foco o que inovação e resiliência podem trazer na crise. Preservamos caixa e aumentamos em 262% os usuários únicos (de 1º de março a 22 de maio, ante igual período de 2019), aprendendo com os erros e investindo em: informação exclusiva, jornalismo de dados, ciência, interação, vídeo & em melhor distribuição de conteúdos. Isso permitiu até ampliar a equipe.

Troca o som para *The Way*, de Zack Hemsey.

São vitórias tristes, tão tristes quanto muito do que temos publicado. Um dos países mais afetados pela pandemia e ainda somos ameaçados pela gestão genocida da crise sanitária e por um presidente despótico. Confronta a democracia e o jornalismo e apoia gente que organiza milícias armadas e defende golpe militar.

Que saibamos todos, colegas, veículos e sociedade, nos unir para afastar tais ameaças do horizonte. Futuro sem democracia não é futuro. Sobe som.



Bureau de Ideias Associadas

SAMSUNG



XP inc.

amil



Roberto Muylaert

Ocupou diversos postos na Abril e foi presidente da Fundação Bial de São Paulo e da Fundação Padre Anchieta, e hoje comanda a RMC Comunicação

Sem tempo de ser original

Todo o mundo enfrenta uma situação inédita nos campos da atividade humana, numa abrangência maior do que a situação vivida nas guerras mundiais. Nestas, as situações de perigo e emergência variavam de acordo com as batalhas sendo travadas, e o inimigo era visível. Agora, na pandemia, o perigo está sempre à espreita, pronto para se aproveitar de alguma distração, para atacar.

Há duas notícias a pautar o Brasil: o avanço da pandemia e os absurdos em ações e palavras perpetrados pelo presidente da República. Como a hierarquia da informação pede que se comece da mais urgente, a primeira coisa do dia é ver o noticiário da UOL para que o jornalista não fique por fora de alguma decisão importante tomada da noite para o dia. A suite dessa informação vem com o noticiário de TV, onde a Globo News se destaca, com um grupo incansável de jornalistas em tempo integral, sem uma pausa no dia para criar alguma pauta que não seja lugar-comum. O espaço que sobra é preenchido pelos repetidos "boa noite para você, boa noite aos que nos estão assistindo..."

E os jornais seguem tentando fazer a diferença nas análises, concorrendo agora com milhares de aplicativos que, com maior ou menor qualidade, disputam o tempo dessa raça em extinção chamada leitor.

Informação para formar opinião

O jornalismo de amanhã parte do princípio de que a notícia está em toda parte, onde há meio, há mensagem.

Os meios são os mais diversificados possíveis, e as mensagens atingem números tão elevados que a mídia tradicional não pode chegar nem perto na compilação dos números absolutos. Como participantes da mídia tradicional, nossa defesa parte da hierarquia da notícia, que só os profissionais sabem desenvolver, traçando como produto final um noticiário de confiança a ser aceito nos nichos alternativos, onde interesses cada vez mais focados e específicos identificam-se com o que a nova geração procura. Faz pouco tempo, os comunicadores quebravam a cabeça para identificar o seu leitor, buscando falar com ele, cara a cara. Na área da publicidade, chegava-se a vender a efetividade do anúncio, como sendo uma mensagem que iria atingir metade do público interessado, mas não se sabia qual metade. Era uma forma jocosa de mostrar que não era possível falar a um público bem específico. Agora, as mensagens podem atingir o alvo quase sem desperdício.

Diante dessa algaravia de interesses, temas e públicos funcionando como alvos específicos, só a escolha de veículos tradicionais e sérios, para manter o respeito daquele público, além do nicho específico de interesse, ao confiar e respeitar numa fonte segura de informação.

Essa mídia sobreviverá, em número reduzido, mas baseado na capacidade e qualidade do material jornalístico produzido, a buscar fontes primárias de informação, a fim de indicar os caminhos em que o público poderá se basear para formar opinião, em vez da infinidade de "veículos" digitais, onde a qualidade nem sempre se destaca.



Sheila Magalhães

Editora executiva de Jornalismo da Rede BandNews FM

Ainda não é possível estabelecer todas as lições e o legado deixados para o jornalismo brasileiro, já que ainda estamos no meio dessa pandemia. Mas, passados alguns meses da chegada da doença ao Brasil, ficou latente que, num cenário em que ainda faltam informações a respeito da doença, prudência e responsabilidade para noticiar os fatos mostram-se ainda mais importantes. Também fica evidente a força do jornalismo profissional. É esse jornalismo que tem condições de oferecer conteúdo de qualidade, ouvindo os mais respeitados especialistas e autoridades no assunto. Até por isso, em momentos como esse, de crise, cresce a procura do público pelos veículos de maior credibilidade. Também fica mais cristalino o papel do jornalista como "tradutor" da realidade: buscando, por meio da linguagem, por exemplo, tornar o assunto acessível ao maior número de pessoas. A Covid-19 parece ter deixado claro para as redações que lidar com saúde, com vida e morte todos os dias, requer sensibilidade e equilíbrio, de modo a respeitar vítimas e parentes de vítimas, e alertar a população em relação aos riscos apresentados pela doença, sem fazer disso sensacionalismo. O momento reforça, ainda, como precisamos ser criteriosos e seletivos ao escolhermos as fontes a quem damos espaço no ar, nos sites ou no papel. Requer também didatismo para orientar e informar a respeito das medidas e políticas adotadas em cada cidade ou Estado. E ainda: fortalece a missão do jornalista em fiscalizar o poder público cobrando responsabilidades. Por fim, o momento também é de olhar para as redações e jornalistas com mais humanidade! São grandes profissionais que diariamente se expõem e se arriscam em nome do serviço essencial que é o de informar.

Além da produção cada vez mais multiplataforma, prevejo um jornalismo mais atento às demandas do público e à agenda da "vida real", muitas vezes distante dos corredores do poder em Brasília e da tal "agenda do governo". Também prevejo que teremos saído desse momento com diferenças mais gritantes entre o jornalismo profissional e o amador, e com equipes mais sensíveis para enxergar histórias por trás dos números, mas igualmente racional e precisa nos números de modo a atestar a realidade.



Luiz Anversa

Editor do Yahoo Esportes

Parece óbvio, mas para muita gente essa resposta não é evidente. É bem claro que o trabalho da imprensa livre e independente é fundamental nesses tempos de desinformação nas redes ditas sociais. Nada melhor que um conteúdo com curadoria responsável e analisado por pessoas gabaritadas para tal tarefa. A crise sanitária só deixou essa necessidade mais escancarada. O jornalismo sério tem mais uma oportunidade de mostrar ao público que é essencial em qualquer momento da humanidade.

Sem dúvida o trabalho remoto vai ganhar mais força depois de a pandemia ser controlada. As redações, que há muito tempo perderam seu ar romântico, vão ficar ainda mais vazias (tanto pelos jornalistas que estarão em casa como pelos cortes que inevitavelmente virão). Eu gostaria que, num futuro próximo, o jornalismo de qualidade ganhasse respeito (anda é muito chutado hoje em dia). Infelizmente, acredito que a imprensa independente e profissional será destinada a um público menor que o de hoje, tornando nossa sobrevivência como atividade um desafio pra lá de complexo.

SAMSUNG



XP inc.

amil



Paulo Caruso

Caricaturista, ilustrador e chargista, desenha todas as semanas, ao vivo, no programa Roda Viva, da TV Cultura

Uma lição da pandemia da Covid-19 para nosso jornalismo foi descobrir notícias sem

sair de casa ou, quando fizer isso pela TV, nos exibirmos ao telespectador bem mascarados. Já em caso de papel impresso, lavar bem as mãos com álcool gel antes de se informar do que vem vindo por aí.

Nem pensar nos tempos quando saíamos do jornal, depois de vê-lo sendo impresso nas rotativas, para comemorarmos no bar mais próximo, já pensando no que faríamos no dia seguinte.

Outra informação mais do que presente é essa que nos assola e contamina, presidente ausente de qualquer isolamento pelo "novo coronavírus", pregando contra, botando ministros da saúde pra fora ao fazer convite a 19 ministros, constringendo o ministro da Justiça Moro, já com moral baixa, a deixar o recinto. Surpreende o Supremo com passeata até o STF pra constringer Dias Toffoli, dizendo que dias piores virão se não forem liberadas mãos a obra de produzir riqueza para seus apoiadores e patrocinadores. Em seguida vai ao PGR para arar o terreno pro Aras defendê-lo como goleiro nesse campeonato contra seu *impeachment*. E vamos em frente que as milícias vêm atrás da gente...

Com essa mudança do terreno físico, impresso em papel e tinta, para o digital, vamos boiando em meio ao lamaçal do mundo digital.

Agora vale tudo, inclusive desinformação dirigida contra jornalistas, além de sopapos físicos em algumas coberturas descobertas. No meu caso, como caricaturista neste nosso planeta, vejo além dos problemas algumas vantagens. No mundo digital posso traçar em movimento, com som, ruídos e música que ajudam a marcar minha expressão de um modo ainda mais sedutor do que antes. Posso desenhar, falar ao mesmo tempo, editar minha mensagem sem pressão de nenhum editor ou potencial patrocinador. Enquanto houver humor há esperança...



Wagner Belmonte

Professor de Jornalismo da Universidade de Mogi das Cruzes (SP)

Não há como mensurar o legado, pois a crise ainda está em andamento. Os números de contaminados e mortos segue aumentando, e, portanto, não há como fazer muitas previsões.

Mas já podemos destacar alguns pontos interessantes. O primeiro deles é a estratégia do digital e de todas empresas de comunicação em geral de se comunicarem rapidamente e quase que instantaneamente em ambientes digitais, o que passará a ser uma realidade cada vez mais extensiva. O imediatismo com que as organizações jornalísticas trabalham será similar a quem está de fato nas redações, em tempo real, mantendo as redes informadas e atualizadas a todo o instante. O digital sairá muito fortalecido.

O segundo ponto é que a cobertura jornalística de saúde terá maior destaque. Algumas das melhores matérias sobre a situação do Brasil em meio à pandemia foram feitas por veículos jornalísticos estrangeiros, como Deutsche Welle Brasil, BBC Brasil e El País, embora a imprensa brasileira tenha feito um excelente trabalho. Eles souberam utilizar um ângulo de tratamento da informação muito sólido e preciso no que diz respeito à pandemia no Brasil. O jornalismo de saúde sai muito favorecido e evidencia que fontes fidedignas de pesquisa científica de ponta tenderão a ter mais espaço e mais destaque no dia a dia da imprensa. O conteúdo de revistas médicas vai transformar-se em conteúdo palatável e digerível para nós dentro das coberturas jornalísticas.

As projeções perpassam pela lógica de que os jornalistas terão mais critério e atenção em relação àquilo que é vital e relevante em uma cobertura de saúde. Precisamos de informações mais instantâneas, como por exemplo as *lives* de sociedades médicas e de hospitais realizadas nas redes sociais. Acredito que isso será muito interessante para o jornalismo. A tríade *jornalismo, relações públicas e marketing* pode criar um ambiente onde o "fazer jornalismo" esteja cada vez menos nas mãos dos próprios jornalistas e cada vez mais alinhado à uma perspectiva de reflexão que envolve o porquê daquela informação ser importante, como ela muda a vida das pessoas, como ela transforma a sociedade e qual é a relevância dela para determinados grupos. Uma crítica à imprensa brasileira seria o excesso de estatísticas ao abordar as vítimas do coronavírus. Creio que o papel do jornalismo deve ser dar voz ao grupo de pessoas pertencentes às classes mais pobres, que vive em zonas mais excluídas e com alta mortalidade por causa da pandemia. É preciso um jornalismo mais humano, que vá além das estatísticas, dos dados, dos números. E, infelizmente, não se vê muito isso na imprensa brasileira hoje em dia.

A propósito, elaborei uma atividade para meus alunos de Jornalismo baseada nas perguntas que respondi.



Américo Martins

Vice-presidente de Conteúdo da CNN Brasil

A pandemia da Covid-19 mostrou, mais uma vez, a força e a importância do jornalismo profissional de qualidade para a sociedade brasileira. Neste momento de incerteza, a população voltou a consumir com intensidade as informações produzidas pelos veículos de qualidade. As reportagens e análises desses veículos estão ajudando o público a entender vários elementos da crise pela qual estamos passando – tanto do ponto de vista sanitário como político e econômico. O nosso trabalho é fundamental. E as pessoas sabem que a imprensa profissional é muito mais confiável do que qualquer *influencer*, qualquer rede social ou qualquer ativista que repercute notícias falsas. Tudo isso nos dá uma grande oportunidade: precisamos entender que este é o momento para tentar atrair e manter uma audiência ainda maior.

Vamos enfrentar, por muito tempo ainda, uma grande crise econômica e muita turbulência política no mundo todo. O modelo de negócio do jornalismo vai continuar sob pressão e diversas forças políticas vão continuar desqualificando o trabalho dos jornalistas. Mas, nesse cenário, o jornalismo de qualidade vai ser ainda mais importante. Para continuarem sendo relevantes, as empresas de comunicação vão ter que investir cada vez mais em duas coisas: tecnologia, para modernizar todos os processos e reduzir custos; e na valorização do profissional – afinal, a inteligência e boa formação dos jornalistas são os fatores mais importantes para o sucesso da mídia.



Luiz Artur Ferraretto

Professor do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS e coordenador do Núcleo de Estudos de Rádio da universidade

A Covid-19 expôs tanto a solidez quanto a fragilidade do jornalismo como profissão e como negócio. Quem vinha enfrentando

bem os desafios do cenário anterior passa melhor pela pandemia. O problema é que profissionais e veículos podem não se ter adequado, anteriormente, às transformações em curso. É forte a tradição empresarial em encarar a exploração da mão-de-obra como recurso para aumentar a margem de lucro. A possibilidade de um mesmo profissional, graças à tecnologia, exercer múltiplas tarefas foi vista como uma chance de reduzir quadros. Houve resistência dos jornalistas à tendência a tudo ser mais multimeios. Os cursos da área não foram ao encontro das necessidades de mercado. Profissionais experientes, mas sem familiaridade com a tecnologia, acabaram substituídos por jovens mais baratos e nem tão qualificados. Assim, frente a uma das principais pautas da história, faltam profissionais capacitados para a cobertura na qualidade e na quantidade exigidas. No enfrentamento da Covid-19, o que reforça, no entanto, o papel do jornalista é a necessidade social de relatar a incompetência do governo federal, marcada por uma enxurrada de *fakes*, de desinformações e de ofensas.

A democracia brasileira nunca dependeu tanto do jornalismo. Agressões, ameaças e ofensas não são um acaso. Em paralelo ao combate à pandemia, existe uma guerra de informações. De um lado, estão as *fakes*. De outro, as *news* profissionalmente produzidas. No pano de fundo brasileiro, há a luta pela continuidade do processo democrático. Vencendo a democracia, o público exigirá um jornalismo mais forte. O que isso significa? Mudanças, de um lado, na formação e no exercício da profissão, e, de outro, nas formas de gestão do negócio comunicacional e do próprio jornalismo. Em *home-office*, na redação ou no palco de ação dos fatos, o mesmo profissional produzirá, ainda com mais frequência do que antes, áudio, fotografia, texto, vídeo... Independentemente do meio, a veiculação penderá do ao vivo para o conteúdo de consumo posterior e vice-versa. O que, até a pandemia, era tendência vai se tornar corriqueiro. Todas as instâncias do processo precisarão ter consciência disso.



Carlos Alberto Sardenberg

Âncora do *CBN Brasil*, comentarista econômico da CBN, do *Jornal das Dez* (Globonews) e do *Jornal da Globo* (TV Globo) e colunista de *O Globo*

A cobertura da crise acelerou um processo que já estava em andamento: o uso cada vez maior da tecnologia, o que, infelizmente, reduz o número de profissionais necessários, de jornalistas a técnicos. Outro dia, um dos editores da tevê comentou comigo: quando tudo isso acabar, podemos continuar assim, com boa parte do pessoal nem passando pela redação. E faz sentido: quanto tempo e dinheiro um repórter leva para ir à redação, apanhar a pauta, fazer a matéria e voltar para gravar e editar três minutos? Âncoras de rádio podem fazer todo o programa de casa, com pequenos equipamentos. Isso, na ordem técnica. No conteúdo, é notável o esforço de todos para entender a crise e explicá-la ao público – exceção feita, é claro, aos que politizam uma crise de saúde. E a importância da liberdade de imprensa: nos anos 1970, cobrimos uma epidemia de meningite em São Paulo, mas nada era publicado. Tudo censurado, falta de informação que piorou a crise.

Vamos trabalhar com menos gente e com mais tecnologia, isso é certo. E quanto ao pessoal, de jornalistas a técnicos, vai haver mudanças fortes. Hoje, estamos introduzindo tecnologias novas com profissionais que não foram formados nelas. Como sou grupo de risco, tenho feito tudo de casa, de entradas na CBN e Globo, além de palestras e debates online. Impressiona-me a quantidade de vezes que “cai o sistema”, o tempo que se leva para conectar todo mundo, a necessidade de ensaios. Na tevê e na rádio, temos avançado. Mas, de modo geral, os profissionais não estão familiarizados. Logo surgirão os que nasceram profissionalmente nesse novo ambiente. As escolas de jornalismo terão que se dedicar a essa formação. Mais tecnologia é igual a mais acesso à informação. O trabalho de selecionar e editar será mais complexo. Mas eu também penso o seguinte: que devemos manter as redações presenciais. A constante troca de ideias, um acompanhando o trabalho do outro, a excitação do fechamento – isso não pode acabar.



Fabio Turci

Repórter da TV Globo há 20 anos, atualmente no *Jornal Nacional*, em São Paulo

O jornalismo agigantou-se em meio à pandemia. A profusão de informações circulando e o valor de vida ou morte embutido na informação correta fizeram grande parte da população preocupar-se com a qualidade do que estava lendo, ouvindo, assistindo. Vários veículos de comunicação entenderam a importância do momento e seu papel. É seguro dizer que o jornalismo salvou vidas. Salvou ao ensinar a população (com base na ciência) que devemos nos afastar, como o vírus se propaga, como devemos lavar as mãos, como devemos usar máscaras. Salvou ao expor a dificuldade de comunidades pobres e, com isso, mobilizar ajuda de pessoas físicas e jurídicas. Salvou vidas ao expor deficiências no combate à doença e cobrar providências do poder público. A pandemia fez uma sintonia fina no nosso Norte: a informação bem apurada, baseada em fontes críveis e de interesse público. Ao mesmo tempo que isso é elementar, é o que mais nos diferencia do resto que se propaga pelas redes sociais. Não devemos nos esquecer disso.

Como todas as atividades profissionais, o jornalismo precisou adaptar-se ao isolamento durante a pandemia. Tivemos que aprender a ser mais remotos e menos presenciais – um desafio para a reportagem de campo. O celular com câmera nas mãos de qualquer cidadão nunca foi instrumento tão necessário à prática do jornalismo, compensando, em parte, o que estamos impedidos de fazer *in loco* por causa do distanciamento social (e, ao mesmo tempo, exigindo um grande esforço de checagem). A crise econômica nos afeta e afetará, como quase todas as atividades profissionais. A prática do jornalismo já vinha em transformação (com novos recursos e mudanças de linguagem) e, com a pandemia, a magnitude dessa transformação poderá ser ainda maior. Difícil saber exatamente o que nos espera. De qualquer forma, a pandemia deixou claro que nossa essência permanece como valor absoluto: a busca pela informação correta. E o que mantém a essência pode até mudar de forma, mas não desaparece.



Luciana Garbin

Editora de Planejamento no Estadão e coordenadora do LabJor Faap

Como cobrir um fato histórico que altera a vida de milhões de pessoas? Essa pergunta tem se repetido na cabeça de jornalistas desde o início da pandemia. Coragem, prudência, precisão, equilíbrio. Conceitos fundamentais ganharam um sentido mais urgente. Como informar sem estimular o pânico? Como ser exato num cenário de incertezas criado por uma doença nova? Como oferecer consensos com tanta discordância entre autoridades e cientistas? Como lidar com estatísticas muitas vezes subestimadas? A cobertura do novo coronavírus foi não só inesperada como decisiva. Em meio à proliferação da desinformação, leitores voltaram a recorrer a veículos de qualidade em busca de dados confiáveis. Esse pra mim foi seu grande legado.

O jornalismo profissional fortaleceu-se na pandemia e isso é bom para a sociedade e para a democracia. Portais de notícias têm registrado picos de acessos e assinaturas certamente porque muita gente chegou à conclusão de que, quando a vida está em jogo e o País vive uma crise tripla (sanitária, política e econômica), não dá pra correr o risco de acreditar no que chega pelo WhatsApp. A cobertura da Covid-19 significou um grande esforço para a maioria dos jornalistas. Não é simples de um dia para o outro ter de trabalhar de casa, driblando a instabilidade da internet, dividindo tarefas com lição dos filhos, limpeza da casa, incertezas da quarentena e tristeza de ver colegas perderem o emprego. Não é fácil monitorar a contabilidade diária de mortos, sabendo que cada número significa alguém que tinha mãe, filho, amigo. E ter de contá-las bem, sem esquecer de oferecer outros conteúdos para quem está ansioso por algo além do coronavírus. Esse aperfeiçoamento do serviço ao público foi outro grande legado. De como lavar as mãos a como manter a sanidade mental, passando por como entender os embates de Executivo, Legislativo e Judiciário, os anseios do leitor estiveram no foco do trabalho jornalístico. E daí não devem sair mais.

Por fim, um terceiro legado é o da transformação digital. Já havia começado, mas deve ganhar impulso depois da constatação de que é possível, sim, fazer jornal de longe. Ter todos trabalhando remotamente implicou a perda do rico ambiente da redação. Mas me parece que esse é mais um dos pontos que não voltarão a ser como antes.



Laurindo Lalo Leal Filho

Professor aposentado da ECA/USP, membro do Conselho Deliberativo da ABI e diretor do Centro de Mídia Alternativa Barão de Itararé

Ainda não é possível apresentar conclusões objetivas sobre lições e legados que a crise da Covid-19 deixa para o jornalismo brasileiro. Afinal estamos em plena pandemia, agravada no Brasil pelo incentivo do governo federal à contaminação em massa da população e do extermínio de parte dela. No entanto, algumas pistas podem ser levantadas. Uma delas é sobre o papel do rádio e da televisão, até há pouco tempo vistos por muitos como em decadência, diante do crescimento da internet. A crise mostrou o contrário. Tornaram-se fontes primárias e imprescindíveis de informações, graças à agilidade, à estrutura tecnológica, ao aparato jornalístico, à possibilidade de cobertura global e imediata inerentes a eles. Resta, no entanto, a necessidade de aprimoramento na distribuição de canais, para garantir a diversidade das informações e o distanciamento dos interesses políticos e econômicos dos seus controladores, em relação ao jornalismo. Não custa lembrar que essas emissoras são concessões do Estado, destinadas a prestar serviços públicos, como determina a Constituição Federal.

A crise da Covid-19 escancarou o grau de desigualdade existente no País, desde sempre normalizado pela mídia em geral. O jornalismo precisa, com urgência, reconectar-se com as necessidades mais profundas da maioria da população brasileira. Não pode mais virar as costas para o fosso que separa uma minoria abastada, concentradora da renda nacional, da imensa pobreza que se espalha por todo o País. É inconcebível que o jornalismo continue olhando só para os números frios da bolsa, construídos por políticas econômicas baseadas na exclusão social. Torna-se necessária a abertura de espaços para visões econômicas alternativas ao conservadorismo, não apenas nas análises e comentários, mas principalmente na reportagem. A realidade dramática dos miseráveis deste país necessita ser esmiuçada pelo jornalismo, acompanhada de projetos e propostas que consigam enfrentá-la e, pelo menos minimizá-la. Fontes para isso não faltam. O que falta é vontade política e coragem editorial.



Carlos Turdera

Correspondente do Grupo Dirigentes (Espanha); pesquisador, entusiasta e palestrante sobre uso de realidade virtual em jornalismo

A migração da vida para a esfera digital consolida esse ecossistema de mídia como o novo normal para o jornalismo. O aumento no compartilhamento de matérias após a queda de *paywalls* acho que evidencia, em meio à "whatsappização" da sociedade, que a população privilegia informação produzida profissionalmente quando tem acesso a ela tão fácil quanto às falsas. O aumento de interesse em dados apresentados com *storytelling* evidencia também a preferência do público, notoriamente o menos escolarizado, pela "historinha", chave na propagação das teorias conspiratórias. O estado de *live* permanente empurra o jornalismo a sair de posturas enrijecidas de "voz da verdade" para tons mais descontraídos. O engajamento das audiências com modelagens matemáticas usadas para explicar fenômenos macro (saúde, economia, ambiente etc.) consagra a ciência como ineludível voz de autoridade. Por fim, o "sucesso" de *fake news* reforça a percepção de que o jornalismo não só continua a ser um bem de luxo para as maiorias, mas também não tem credibilidade suficiente entre esse mesmo público.

Assim como se passa a falar cada vez mais de uma renda universal mínima para enfrentar os novos tempos, talvez a "gratuidade" das redes sociais seja fértil para reestruturar o modelo de negócio das empresas jornalísticas. Uma mudança já iniciada é a formação de audiências flutuantes, como legiões de seguidores e jornalistas agindo como *influencers*. Penso que vai se firmar o trabalho na nuvem e as redações físicas se reduzirão ou passarão a ser espaços de eventos, funcionando os aplicativos como a nova sala de reunião, canal para entrevistas e, talvez, espaço de apresentação de reportagens. A produção jornalística passará a ser mais "conversacional" por efeito das redes sociais. Crescerá a audiência dos sites de checagem de dados e a produção e distribuição de *fake news* passará a ser crime de cidadania. Mais remoto, pode surgir um jornalismo imersivo, sendo esse um gênero a se desenvolver a partir da massificação de dispositivos de realidade virtual, aumentada e velocidades 5G de transmissão de dados.



José Paulo Kupfer

Colunista do UOL e articulista do Poder360

Jornalismo que é digno do nome não se dá bem com enquadramentos explícitos ou insinuados vindos das direções das empresas, por meio das chefias de Redação.

Esse jornalismo digno do nome é aquele que seleciona, hierarquiza e executa pautas abertas à diversidade de pontos de vista, tendo em vista o interesse público. Isso é quase uma tautologia, pois enquadramentos e interesse público são excludentes.

A pandemia da Covid-19 pegou o jornalismo brasileiro num momento de baixo grau de enquadramento, e, assim, ele está conseguindo "surpreender".

Os enquadramentos refluíram, entre outros motivos, pela já bem percebida ameaça às instituições, atingindo também a empresa jornalística, representada pelo governo do presidente Bolsonaro.

É fato histórico que, quando há censura, ou ameaça de censura, por paradoxal que possa parecer, os enquadramentos diminuem e o jornalismo, de um jeito ou de outro, cresce. É uma questão de sobrevivência para o jornalismo e para os jornalistas.

Quanto mais enquadramentos houver e menos independentes forem os jornalistas, mais o jornalismo será poroso às *fake news* que se disseminam pelas redes sociais e mais tenderá a ser relegado ao nicho das bolhas que as dominam, rumando para um fim inglório. Mas o caminho da sobrevivência e da relevância não está fechado.

O tempo está correndo mais rápido e o jornalismo do amanhã já está sendo exercido hoje. Além de expor, de forma crua e incontornável, nossas fraturas sociais e econômicas, a pandemia da Covid-19 potencializou e acelerou as mudanças pelas quais o modo de fazer da profissão já vinha passando.

A cobertura online, o flagrante em tempo real, o recurso a mídias diversas, aquilo tudo que se ensaiava, transformou-se em rotina.

O trabalho a distância, as entrevistas ao vivo, a "linguagem de televisão" assumida por outros meios, parecem ter vindo para ficar e são a cara dos novos tempos profissionais.

Com a aceleração da digitalização ampla da vida em sociedade, é natural que novas ferramentas de captura, organização e análise de dados ganhem relevância e destaque no fazer do jornalista.

Esse fazer muda, como sempre mudou ao longo dos tempos, mas o jornalismo continua o mesmo.

Os novos meios, as novas ferramentas, a nova organização da produção e distribuição são apenas instrumentos para que o jornalista exerça o jornalismo – transmitir, sem estrelismos e interferências no ambiente, informação, comprovada, contextualizada e diversificada, de quem sabe para quem não sabe –, caso isso seja permitido pelas chefias nas Redações.



Maurício de Sousa

Principal produtor e editor de histórias em quadrinhos do País, começou a carreira como repórter da Folha de S.Paulo

Quanto às lições e ao legado, primeiro, a coragem de enfrentar a pandemia nas ruas, nos hospitais, nos centros do poder para trazer a melhor e mais correta informação do que está acontecendo no Brasil e no mundo. E para isso mostrou-se tão essencial quanto as demais atividades essenciais, que não podem parar. Segundo, que neste momento de grande disseminação também de *fake news* cresceu mais ainda a importância do filtro jornalístico. Isso nunca será esquecido.

As pessoas lendo cada vez mais pelo celular fazem notícias envelhecerem em minutos. Com menos tempo para pensar. Nas universidades haverá pouca teoria (mas concentrada) e muita prática para que os novos jornalistas consigam manter-se e divulgar informações nessa corrida contra o tempo. De certa maneira, a tecnologia vai colocar o jornalista no centro dos acontecimentos. Ele deve estar preparado para "viver" a notícia.



Gabriel Prioli

Atuou em diversos veículos da mídia impressa e eletrônica. Trabalha atualmente com planejamento e gestão de projetos editoriais e audiovisuais, e assessoria em comunicação política.

A crise sanitária deixou claro que, na hora da angústia, na hora em que é necessário ter informação confiável sobre o que está realmente acontecendo, o público não procura *memes* no WhatsApp, nem *posts* nas redes sociais. Procura a imprensa, o jornalismo de qualidade. O expressivo aumento nos índices de audiência dos telejornais, informativos de rádio e sites de publicações deixou isso muito claro.

Esse é, ao mesmo tempo, o maior legado e a maior lição que o coronavírus trouxe para o jornalismo brasileiro: o da sua credibilidade. Da confiança que ele inspira. Do papel "cartorial" reconhecido que ele tem, de atestar a veracidade da informação. O que a crise ensina é que, na batalha atual por atenção, no ambiente informativo altamente congestionado, o jornalismo tem uma decisiva vantagem sobre as redes sociais. Sabendo usá-la, fazendo da qualidade da informação – base da credibilidade – o seu foco obsessivo, seu mantra mercadológico, ele nunca será superado.

Na virada do século, a expectativa era de que o jornalismo avançaria rapidamente no rumo da digitalização e isso aconteceu. Tanto os veículos impressos quanto os eletrônicos construíram plataformas digitais, que cada vez mais são o centro da sua operação. O que não se previa era a emergência das redes sociais, como um poderoso meio de emulação do jornalismo. E a reconstrução do papel do público, que se transformou em agente ativo do processo informativo, como comentarista e distribuidor de notícias, e ombudsman permanente dos veículos.

Estimo que essas tendências vão se aprofundar mais e mais, o que exigirá dos veículos o estudo cuidadoso de sua interação com o público, que não voltará mais a ser um passivo consumidor. Estratégias de gestão de marca, circulação do conteúdo e mobilização da audiência nas redes sociais serão fundamentais, doravante. Assim como o investimento em qualidade, em equipes capacitadas, especialmente nas redações, para reforço do ativo central, a credibilidade.



Cida Damasco

Ex-editora chefe e ex-colunista do Estadão, hoje atua como *freelance*

Quando se avalia o impacto do meteoro Covid-19 sobre o jornalismo, a primeira coisa que vem à cabeça é a radicalização da transformação digital das redações. Aquela transição que vinha sendo milimetricamente planejada tornou-se imperativa da noite para o dia. Essencial para a sobrevivência dos produtos. À distância, jornalistas desdobram-se para divulgar, interpretar e opinar sobre notícias que desabam a cada segundo e muitas vezes mudam no segundo seguinte. Mais que isso, porém, a crise tripla que abate o País – sanitária, econômica e política – impôs ao jornalismo brasileiro desafios de um tamanho inimaginável. Enfrentar uma tragédia expressa em números gigantes, uma pandemia de *fake news* e um governo hostil à imprensa. O que, óbvio, não é para amadores. Exige a busca de informações confiáveis em tempo recorde, o resgate da vida real escondida atrás dos números e o exame das iniciativas oficiais com um olhar crítico, distante da frieza burocrática que tende a contaminar essas coberturas. Lições que não podem ser esquecidas no “novo normal”.

Nos exercícios futuroológicos sobre o depois da pandemia, tudo que todos perguntam é se haverá de fato um novo mundo. Quando se desce aos detalhes, no entanto, fica claro que, em maior ou menor grau, não há como anular o que passou e simplesmente retomar o cenário anterior. E o jornalismo não escapa dessa regra. Como todas as outras empresas, as jornalísticas sairão feridas e a crise dos empregos no setor, que não é de hoje, corre o risco de se agravar. Mesmo produtos nativos digitais, por natureza mais enxutos, não estão livres de ameaças. Ainda é cedo para se concluir se o *home office*, agora forçado pelos riscos da pandemia, ganhará fôlego ou ficará confinado à categoria das emergências. Quanto ao “conteúdo” do jornalismo do futuro, o centro do nosso ofício, tenho mais desejos do que apostas. Só para começar, desejo de que haja mais diversidade de opiniões, mais espaço para novas vozes, mais vida real sustentando e complementando o já bem-sucedido jornalismo de dados. Atributos que dependem não só do preparo e do empenho dos jornalistas, mas principalmente da disposição de empresários e executivos que estão à frente das redações.



Sandra Boccia

Diretora Editorial da Editora Globo

Facilidades criadas por infraestrutura de telecomunicações e o surgimento das redes sociais nubram um pouco o conceito do que é a profissão. De repente, qualquer pessoa, em qualquer lugar, com acesso e perfil, estava credenciada para “produzir conteúdo”. Foi uma revolução. Os chamados *gatekeepers* viram seu poder fragmentar-se em zilhões de *posts*. E isso é maravilhoso para disseminar informação. Mas nem todo conteúdo é jornalismo. Para o jornalista, conteúdo significa técnica e regras. Prevê pluralidade, apuração, checagem, acesso a fontes qualificadas, cruzamento de dados, investigação, análise e rigor. Boas reportagens são resultado de profundo senso crítico, perseverança, coragem para perguntar o que ninguém quer responder, propósito e compromisso com a sociedade. Bom jornalismo é ourivesaria, algo *hand made*, que pode servir-se de sofisticadas ferramentas de tecnologia para fazer o flagrante do presente. Um dos legados dessa crise foi evidenciar a clareza entre conteúdo e a necessidade de bom jornalismo – e de bons jornalistas. Estes, evidência a crise, só têm motivos para sentir orgulho do seu ofício e nunca mais deixar sua autoestima ser abalada.

O vírus da desinformação chegou bem antes da Covid-19, espalhou-se pelo mundo em alta velocidade e não tem previsão alguma de vacina. Mas o jornalista 3.0 sabe que possui as mesmas armas dos fabricantes de *fake news*: domina dados, as redes, e se interessa por qualquer plataforma de comunicação que venha a ser criada.

Sem resistir ao futuro e usando a tecnologia como ferramenta, esse profissional será capaz de desmontar narrativas que prejudicam a sociedade. Sempre que ouço alguém dizer “contrate um empreendedor”, eu penso em recomendar o mesmo para os jornalistas. Contrate alguém que sabe se comunicar, sabe ouvir, perguntar e tem senso de urgência.

Quanto aos modelos de negócios, esses passaram por processos de disrupção, como em muitas outras indústrias, e buscam reinventar-se constantemente. Alguns grupos já chegaram lá, novos produtos estão surgindo com pegada de *startup*, outros ficaram pelo caminho. Mas o que não mudou é a necessidade de informação qualificada. Essa prestação de serviço continua em alta demanda e fica ainda mais evidente em crises humanitárias como a pandemia do novo coronavírus.



Fabio Cypriano

Coordenador do curso de graduação de Jornalismo da PUC-SP

O jornalismo tem sido mais essencial do que nunca. Vivemos sob um governo obscuro, e se não fossem as informações da imprensa e dos meios de comunicação estaríamos em um buraco maior. Graças ao jornalismo, temos uma noção mais clara do que é esse vírus e de como se proteger dele. Isso não se restringe apenas ao Brasil, ocorre no mundo inteiro, como, por exemplo, nos Estados Unidos, que vive uma situação semelhante. Felizmente, o jornalismo cresceu. Mesmo sob condições adversas, dificuldades de locomoção e riscos inerentes, mostrou-se atuante e vibrante.

Também ficou clara a possibilidade de o jornalismo reinventar-se, com todas as novas formas de uso de tecnologia que têm sido excelentes para fornecer uma noção melhor do contexto atual, além das apurações precisas.

Destaco e valorizo aqui o trabalho de todos os jornalistas que se arriscam pelo seu trabalho, como por exemplo a repórter da Folha de S.Paulo **Patrícia Campos Mello**, que passou três dias no Hospital Emílio Ribas, e isso demonstra coragem. Creio que devemos reconhecer os jornalistas, assim como os profissionais de saúde, como heróis. Conseguimos fazer tudo isso mesmo com os frequentes ataques da Presidência, mas creio que isso é uma minoria. Hoje temos uma grande maioria de pessoas que estão melhor informadas graças ao trabalho da imprensa.

Na minha opinião, uma das lições é que o amanhã é imprevisível. Estamos falando para os nossos alunos que o normal hoje em dia é o coronavírus. O que percebemos é que, mesmo em meio a uma pandemia, o jornalismo reinventou-se e continua atuante, redações seguem trabalhando remotamente e têm dado conta de fornecer as informações essenciais não só sobre a Covid-19, mas também sobre política nacional e vários outros assuntos. Fica claro que, independentemente do futuro, o jornalismo consegue ser feito sob condições adversas. A adversidade não é um obstáculo para o jornalismo, mesmo sob pressão do governo, risco de contágio, dificuldades operacionais, o jornalismo segue mostrando que é vital e essencial para a sociedade.



Albino Castro

Ex-SBT, EBC, tevês Gazeta-SP e Cultura, entre outros, atualmente publica a coluna *Mundos ao Mundo* no jornal semanal luso-brasileiro Portugal em Foco

A pandemia da Covid-19 representou e ainda representa uma grande oportunidade para o jornalismo. As pessoas estão ansiosas por notícias e com tempo para escolher a melhor fonte. Na minha visão, entretanto, os veículos priorizaram a politização da cobertura. Como se fossem uma "correia de transmissão" da bipolarização na qual se encontra o País. Preteriram a pauta científica e de saúde, que poderia prestar um serviço fundamental à população. Não apenas trazendo orientações sobre cuidado e prevenção, em um momento tão difícil para todos, mas também refletindo a respeito das origens e motivações que levaram o mundo a ser surpreendido e se tornar refém de uma "gripe".

É preciso avançar muito mais no jornalismo investigativo. Não só no campo policial e de corrupção, senão também na área científica, para não se deixar surpreender, como aconteceu com esta pandemia. Infelizmente, não sei se isso acontecerá ou não. Um exemplo de como poderia ser esse jornalismo foi publicado no diário francês Le Monde, na edição de 29 de abril último, em duas páginas, sob o título *OMS-China: as relações perigosas*, no qual o jornal mostra como o Coronavírus começou a se espalhar no país asiático e, só meses depois, o mundo foi advertido pelo organismo da ONU. Foi a melhor investigação jornalística que li nesses meses de pandemia. E, no entanto, não a vi traduzida em nenhum jornal brasileiro. É por isso que defendo o fortalecimento, nas redações, do jornalismo investigativo.



Maria Cristina Fernandes

Colunista do Valor Econômico e comentarista da CBN

O aumento de audiência mostrou que a informação ganha peso quanto mais vinculada à sobrevivência e às perspectivas de futuro dos leitores, ouvintes e telespectadores. A crise do jornalismo precede a pandemia, mas sua eclosão mostrou que demanda por informação há. A dúvida é como monetizá-la. A liberação de acesso ao conteúdo colaborou para a demanda, mas esse patamar não se teria mantido se não tivesse havido equilíbrio entre o drama da pandemia e o xadrez político provocado pelo comportamento do presidente da República. A reação das instituições aos reiterados ataques do governo demonstra que a liberdade de imprensa está consagrada na cesta básica de direitos da cidadania. O dilema entre cobrir as agressões diárias do presidente e dar palco para a radicalização política pretendida, que acompanha a imprensa desde a posse, ganhou, finalmente, um limite, o da integridade física dos jornalistas, como mostrou a decisão de alguns veículos de se ausentarem da cobertura do Palácio do Alvorada.

A digitalização do impresso, que já estava em curso, ganhará muito mais velocidade. Isso não resolve os dilemas de um modelo de negócio que não remunera o digital. Menos ainda sob uma economia que não vai parar de afundar tão cedo. A pandemia, porém, trouxe um dado novo para esta crise. Não se trata mais de buscar meios de conquistar audiência, mas de fidelizar aqueles que foram atraídos para o noticiário pela pandemia. Quem são, o que pensam sobre o Brasil, o que gostam de ler, ouvir e ver, e o que esperam da imprensa para os tempos bicudos que estão por vir? Se o jornalismo conseguir responder a essas perguntas tem um rumo para sobreviver em meio a um país que ameaça dobrar os índices de desemprego pré-pandemia. Não é pra hoje nem pra amanhã, mas a economia vai reerguer-se em novas bases, com consumidores diferentes. O cidadão que emerge desta pandemia cobrará mais atentamente a presença do Estado em serviços básicos. Com um modelo de negócios baseado nas mudanças de consumo e um jornalismo mais atento para as novas demandas da cidadania, quem sabe, um futuro seja possível.



Sergio Lírio

Redator-chefe de CartaCapital

A pandemia obrigou o jornalismo, principalmente no Brasil, a reencontrar seus valores básicos. A profissão, não restam dúvidas, só faz sentido quando não nega seu caráter primordial de serviço público. Em grande medida, o trabalho sério de esclarecimento da população, o esforço quase unânime em levar ao público informações confiáveis, responsáveis, baseadas na ciência, evitaram, ou ao menos adiaram, o pior. Se o País afundar de vez na crise sanitária, econômica e política, não será por culpa da mídia. Nunca tinha ficado tão clara a importância do jornalismo não só para a democracia, mas para a sobrevivência dos indivíduos, em oposição à barbárie das *fake news* e da propaganda. Torço para que o momento, tão luminoso, leve os meios de comunicação e os profissionais a darem um passo além nessa reflexão. Caso tivessem sido mais honestos nos últimos anos, o Brasil não estaria infectado por uma pandemia mais grave, esta que ameaça as nossas liberdades e a dos brasileiros em geral. Deu no que deu a ideia de que os fins justificavam os meios na cobertura política e no apoio acrítico à destruição interessada do mínimo de Estado de Direito alcançado a duras penas desde o fim da ditadura.

Embora a convivência nas redações continue essencial, o isolamento social mostrou que o trabalho remoto, dado o avanço das tecnologias, não é mais um empecilho, se é que foi no passado, ao exercício do jornalismo e à existência de veículos de comunicação. Certamente as empresas menores vislumbraram uma possibilidade de reduzir os custos e sonhar com a sobrevivência quando o pior, em termos econômicos, chegar. E este momento infelizmente vai chegar. Para todos, dinossauros e nativos digitais. No caso dos conglomerados, surgiram novos caminhos para retomar a dinâmica perdida depois de tantos anos de recessão, crescimento píffio e passarálhos. Dá para ir mais longe, dá para alcançar os rincões, dá para se reconectar aos leitores, ouvintes, telespectadores. Só momentos dramáticos como este permitem enxergar. Se vamos conseguir, é outra história.



PEPSICO

Informação de qualidade é fundamental para a sociedade.

1º de Junho, Dia da Imprensa!

Nosso reconhecimento a todos esses profissionais.



Anna Flávia Feldmann

Professora do Departamento de Jornalismo da PUC-SP

O jornalismo é um dos maiores aliados em momentos de crise global. Para superarmos a atual pandemia, precisamos focar em dois objetivos. Primeiro, disseminar todas as informações pertinentes sobre o assunto, e, segundo, vencer a guerra contra a desinformação. Ainda mais no Brasil, diante de um governo que atua contra a imprensa e menospreza os riscos da Covid-19.

Os jornalistas têm como missão manter a população atualizada sobre o que ocorre local e globalmente, não só no que diz respeito à ciência, mas cobrindo todos os aspectos da pandemia, com impactos sociais, ambientais, econômicos e psicológicos. Com a avalanche de desinformação que enfrentamos, essa meta não é fácil, e é por isso que o trabalho jornalístico torna-se ainda mais essencial.

Um legado que este momento poderá trazer ao jornalismo é a ampliação de profissionais da área de saúde nas redações. Os cursos de Jornalismo já estão percebendo a necessidade de inserir disciplinas para orientar os alunos a trabalhar com os desafios da saúde pública.

A proliferação de informação, o excesso de produção de textos e o consumo de narrativas em tempo integral são traços da cultura moderna. A informação como mercadoria é extremamente difundida e valiosa na rotina humana, mas, na contemporaneidade, ela tornou-se tão numerosa que é imprescindível selecioná-la criteriosamente.

O jornalismo pós-industrial representa um momento de crise e reformulação. As grandes e outrora sólidas empresas comunicacionais sobrevivem, mas dividem espaço com novas experiências, novos meios e iniciativas com múltiplos formatos, que oferecem mais liberdade de publicação e possibilidade de exercício do indivíduo receptor-emissor.

Diante da proliferação de mensagens na sociedade interconectada, emitir informação não é mais a chave da comunicação. Ou seja: o acesso à tecnologia fez com que o furo jornalístico perdesse destaque na profissão. Nessa mesma proporção, investimentos em análises qualitativas, provenientes de especialistas renomados, são imprescindíveis ao futuro do jornalismo. Se muitos irão cobrir e divulgar o mesmo tema, importa agora quem irá publicar com mais qualidade.



Elvira Lobato

Ex-repórter especial da Folha de S.Paulo, onde esteve por 27 dos seus 40 anos de jornalismo, atua como *freelance*. É cofundadora do projeto multimídia [Mulheres 50+](#)

A cobertura da pandemia da Covid-19 impôs um desafio gigantesco à imprensa, no momento em que as empresas de comunicação estão financeiramente enfraquecidas pela queda da receita publicitária. Na minha avaliação, a imprensa saiu-se muito bem – considerando-se as restrições para a locomoção dos repórteres e a redução de salários – e conseguiu oferecer um jornalismo crítico e de serviços.

Ficou evidente que os meios de comunicação que se pretendem nacionais precisam reativar as redes de correspondentes. Ficamos mal informados sobre o avanço da pandemia pelo interior do país e na Amazônia e sujeitos à manipulação do noticiário pelos governantes.

Por outro lado, no começo da pandemia, brilharam as reportagens sobre a realidade nas favelas. Os jornalistas foram os primeiros a alertar que as famílias pobres não tinham água nem sabonete em casa lavar as mãos, e assim diminuir os riscos de contágio. Foi um trabalho muito relevante dos repórteres.

É preciso levar em conta que a imprensa teve de dividir suas equipes na cobertura de várias frentes emergenciais paralelas: o alastramento da Covid; as crises políticas produzidas diariamente pelo governo federal – com duas trocas de ministro da pasta da Saúde –; as investigações sobre a ingerência política de Jair Bolsonaro na Polícia Federal que sucederam à demissão do ex-ministro Sérgio Moro e as denúncias de corrupção e de incompetência administrativa na gestão dos recursos públicos no sistema de saúde.

Ficamos carentes de mais reportagens *in loco* sobre a propagação da doença entre as famílias pobres e o calvário dos doentes para conseguir atendimento, mas entende-se que seria uma exposição grande dos repórteres ao risco de contaminação. Quando acabar o confinamento, teremos um trabalho de rescaldo pela frente para resgatar histórias que não foram contadas e investigar o mau uso de recursos públicos e corrupção que certamente irão aflorar.

Para os que acreditam que o jornalismo está com os dias contados, a pandemia mostrou que a reportagem é e continuará sendo imprescindível.



Ascânio Seleme

Colunista de O Globo

Depois de experimentar um declínio importante com a internet e sobretudo as redes sociais, o jornalismo profissional foi revigorado quando informação de qualidade voltou a ser entendida como necessária e em alguns casos vital.

As redes, que ocuparam espaços das mídias profissionais no interesse das pessoas que supunham estar obtendo notícias através de Facebook, WhatsApp e Twitter, foram postas em xéque. Com o coronavírus, o problema ganhou outra dimensão. Consultar apenas as redes poderia significar dano irreparável à saúde. As pessoas passaram a necessitar de informação de boa procedência, bem apurada e checada, para salvar suas vidas.

Aprendemos a fazer jornalismo à distância. Mesmo veteranos como eu, que sempre torceram o nariz para quem não gastava sola de sapato nas ruas, perceberam que é possível apurar, checar e recheckar uma informação sem sair de casa. Esse é o grande legado da quarentena. Pode e deve ser muito usado no futuro pós-Covid.

O jornalismo profissional precisa sobreviver à pandemia para garantir permanente investigação dos atos dos governantes e para impedir extravagâncias, como as que continuamente presenciávamos e denunciávamos nestes dias sombrios.



Alberto Villas

Ex-Estadão, Folha e diversos canais de TV. Aposentou-se como editor-chefe do *Fantástico* e hoje escreve para o site da CartaCapital, pilota o blog VillasNews e é editor do Nocaute, blog de **Fernando Morais**.

No dia em que resolvi ser jornalista, em abril de 1966, ao comprar o primeiro número da revista Realidade, nunca imaginaria que 54 anos depois estaria aqui escrevendo sobre os rumos do jornalismo. Comecei o curso na UFMG em 1971 e terminei em 1979, defendendo uma tese sobre a censura de imprensa no Brasil durante a ditadura militar. Comecei com máquina de escrever fazendo jornal de papel, separando telex, rasgando laudas, respirando fumaça de Continental. Trabalhei em televisão, em rádio, em revista, em blog. Vi a tecnologia chegar, a lauda sumir, a fita betamax desaparecer. Mas nunca poderia imaginar ver o que estou vendo. Bancas vazias, jornais finos, revistas sumindo pra nunca mais. Mas, ao mesmo tempo, vivo bombardeado por notícias de todos os lados. Palavras, gráficos, fotos, filmes, *links*, comentários, análises, prognósticos. Tudo ao mesmo tempo, agora. O futuro do jornalismo está garantido, os rumos não estão traçados. Quando o mundo acabar, antes, certamente um jornalista vai sentar escrever, titular e espalhar a notícia: O mundo acabou!

Ouvimos diariamente que o mundo não será mais o mesmo quando tudo passar, quando a vacina chegar, o coronavírus sumir do mapa. O danado pegou a todos de surpresa. Nas primeiras notícias vindas de Wuhan parecia que o corona não passaria da cidade chinesa. Mas este não era igual àquele Ebola que passou, àquele gripe aviária, àquele vaca louca. Espalhou-se rapidamente e chegou até mesmo à mais longinqua cidadezinha do interior do Piauí. Os jornais sumiram com os cadernos de Turismo, encolheram os cadernos culturais, eliminaram os guias de fim de semana, abrindo alas para as notícias do vírus vindas de todos os cantos do mundo. Jornais de papel, virtuais e canais de televisão abriram editorias especiais e espaço para o coronavírus. A nossa imprensa tinha pela frente, além do vírus, a truculência de um governo que não gosta da mídia. A crise sanitária misturou-se com a política e a economia, virou pandemia. A imprensa aprendeu e resistiu. A luta diária continua e não pode amolecer.



Ivan Padilla

Editor executivo de Estilo de Vida, em Exame

A Covid-19 apenas reforçou tendências do comportamento, não trouxe nenhum novo *insight* ou quebrou qualquer paradigma. *Home-office*,

consumo consciente, desaceleração, tudo isso já estava em discussão. Com o jornalismo acontece a mesma coisa. A crise da pandemia ressaltou a importância e a necessidade de se buscar informação de qualidade. A audiência dos veículos de credibilidade atesta isso. Exame bateu dois recordes seguidos: em março, o site teve 47 milhões de visitantes; em abril, foram 55 milhões de usuários únicos, segundo o IVC.

O que ficou mais evidente é a responsabilidade dos jornalistas com a veracidade da informação. Quando falamos da eficácia de um remédio ou do impacto econômico de determinada medida, por exemplo, precisamos deixar de lado paixões e convicções e ter como base dados científicos, estatísticas confiáveis e fontes primárias. O trabalho remoto também virou uma realidade, e isso vale para as redações. Obviamente não se aplica a todas as situações, coberturas *in loco* sempre serão urgentes e necessárias. Mas uma entrevista feita por Zoom ou por Teams pode ser tão eficiente quanto aquela feita ao vivo.



Juliana Estigarribia

Jornalista do portal e revista Exame

Em alguns momentos dessa quarentena foi difícil segurar as lágrimas. Chorei pelas notícias que tivemos de publicar. Sofri com inúmeras (e vazias) críticas à imprensa. Mas também vi esperança. Conversei com fontes que queriam ajudar de alguma forma nessa pandemia. Para mim, esta crise veio para reforçar a importância do jornalismo. Perdi a conta de quantas vezes recebemos, nesta quarentena, informações de "fontes confiáveis", principalmente pelo WhatsApp, que eram falsas ou distorcidas. Os jornalistas e as equipes das redações conhecem os caminhos para checar os fatos e publicá-los da forma correta. Estão preparados para isso. Em meio a um tsunami de informações na quarentena, mais uma vez o jornalismo mostra-se imprescindível para manter a população informada, além de ser crucial para uma democracia forte. A escalada das agressões contra os jornalistas – inclusive físicas – é absolutamente inadmissível. Se queremos um país verdadeiramente democrático, precisamos valorizar e defender a imprensa livre.

Há muitos anos, o setor vem tentando achar a fórmula para continuar oferecendo informação de qualidade mesmo com a receita em declínio. Por um lado, os veículos de comunicação tradicionais estão investindo tempo e recursos para essa nova realidade, com novos produtos digitais. Também vejo com otimismo que profissionais sérios e reconhecidos na área estão construindo novos projetos, o que não só aumenta as oportunidades no mercado de trabalho, mas também dá ao leitor/telespectador mais opções. Embora pareça otimismo em demasia, num momento de demissões e cortes de salários na área, quero acreditar que o valor do jornalismo sério continuará sendo reconhecido. No futuro, as pessoas vão seguir consumindo informação e os jornalistas precisam estar preparados para as transformações que virão. Mas tenho certeza que uma coisa nunca vai mudar: o nosso compromisso com a verdade.



Claudio Barboza

Editor executivo do Portal Único (AM)

Esses dias de pandemia mostram o quanto o jornalista precisa ser responsável na confirmação de fatos para que possa produzir jornalismo de forma correta e honesta. A internet potencializou a possibilidade, para milhares de pessoas "produzirem" informações, muitas vezes sem a responsabilidade necessária. Isto mostra o quanto se faz importante que o jornalismo seja extremamente competente e responsável na produção e consequente divulgação dos fatos.

Cada vez mais será necessário buscar o equilíbrio entre a informação e as modernas tecnologias, que a cada dia vão oferecer novas possibilidades. A pressa na divulgação da notícia não poderá abrir mão da apuração consistente. Em meio a tantas informações, o jornalismo profissional terá de ser absurdamente correto na veiculação da informação para que seja visto realmente como a fonte mais confiável, transformando-se na opção entre tantas divulgações. E terá cada vez mais de associar o texto, imagem e tecnologia.



Boanerges Lopes

Professor titular da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde coordena o curso de especialização em Comunicação Empresarial; diretor da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo

Houve – e há – uma disputa intensa pelos espaços das redes sociais desde o pleito eleitoral de 2018 e que se intensificou nos últimos meses com crises sequenciais envolvendo a política e as áreas de saúde e economia por conta da pandemia da Covid-19 e das consequências do isolamento social prolongado. Sob a égide de uma guerra metafórica das narrativas em disputa pelo imaginário da população, muitas vezes predominaram as populares *fake news*, informações falsas e fraudulentas. Algo difuso que fez – e faz – com que as pessoas permanecessem – e permaneçam – inseguras, desnorteadas, desinformadas, amedrontadas. Assim, importante a destacar no período é o papel imprescindível desempenhado pelos portais e sites de checagem de informações, bem como dos observatórios profissionais e acadêmicos, além de blogs de jornalistas que atuam com seriedade e despertam credibilidade, assim como dos veículos de comunicação que se pautam por critérios éticos e profissionais. Entendo que foram os grandes responsáveis pela preservação e valorização do jornalismo mesmo diante de tantos ataques promovidos à imprensa.

Acredito que, com a reaproximação das pessoas pós-pandemia, o diálogo mais do que nunca reafirmará a sua necessidade fundamental para o avanço da sociedade. Fortalecê-lo vai permitir restabelecer relações criativas e originais, o que pode proporcionar saídas para uma realidade em que os fatos permanecem sob ataque, a todo minuto, todos os dias, em um espectro amplo de notícias falsas, fraudes informativas e distorções. Lembro, por exemplo, que os checadores do jornal americano Washington Post catalogaram quase dez mil afirmações falsas ou enganosas nos dois primeiros anos do governo Trump. O que fez **Jim Acosta**, correspondente da rede CNN, afirmar que os fatos já não valem tanto quanto valiam. Por conta disso, a formação no jornalismo deve pautar-se pelo incentivo à inquietação permanente no futuro profissional, a fim de impulsionar reflexões e ações que estimulem a preocupação pública com o imperativo ético, associado a um conjunto de técnicas centradas no princípio da acurácia, para que diante de dúvidas ou dilemas não haja dúvidas de que só pautas bem apuradas e textos e imagens com sentido justo permitirão aos interlocutores deduzirem sobre a impossibilidade de mais de uma verdade ou de “verdades concorrentes” nos relatos das coberturas jornalísticas.



Rolf Kuntz

Professor titular de Filosofia Política na USP e colunista de Economia do Estadão

A lição principal desdobra-se em duas verificações: a) democracia e jornalismo estão ameaçados 35 anos depois de extinta a ditadura militar; b) o jornalismo profissional, exercido de forma aberta e legalmente responsável, tem muita dificuldade para competir com sistemas de comunicação informais, sem regras de responsabilidade e voltados para a desinformação e a manipulação. O esforço profissional e sério foi em grande parte perdido. Informações essenciais para a preservação de vidas foram ignoradas ou desprezadas, enquanto autoridades atacavam a imprensa, ameaçavam as instituições e negavam a ciência. Tudo isso foi aceito e até aplaudido por pessoas de todos os níveis de renda e escolaridade. Jornalistas profissionais batalharam para cumprir sua função, mas com alcance limitado. Não pode haver dúvida sobre a agenda, hoje e depois da crise da Covid-19: informar tanto quanto possível, defender a democracia e buscar meios de acessar o público hoje sujeito a esquemas de manipulação.

Fala-se de um “novo normal” – ou “novo anormal” – quando as atividades forem retomadas, parcial ou totalmente. Alguns países já iniciaram a reabertura e sua experiência poderá indicar a natureza e a extensão das mudanças no dia a dia do varejo, do mercado financeiro, das várias atividades produtivas, das artes e do lazer. Poderá haver maior distanciamento e mais cuidados sanitários que na fase anterior à pandemia, mas é cedo para prever alterações duradouras. Poderão permanecer durante algum tempo restrições a viagens e mesmo à circulação urbana, mas grande parte da atividade jornalística, antes da crise, já era exercida, até em excesso, por meio de contatos virtuais. O primeiro desafio será identificar as mudanças efetivamente importantes – por exemplo, nas apresentações teatrais ou nos espetáculos esportivos. Mas dificilmente serão alterados os critérios para entender e avaliar a exibição artística, o jogo de futebol, a atividade econômica e a ação política.



José Roberto Caetano

Comentarista de economia e negócios no Grupo Jovem Pan

A crise da saúde, a consequente enxurrada de notícias e boatos de todo tipo e a frenética demanda das pessoas por informação neste período acabam ressaltando o papel que a imprensa deve ter: o de separar e conferir o que é mais relevante e verdadeiro. O de ser crítica e apontar a tentativa de manipulação. No contexto brasileiro, isso é exacerbado pela gritaria da polarização política. Mais que antes, a função da curadoria deve contrapor-se à dos que propagam notícias falsas, rumores como se fossem fatos, informações não comprovadas e tendenciosas. O difícil é dar conta disso no dia a dia, em meio à pressão da rapidez. Mas é a isso que os jornalistas devem se dedicar, como um serviço público essencial que é o jornalismo.

Difícil enxergar o que mais a tecnologia nos trará. Porque claramente foi a tecnologia – ao longo da história, da máquina impressora ao telégrafo, ao rádio, à TV, ao computador, à internet – o grande fator de mudança da nossa atividade. Virá mais ainda do que a possibilidade de propagação instantânea e universal de tudo, esta que já temos hoje? Passaremos a contar com algum microchip injetado no organismo ou alguma espécie de transmissão direta ao cérebro? O desafio será o jornalismo ir junto, pra ajudar quem recebe informação a julgar o que merece atenção. Teremos, nós jornalistas, de continuar a provar que somos profissionais úteis – sem a pretensão de termos o monopólio da verdade.



Vandek Santiago

Editor executivo do Diário de Pernambuco

O mais importante a se tirar dessa crise é que ela nos deu a oportunidade de resgatar das profundezas algo que parecia irrecuperável: a preferência perdida. O resgate é transitório e lança-nos o desafio de dar-lhe permanência. Segundo o DataFolha, em relação às notícias sobre a pandemia o índice de confiança das TVs chegou a 65%, enquanto o dos jornais bateu em 56%. Em seguida vêm rádio (50%) e sites (38%). Consigo ver aí uma boa notícia para todos nós, que somos do ramo. Entre outros itens, a pandemia deu um chega pra lá nas *fake news*, com um impulso que até então nenhuma ação havia conseguido. Revalorizou a informação confiável, chancelada por veículos ou marcas com credibilidade. O que fazer, agora? No calor da hora, dá para ver pelo menos duas necessidades sobre a mesa posta: 1) a do investimento na notícia, na apuração, nas equipes profissionais; 2) a de tentar entender porque o usuário voltou – quem descobrir pode estar diante do elixir do rejuvenescimento (hipóteses: o usuário quer mais objetividade, consistência nas informações, mais notícias concretas do que abstrações?... É possível transplantar para outras coberturas o enfoque e o aprofundamento dado no trato da crise do coronavírus?...).

A crise não vai determinar a morte de nenhum meio, mas vai acelerar as transformações rumo ao digital. O impacto será maior sobre os jornalistas. De uma forma bem mais determinada do que fazemos hoje, teremos de abraçar o mundo digital como um espaço a ser ocupado para de lá tirar o nosso sustento. Certa vez, na sala de montagem, com as filmagens concluídas, Glauber Rocha disse que não sabia mexer nos botões da máquina de edição, mas sabia fazer filmes – o que foi suficiente para ele mudar o cinema brasileiro. Não somos Glauber nem fazemos filmes, mas temos formação para produzir conteúdo jornalístico como ninguém. É vantagem que devemos aproveitar. Mas saber apertar os botões do novo mundo tornou-se uma necessidade – precisamos disso porque a viagem que nos aguarda é em voo solo, mesmo quando temporariamente estivermos abrigados sob o guarda-chuva informal de algum veículo. Nesse novo normal que está chegando, abrir o seu próprio canal audiovisual será para o jornalista tão importante quanto era, antigamente, conseguir o primeiro emprego.



Narjara Carvalho

Gerente executiva de Web e Agência Brasil na EBC

Avalio que a principal lição que fica é a importância da busca de equilíbrio em coberturas como essa. A imprensa viu-se diante de um cenário inédito, com uma doença que exigiu mudanças no convívio em sociedade, além dos impactos na saúde pública e na economia. A imprensa precisou criar uma fórmula para essa cobertura, levando em consideração a obrigação ética de informar com precisão e seriedade, mas também considerando o impacto emocional sobre a sociedade com cada notícia que surgia no dia a dia. As pessoas querem saber o que está acontecendo? Sim. Mas elas também se assustam com a informação, questionam e duvidam do conteúdo. E, com as redes sociais, as críticas, os questionamentos e os elogios chegam numa velocidade muito grande. Com isso, houve necessidade de uma adaptação diária da cobertura. No início, buscamos explicar o que era a doença, como ela se propaga e as formas de prevenção. Em seguida, o foco passou a ser números de casos, óbitos, recuperados e em acompanhamento.

O momento de cobertura da pandemia trouxe à tona o debate sobre a importância do jornalismo profissional. Acredito que houve uma transformação sobre a percepção da sociedade relacionada ao papel da imprensa nas democracias. A importância de transmitir informação checada com fonte segura também se mostrou como uma das premissas mais essenciais para um jornalismo de qualidade. Além disso, pensando na prática da profissão, acredito que a pandemia trouxe reflexões sobre as formas de trabalho e imagino que o trabalho remoto possa ganhar mais espaço. Mas, para isso, as empresas terão que investir em tecnologias que proporcionem ao profissional acesso remoto às ferramentas e às soluções que temos disponíveis dentro de uma redação. Com certeza, o desafio é ainda maior para TVs e rádios, considerando toda a infraestrutura necessária na execução do trabalho.



Luís Fernando Bovo

Diretor de Projetos Especiais do Grupo Estado

A Covid-19 mostrou que ainda há muito espaço para o jornalismo profissional e de qualidade. O trabalho feito durante a pandemia foi essencial para manter leitores, telespectadores e ouvintes informados e esclarecidos sobre o perigo e o impacto da crise que tomou o mundo. A vida dos jornalistas e dos veículos não foi fácil: notícias falsas, agressões e uma campanha de descrédito com incentivo oficial, que culminou em ofensas verbais e físicas. O resultado foi mais trabalho, mais checagem, mais entrevistas, um baita esforço para não perder o foco no que realmente importava. Mas o reconhecimento dos leitores veio em forma de mais acessos, mais assinaturas, mais engajamento e recordes de audiência. O noticiário foi duro, porque a pandemia foi muito dura com o mundo. O jogo está sendo difícil, mas o jornalismo sairá dessa mais forte, reafirmando o seu papel e sua importância em cenários como o que vivemos.

Acho que uma transformação nítida é que as redações começaram a operar em *home office* sem que isso tenha afetado, para o leitor, o resultado do trabalho. Até então, as redações nunca cogitaram a possibilidade de usar o *home office* no trabalho diário. Havia sempre o ritual, muitas vezes glamourizado, das reuniões presenciais e dos cafés. A pandemia mostrou que é possível, sim, operar de outra maneira, inclusive na TV, sem que isso afetasse o conteúdo entregue. A quarentena forçada também levou para o digital profissionais que ainda resistiam a assumir a tecnologia – as *lives* mostraram isso. A criatividade foi outra peça fundamental para que as redações dessem conta do momento. Assim como em outros negócios, a pandemia forçou a transformação digital das redações.



Ana Naddaf

Diretora-executiva de jornalismo de O Povo

As diferentes esferas da crise provocada pela pandemia e a emergência de combater o novo coronavírus auxiliam no processo de legitimar o papel do jornalismo e de ressignificar a importância da imprensa, que tem estado sob ataques. Com a crescente demanda por informação de qualidade e de credibilidade, a maioria dos grandes veículos de comunicação tomou a iniciativa de fornecer acesso gratuito das notícias relacionadas à Covid-19 como forma de oferecer orientações úteis para os leitores entenderem a pandemia, contribuir para a prevenção da Covid-19 e tentar barrar a disseminação de notícias falsas. Informação como bem público. Enxergaram, nestes últimos meses, o crescimento da audiência em várias plataformas. O que confirma, portanto, que as pessoas voltam-se a fontes confiáveis de notícias quando necessitam se informar.

No entanto, quem paga a conta ou como se sobrevive como negócio na pós-pandemia? A crise do novo coronavírus legitimou também uma crise anterior vivida pela indústria da comunicação: a do modelo de negócio. Em muitos casos, acelerou processos de mudanças nos veículos, principalmente os considerados *print-centric*. Jornais regionais, por exemplo, vivem exatamente este dilema da informação como bem público e a instabilidade econômica. Nunca foram tão necessários e nunca tiveram tanta conexão com suas comunidades, ao mesmo tempo em que enfrentam significativa queda em sua receita e circulação.

Toda crise pode ser uma boa oportunidade para o porvir. É o momento em que se repensam processos, fortalecem-se parcerias e procuram-se alternativas disruptivas. Há uma grande oportunidade de reiterarmos o papel imprescindível do jornalismo para o consumidor de informação, que está mais conectado, exigente e consciente. Portanto, um bom momento para discutir e adotar novos modelos de negócio baseados em diferentes formatos de assinatura e patrocínio. A multiplicidade de suportes, as diferentes narrativas e as inúmeras possibilidades de interação abriram não só caminho para novas formas de contar uma história, mas a perspectiva de encontrar novas receitas.

O Povo, por exemplo, lançou recentemente uma plataforma para assinantes chamada O Povo+. A plataforma *multistreaming* de jornalismo e cultura oferece conteúdo jornalístico em diversos formatos e suportes, séries, documentários, *podcasts*, cursos e livros digitais. O lançamento, que faz parte do processo de transformação digital do grupo, não é só uma oportunidade de reforçar nosso compromisso de agente transformador por meio de um jornalismo crítico e de qualidade, mas através da cultura, do entretenimento e da educação. Pilares estes que formam o compromisso de O Povo há 92 anos.



Matheus Leitão

Colunista de Veja e autor do livro *Em nome dos pais*

O jornalismo vem exercendo um papel extremamente importante nesta pandemia. Tem dado muita informação e ajudado até a criar novos hábitos entre as pessoas. Da importância do isolamento às explicações científicas, tudo tem sido oferecido pelos diversos órgãos de informação. Aqui tem sido mais difícil que em outros países. O Brasil ainda enfrenta uma crise política, provocada pelo próprio presidente Jair Bolsonaro.

Diante das diretrizes desencontradas pela falta de consenso entre os governantes, a população, carente de um norte, encontrou-o através da imprensa. Se antes o jornalismo dos grandes veículos de comunicação foi colocado em xeque com o crescimento das redes sociais, agora, com a pandemia, houve o reconhecimento da sua verdadeira função: dar informação com isenção e credibilidade.

Com o isolamento social, o meio digital mostrou-se também cada vez mais fundamental. Sempre acreditei neste caminho da internet. Logo no começo da carreira saí da Época, uma revista de grande circulação, e fui para o site iG. Depois, acabei voltando para um meio mais tradicional, a Folha de S.Paulo, mas posteriormente migrei para o G1, onde tive uma coluna por cinco anos. Agora estou em Veja, em uma coluna também online. Vejo que o nosso papel é continuar lutando pela informação verídica e responsável. A imprensa livre vem, cada vez mais, incomodando aqueles que têm desejos obscuros para o País.



Maurício Noriega

Comentarista e apresentador dos canais SporTV e Première, da Rede Globo, e titular do blog Papo Cabeça no Globoesporte.com.

Acredito que o Jornalismo está sendo valorizado. Gradativamente as pessoas irão entender que o bom jornalismo, sério e criterioso, é a melhor vacina contra a onda de notícias falsas que assola o Brasil e o mundo. Acredito que as lições que podem ser aprendidas estão no seguinte aspecto: o jornalismo não pode ecoar a polarização da sociedade. Na opinião ele pode ter viés, preferência, mas na informação ele tem que ser o salva-vidas da população, que sofre com a eterna falta de transparência dos governos. Infelizmente, tanto o governo petista quando o governo bolsonarista optaram por apontar a imprensa como inimiga e (cada um à sua maneira) tentaram controlá-la. A imprensa livre é a raiz da democracia.

O jornalismo é conteúdo bom e checado. Os desafios estão nas plataformas, em como entregar esse jornalismo. Infelizmente, o mau uso das redes sociais tenta passar a imagem de que com elas a imprensa passou a ser desnecessária. Um grande absurdo. As redes sociais, quando mal utilizadas, propagam apenas um ponto de vista, o do interesse do seu proprietário ou do seu robô. Ouvi de um jogador de futebol que ele não precisa da imprensa para falar com o torcedor, ele tem as redes sociais dele. Respondi que ele fala apenas o que ele quer nas redes sociais e não admite contestação ou perguntas. Acho que a tecnologia oferece ferramentas maravilhosas para aprimorar e democratizar o jornalismo. Mas não há aplicativo bom que salve um jornalista mal preparado. A base é o bom jornalista.

Wilson Lima



Iara Lemos

Repórter de Política na sucursal Brasília da Folha de S.Paulo

A pandemia da Covid-19 vai trazer um legado de solidariedade e, sobretudo, de credibilidade imensa ao verdadeiro jornalismo brasileiro. A doença nos ensinou a aprender com as dificuldades nos mais diferentes aspectos. Temos hoje uma necessidade muito maior de nos adaptarmos a novas formas de realizar entrevistas, que priorizam as formas virtuais por questões de segurança. O que antes era apenas uma alternativa remota, transformou-se neste momento no que temos disponível, e precisamos fazer com a que a qualidade se mantenha, sem que nossos leitores, ouvintes e telespectadores sejam, de alguma forma, afetados de maneira negativa. A notícia verdadeira e de qualidade mostra que se adapta ao meio, se fortalece e solidifica o verdadeiro jornalismo como indispensável no processo democrático brasileiro. Além disso, a pandemia também fez com que nós, jornalistas, precisássemos aprender a trabalhar com nossos próprios anseios e dificuldades perante a dor. Há quem perdeu pessoas próximas pela pandemia, há os que precisam sair de casa e retornar após a pauta, com receio de contaminar suas famílias. Há ainda tantos outros que precisam lidar com suas questões financeiras, que não ficaram imunes à economia enfraquecida das redações pela pandemia. A pandemia deixará um legado imensurável no jornalismo brasileiro.

O jornalismo de hoje não é o mesmo de ontem. E jamais será o mesmo de amanhã. Para que sobreviva a tantas mudanças de cenários mundiais, o jornalismo precisa adaptar-se, como vem fazendo ao longo dos anos. O jornalismo do amanhã mostra que, quando a qualidade se sobrepõe, todos os meios podem ter seus espaços. A qualidade da apuração sempre vai se sobressair em relação ao jornalismo do "diz que", do qual temos presenciado uma perda relativa de espaço nos últimos tempos. Não basta dizer o que a fonte pensa. É preciso explicar, contrapor, analisar e contrabalançar todos os pontos da notícia. A verdadeira força da notícia está no seu poder de adaptar-se sem nunca deixar de lado o que o leitor precisa, que é qualidade e credibilidade acima de tudo.



Dedé Mesquita

Titular do blog [Dedé Mesquita \(PA\)](#)

Acredito que a pandemia deixo, principalmente, a lição de se reinventar a cada pauta. Porque o jornalismo, assim como os outros segmentos profissionais, não sabia como lidar com um assunto tão novo. Quantos dos jornalistas de hoje já tinham tido a oportunidade de cobrir as notícias de uma pandemia mundial? E, ao mesmo tempo em que reportava o assunto, o jornalista teve (tem) que se preocupar com a própria segurança e saúde. Criar, reinventar, manter a calma e serenidade em meio a tantas mortes está sendo uma grande batalha, e manter-se são é um grande desafio, o que também tem a ver com a parte emocional. Se ser jornalista é um desafio diário, em meio a uma pandemia, é mais desafiador ainda.

O futuro do jornalismo baseia-se no que está acontecendo no presente. Na forma como todos estão lidando com a realidade dura da Covid-19. Muitas funções que, antes, exigiam a presença física do jornalista, com o trabalho em meio à pandemia, foi constatado que esse trabalho pode ser *home office*. Se houver um estudo sobre a situação atual, talvez seja constatado que manter a presença de jornalistas em redações, seja de veículos de imprensa ou de assessorias de comunicação, não seja tão necessário assim, em um mesmo espaço físico em comum. Os meios tecnológicos terão um importante papel nesse "novo normal". Uma coisa é certa, como na canção, "nada será como antes".



Isabel Reis

Diretora-geral da Motor Mídia

A área do jornalismo automotivo teve um impacto enorme nestes três últimos meses. No nosso caso o foco são motos e carros, com conteúdos da Motociclismo e da Racing, além de competições. Ou seja, com a produção paralisada pela indústria e sem a realização de campeonatos, porque os autódromos estão fechados, a solução foi partir para a criatividade.

Começamos a pensar em pautas diferentes. Felizmente, esses setores também foram criativos e mantiveram-se ativos. Tanto as marcas de motos como as de automóveis fizeram vários lançamentos virtuais e até coletivos pela internet. Muitos campeonatos também passaram a ser virtuais, no formato de games, com a participação dos pilotos e do público.

A preocupação inicial com a queda de audiências não ocorreu. Ao contrário, houve um aumento significativo nos nossos sites, mídias sociais e nas vendas das edições digitais feitas por Go Read e Nuvem do Jornaleiro. Também continuamos produzindo a edição *print* da Motociclismo, mensalmente, pois boa parte das bancas de jornais está aberta. Com relação à publicidade, houve uma queda, mas sem cancelamentos de programações, apenas com postergações. O que nos leva a crer que esses setores acreditam em uma recuperação no segundo semestre.

O drama provocado pela Covid-19 leva a uma análise profunda sobre as mudanças de paradigmas no jornalismo. Por sinal, elas já vinham acontecendo. Entretanto, neste último período, fomos obrigados a ficar menos apegados ao conforto de fazer sempre do mesmo jeito. Estamos caminhando para maior autonomia do jornalista. Ele não precisará, necessariamente, estar atrelado a um órgão de imprensa ou seguir carreira em uma empresa de comunicação.

Os jornalistas estão se tornando *publishers* dos seus próprios blogs, vídeos, *podcasts*, sites, apelando para a comunicação em massa permitida pela internet. Isso não significa que passaremos a ter informações rasas e apelativas. Ao contrário, temos visto todos os dias um trabalho sério e profundo, que diferencia o jornalismo de outras formas de divulgação feitas pelo público em geral, nas mídias sociais. Quanto mais as *fake news* atrapalharem a vida das pessoas, mais se destacará o trabalho do jornalismo de qualidade, devido à necessidade de conteúdo confiável.

Siga nossas redes sociais:



Chris Reis

Editora de Cultura do Diário do Amazonas

O jornalismo foi e está sendo imprescindível neste momento mundial, mas no Brasil a sua função está sendo ainda mais difícil, vide a polarização política

que acaba por atrapalhar, de forma intencional ou não, o fluxo correto das informações. A informação realizada de forma clara, correta e precisa é necessária para esclarecer a população. Porém, os jornalistas enfrentam uma briga diária contra a desinformação e as *fake news*. Muitas vezes o jornalista tem que informar e ainda combater as notícias falsas. Então, a lição que fica é que, apesar de tudo, o papel da imprensa é fundamental à sociedade e buscar o equilíbrio entre a responsabilidade, a apuração correta e com o imediatismo das Redes Sociais é importante para que a imprensa imponha sua credibilidade. Os veículos precisam criar formas e métodos para que o leitor entenda a diferença entre notícia e fofoca. Talvez seja o mais difícil nesse período.



Ronaldo Brasiliense

Presidente da Academia Artística e Literária de Óbidos e da Associação Cultural Obidense, atualmente colabora com o Portal da Amazônia (PA)

Amazônia, a esquecida

A trágica situação em que se encontram os setores hospitalares de cidades como Belém e Manaus, por causa da pandemia da Covid-19, o novo coronavírus, exibe com clareza que a

Amazônia nunca foi prioridade para os governantes na história do Brasil. Por mais de 500 anos estamos abandonados pelo poder central e os índices de desenvolvimento humano em centenas de municípios amazônidas são comparáveis aos índices de países africanos onde predomina a pobreza extrema, como Somália e Etiópia. Presidentes da República sucedem-se no poder e declamam o célebre "A Amazônia é nossa" para inglês ver, enquanto mais de 25 milhões de amazônidas sobrevivem em cidades ainda sem água encanada e esgoto, onde proliferam as doenças da pobreza, como a lepra e a malária. As mortes de milhares de brasileiros pela Covid-19, nas últimas semanas, em Manaus e Belém – as duas maiores metrópoles da Amazônia – exibem o retrato do nosso eterno esquecimento. Sou amazônida e, nestes tempos sombrios, não tenho orgulho do meu Brasil. Para a imprensa brasileira, a pandemia tem servido para mostrar que persiste o preconceito contra a Amazônia, que só é notícia pelo exótico ou pela desgraça. Não há hoje sequer uma sucursal de grandes jornais ou revista brasileiros na Região Norte, o que serve para ampliar o alcance das redes sociais na Amazônia brasileira. Sinal dos tempos.



Carlos Wagner

Repórter investigativo, autor de 14 livros, atuou por mais de 30 anos em Zero Hora. Atualmente contribui com a formação de novos repórteres por meio do blog [Histórias Mal Contadas](#)

O resgate da credibilidade do jornalismo brasileiro

Somando a cobertura da *Operação Lava Jato* com a das eleições presidenciais de 2018, a relevância do jornalismo brasileiro saiu chamuscada. Na cobertura da *Lava Jato*, esquecemos a principal lição deixada pelo episódio da Escola de Base – há vasta quantidade de informações sobre o caso disponível na internet –, que é a de nunca confiar em uma única fonte, e publicamos sentenças de primeira instância e relatórios de delegados da Polícia Federal (PF) e de procuradores da República como se fossem verdades definitivas. Muitas dessas informações eram vazadas para nós. A história mostrou que, a exemplo do que aconteceu no caso da Escola de Base, muitas das informações da *Lava Jato* que chegaram às nossas mãos eram parciais – há vários trabalhos acadêmicos e artigos que contam a história. Na cobertura das eleições presidenciais de 2018 pela primeira vez enfrentamos uma máquina azeitada e certa de disparos de *fake news* montada para desacreditar a imprensa tradicional, que aqui defino como jornais (papel e sites), rádios, TVs e outras plataformas feitas por jornalistas profissionais. Mais ainda. Em várias entrevistas, o então candidato a presidente da República Jair Bolsonaro atacou os jornalistas que o estavam entrevistando, causando constrangimentos. A tática de desacreditar e constranger jornalistas não foi inventada pelos brasileiros. Ela foi copiada e aperfeiçoada a partir da estratégia usada na eleição do presidente dos Estados Unidos Donald Trump. Eleito Bolsonaro, a equipe dele não desativou essa máquina de calúnias. Muito ao contrário, eles a incrementaram ao ponto de o presidente dizer que o "jornalismo tradicional tinha acabado". Trump já havia dito coisa semelhante.

Assim chegamos ao ano de 2020: à espera do tiro de misericórdia na testa. Lembro que, no final de 2019, em uma palestra que fiz na redação de um jornal do interior do Rio Grande do Sul, fui perguntado por um jovem colega se ainda valia a pena investir na carreira de repórter. Respondi que, para sobrevivermos, era preciso voltar a ser relevante para o nosso leitor. Acrescentei que um repórter nunca sabe como seu dia irá terminar. Depois da conversa, tomando cerveja em um boteco, a poucas quadras da redação onde havia feito a palestra, um dos colegas pediu-me para esclarecer melhor a história do "nunca sabe como o seu dia irá terminar". Disse-lhe que às vezes a gente começa a trabalhar uma pauta insignificante e, no final, ela acaba se tornando a manchete do jornal. Foi assim que a cobertura do coronavírus começou na imprensa brasileira. Tratada como um assunto distante e que, aos poucos, foi se tornando maior e maior. E a busca dos leitores por informações precisas, escritas de maneira simples e clara, foi crescendo até o ponto de exigir de nós uma atenção de 24 horas. Os conteúdos dos jornalistas profissionais tornaram-se o guia de sobrevivência do leitor. Por quê? Na cobertura do coronavírus nós fizemos o que os fundadores da nossa profissão nos ensinaram: jornalismo.

O momento mais tenso da cobertura foi quando começamos a mostrar os caixões com as vítimas do vírus nos noticiários das TVs. Foi exatamente nesse momento que a máquina de *fake news* começou a disparar fogo pesado contra os noticiários. E que vários movimentos do governo federal, como a demissão de ministros, incluindo o da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, tentaram misturar crise política com a emergência médica. Conseguimos separar os assuntos e mantivemos a nossa relevância para o nosso leitor. As redes sociais não são o meteoro que irá extinguir a imprensa tradicional, como o que causou o fim dos dinossauros. Ela será extinta quando deixar de ser relevante para o leitor. Creio ser essa a maior lição e legado deixado pelo coronavírus.

O repórter do amanhã terá marca e será dono do seu nariz

Eu não defendo a tese do apocalipse para a profissão de jornalista. Penso o contrário. O nosso trabalho será cada vez mais necessário para saciar a fome de conhecimentos necessários para o nosso leitor tocar o seu dia a dia. Eu tenho 69 anos, 40 e poucos de jornalismo, sendo que uns 30 e tantos passei numa redação. A minha geração de repórteres foi a última que, por conta dos longos períodos em que se permanecia na mesma empresa, carregava junto ao seu nome profissional também o do jornal em que trabalhava. No meu caso, era Carlos Wagner, da Zero Hora, onde fui repórter especial de 1983 a 2014. Outros eram conhecidos como fulano de tal da Folha e assim por adiante. Logo que saí do jornal, fiz uma grande viagem pelos sertões do Brasil para colher informações para o terceiro e último livro de reportagens sobre as migrações de agricultores – o primeiro foi *Brasil de Bombachas*, publicado em 1996; o segundo, *O Brasil de Bombachas – As novas fronteiras da saga gaúcha*, saiu em 2011; e o último, *De pai para filho na migração gaúcha*, foi lançado em 2019. Antes de realizar a primeira entrevista para o livro, com um agricultor da divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, estava preocupado com o modo como eu iria me apresentar. Não podia dizer que era da Zero Hora. Portanto, precisava explicar quem eu era e como fui parar ali. Ou seja: teria que contar uma longa história. No primeiro chimarrão que tomamos, ele me perguntou: “Tu és o jornalista que escreveu o livro *Brasil de Bombachas*?”. Respondi, apressadamente: “Sim”. A partir dessa conversa, passei a me apresentar como Carlos Wagner, repórter e autor do livro tal (já são 14 publicados).

As reportagens que escrevi para o jornal popularizaram o meu nome. Mas os livros que publiquei fizeram a minha marca. O repórter do futuro começará a construir a sua marca no segundo dia de faculdade. É fundamental que ele entenda de todos os assuntos, mas que seja especializado em um ou mais. E dentro desses assuntos se torne uma referência. Isso a gente consegue fazendo publicações e publicando reportagens. Mais ainda: é necessário que tenha em mente que o emprego de carteira assinada acabou. É necessário que ele aprenda a organizar o seu negócio. Vou contar uma historinha. Pelo foco que dei em minha carreira de repórter à cobertura de conflitos agrários (sem-terras, fazendeiros, índios e garimpeiros), de crimes organizados nas zonas de fronteira e de migrações, no meu tempo de redação passei mais tempo viajando pelos sertões do Brasil do que sentado na redação. Essas pautas que citei sempre atraíram a atenção da imprensa internacional. E graças a isso eu encontrei jornalistas de vários cantos do mundo e tive oportunidade de conversar, trocar ideias e beber cerveja com eles. Desde os anos 1980 até os dias de hoje, a maioria dos colegas estrangeiros que atuam na cobertura de conflitos são *freelances*. Lembro que durante a guerra civil de Angola, nos anos 1990, encontrei um grupo formado por repórteres franceses, chineses, italianos, ingleses e americanos.

Eles tinham um método. Ao cobrir um conflito, vendiam as matérias (texto, fotos, vídeos, áudios) para agências de notícias internacionais e guardavam um percentual do dinheiro ganho para financiar a próxima cobertura. Aqui no Brasil, nós tivemos uma experiência muito legal durante a ditadura militar (1964 a 1985) que se chamou Imprensa Alternativa. Jornalistas demitidos das redações por problemas políticos uniam-se e montavam um jornal. Vou citar duas experiências que considero representativas da época: o semanário Pasquim, do Rio de Janeiro (1969/91), e o mensário Coojornal, de Porto Alegre (1975/83). Arrematando a nossa conversa: o repórter do amanhã será uma pessoa que entenderá de tudo, mas será especializada em um ou mais assuntos, terá a sua marca fixada através da publicação de livros, palestras e outros meios, e o principal: será dono do seu negócio. Portanto, dono do próprio nariz, um sonho que a minha geração não conseguiu realizar. Vai ser assim. Aliás, já é assim.



Bruno Mazieri

Editor executivo do portal D24Am (AM)

Sem sombra de dúvidas, um dos legados deixados por este período de pandemia é a importância da imprensa para a sociedade. Foi por meio dela que o vírus ficou conhecido mundialmente e que sua letalidade passou a ser levada a sério. Foi por meio dos jornalistas que a precariedade do sistema de saúde público veio à tona. Foi por meio da imprensa que o povo teve voz novamente.

Aprendemos a nos defender, nos reinventar, nos valorizar. O jornalista, aquele de formação, é e sempre será importante para o mundo.

Acredito que o *modus operandi* mudou. O *home office* mostrou-se eficiente, passamos a ser mais procurados como fonte “oficial” de informação e creio que, a partir de agora, teremos um novo papel diante da sociedade: o de formar senso crítico – por mais que sempre tivemos essa função.

O futuro promete ser bastante promissor. Mas cabe a cada um de nós saber de que lado estamos.



Aruana Brianezi

Diretora de Redação do jornal A Crítica (AM)

Percebo um aumento na busca por fontes confiáveis de informação. Hoje vejo as pessoas se perguntando: “Será que isso é verdade?”. Essa pergunta, quando feita pelo leitor, é fundamental para a valorização do jornalismo profissional. Mas infelizmente ela ainda é bastante rara no Brasil. Apesar de termos no País inúmeras e excelentes iniciativas de checagem de dados, combate às *fake news* etc., eu ainda não tinha observado o leitor preocupado com essa questão. E estou vendo isso na pandemia do novo coronavírus.

Então, acredito que o jornalismo profissional sai fortalecido e precisa “se agarrar” com os valores, métodos e técnicas que asseguram qualidade ao conteúdo. Para que esse voto de confiança se transforme em uma relação duradoura. Paralela à essa busca pela qualidade na informação, penso também que para “surfar essa onda” da valorização da imprensa, os meios de comunicação precisam investir em campanhas que ponham a diferença entre jornalismo profissional e a “notícia” do tio do WhatsApp.



amil

XP inc.

GERDAU
O futuro se molda

SAMSUNG



Cesar Modesto

Editor executivo do portal OLiberal.com (PA)

São muitas lições, mas algumas se destacam. Acredito que a pandemia consolidou a importância do jornalismo em todos os meios, principalmente no meio digital, na minha opinião, e no combate à desinformação. Também evidenciou o contraste das empresas e profissionais que investiram em tecnologia, reciclagem, treinamento e as que não se atualizaram. Ressaltou que o jornalismo precisa e deve ser maior que a concorrência entre os veículos, como vimos na campanha da ANJ. E que podemos nos reinventar.

Também fez repensar o uso do *paywall*, pois, se os boatos e *fake news* circulam livremente na internet, faz sentido cobrar pela informação correta e de interesse público? Essa questão demonstrou como esse modelo de negócio pode elitizar a informação de qualidade em vez de democratizar o seu acesso. Entretanto, alguns veículos, principalmente os independentes, com menos capital de giro em comparação aos veículos tradicionais, dependem desse modelo e de campanhas e doações para se manterem. Como resolver?

Embora o cenário seja singular e exija mais de que o habitual, a pandemia também revelou a postura de alguns veículos em relação aos profissionais, como escalas abusivas e sobrecarga de serviço. E que, além da exposição à doença, nossa classe também se expôs à violência daqueles que desprezam o diálogo e respeito ao próximo, acendendo um sinal de alerta que parece ser ignorado pelo poder público.

Acredito que o jornalismo brasileiro ficará mais forte quando a pandemia passar. A questão que fica é como nós, jornalistas, estaremos quando tudo isso acabar e o que as próximas gerações vão absorver.

Resumidamente, acredito que os profissionais passarão a investir mais no digital e no marketing pessoal. O primeiro porque é o espaço onde há mais possibilidades de produzir e distribuir conteúdo com menos ruídos ou interferências e também como forma de sobrevivência para os que foram dispensados durante a pandemia; o que leva para o segundo ponto: os jornalistas, em geral, não se enxergam como âncoras das próprias notícias que apuram, o que acaba limitando o seu potencial de formação de um público e ser sua própria marca, que vem antes do veículos onde atua. É uma questão de sobrevivência.

Também enxergo maior aproximação dos sindicatos dos jornalistas com os profissionais e futuros profissionais, mas o que eu espero é que as associações, sindicatos e instituições valorizem e reconheçam não apenas a atividade, mas os profissionais que a exercem e que realmente fortaleçam o combate aos abusos contra a categoria, tanto nas ruas quanto nas redações.



Francisco Belda

Presidente do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), entidade que mantém o Observatório da Imprensa

Acredito que essa crise deixa lições que reforçam a importância do jornalismo para a sociedade e, ao mesmo tempo, revelam fragilidades que ainda precisam ser superadas. A importância de poder contar com uma cobertura crítica e objetiva dos fatos relacionados à pandemia foi evidenciada pelo contraste do jornalismo com práticas de comunicação menos rigorosas e geradoras de desinformação, sobretudo na internet. Com isso, muitos leitores e comentaristas que, nos últimos anos, pareciam cada vez mais descrentes em relação ao papel do jornalismo como modo de conhecimento sobre a realidade foram estimulados a rever suas posições. Por outro lado, os próprios jornalistas viram-se diante da necessidade de aprimorar protocolos de apuração e redobrar a atenção em relação a atribuição de fontes e ao uso de citações e referências em seus textos ao lidar com uma quantidade imensa de projeções, análises e estatísticas nem sempre confiáveis, mesmo quando provenientes de fontes oficiais ou lastreadas por discursos científicos. O dever do jornalista de desconfiar, aprofundar, inquirir e contrapor foi reforçado. Mas aprendemos também que o imperativo de abrir espaço editorial a perspectivas diversas e ao contraditório não pode ser entendido como um salvo-conduto para que teorias conspiratórias, visões obscurantistas e argumentos que não sejam fundados em evidências conquistem espaço destacado na pauta ou nos fóruns jornalísticos de opinião. Mais do que nunca, enfim, podemos perceber o quanto dependemos da mediação crítica e qualificada oferecida pelo jornalismo para tomar decisões inteligentes sobre questões nos ameaçam tão direta e gravemente.

Muitas transformações já estão em curso. Algumas são positivas e promissoras, na medida em que ampliam o alcance e os recursos disponíveis para a execução do trabalho jornalístico, intensificando também o seu impacto. Exemplos disso são os diversos instrumentos de reportagem assistida por computador, o uso de dados estruturados para organização de conteúdos e sistemas de publicação e distribuição de notícias aperfeiçoados por inteligência artificial. Vejo também uma crescente preocupação das organizações, de diversos tipos e portes, em qualificar seus processos e produtos noticiosos de modo a se diferenciarem do ruído e de outros agentes de comunicação que não têm o mesmo compromisso ético e técnico. Aliás, essa responsabilidade e esse compromisso me parecem fundamentais para a própria sustentabilidade econômica das organizações jornalísticas nesse momento, para que dependam menos das receitas de publicidade e possam contar com leitores dispostos a remunerar o serviço profissional que prestam. Por fim, acredito numa transformação ainda mais ampla e fundamental, de médio e longo prazos, que leve o jornalismo a ser reconhecido como um serviço essencial de interesse público no Brasil, um bem a ser garantido para a sociedade e por ela própria, independentemente da ação de governos ou de grupos empresariais, como forma de exercício do direito de se ter informação de qualidade sobre política, economia e outros assuntos cruciais que transformam e influenciam a realidade em democracias abertas e participativas. De certa forma, essa transformação depende mais da sociedade do que próprio jornalismo, mas, para que ela ocorra, este deve estar à altura do desafio.



Aline Sordili

Diretora de Planejamento e Desenvolvimento de Jornalismo da Record TV

A pandemia devolveu o protagonismo para o jornalismo profissional, inclusive com a possibilidade de desvendar *fake news*. A televisão ganhou a merecida relevância como canal de informação da família que está em quarentena. E o digital mostrou sua força, com as *lives*, as comunicações e conversas multiplataformas. Mostrou ser possível e necessária a integração entre os meios e veículos. Vamos levar, com certeza, todo esse aprendizado para as próximas grandes coberturas e para o dia a dia. A transformação do jornalismo já aconteceu. Nada mais será como antes (e não precisa mais ser).



amil

XP inc.

GERDAU
O futuro se molda

SAMSUNG



Franssinete Florenzano

Presidente da Academia Paraense de Jornalismo

Vivenciamos um cenário de guerra, repleto de perdas afetivas e materiais, o desequilíbrio psíquico coletivo de uma nação sem líder e com um mandatário que prega a violência e incita o armamento da sociedade. A pandemia da Covid-19, aliada à crise institucional, política, econômica, social, cultural e moral no Brasil, enfatizou a relevância do papel do jornalismo. Não fossem as denúncias bem fundamentadas quanto às compras sem licitações, omissões governamentais, falta de transparência nos gastos e de ética dos agentes públicos, além do colapso nos sistemas de saúde – público e privado –, a situação seria bem mais grave. O protagonismo dos jornalistas ensejou ações e iniciativas dos Ministérios Públicos Federal e Estaduais e decisões judiciais. Para mim, foi uma lição de cidadania. A humanidade sobreviverá, em sua maioria, mas o mundo será diferente.

Nós, jornalistas, experimentamos a execração da categoria por governantes, agressões morais e até físicas, por militantes extremados que pregam a volta do regime militar e do AI-5, o fechamento do Congresso e do STF e a instituição da censura, entre outras ameaças de perdas de direitos individuais, sociais e difusos. Por outro lado, as *fake news* e os ataques das milícias virtuais à liberdade de imprensa reforçaram a necessidade de maior cuidado na apuração de notícias. Acredito que um dos legados será a consciência geral de que a desigualdade é perigosa para os ricos e poderosos também. Não existe segurança sanitária se não for para todos, por exemplo. Os empregados das residências e empresas da classe A transmitem o vírus aos patrões. E o jornalismo tomou contornos indelévels de utilidade pública. O *lockdown* evidenciou a força do jornalismo digital e das redes sociais e sacudi a resistência que ainda permanecia no mercado.

Num exercício de futurologia, penso que o Jornalismo sofrerá transformações na produção – como historicamente se verifica nas crises –, no perfil profissional e nas relações com o público. A calamidade da pandemia provocará mudanças profundas, que podem alterar radicalmente a forma como será praticado daqui por diante. Versões online de jornais tradicionais, sites e portais, blogs e mídias sociais, sites institucionais e mídias corporativas, empresas de consultoria e assessorias de comunicação, estruturas de comunicação organizacional e de jornalismo empresarial estão se reconfigurando. Webjornalismo, deontologia do jornalismo digital, jornalismo online, notícias na web, ciberespaço, redes colaborativas e jornalismo digital estão recolhendo dados para uma reflexão holística do que poderá significar fazer jornalismo utilizando todos os recursos tecnológicos disponíveis e o despertar da população para a notícia, deixando de lado o entretenimento.

Ao que tudo indica, as aptidões do futuro jornalista deverão incluir conhecimentos de temas específicos, capacidade de acessar, analisar e contextualizar dados e lidar com fontes múltiplas, inclusive e principalmente saber lidar com as redes sociais e suas armadilhas. E, com a recessão, os jornalistas ainda precisarão se adaptar como empreendedores, reinventando-se profissionalmente.



Luciano Martins-Costa

Jornalista e escritor

Uma das lições é a de que é preciso investir no jornalismo científico, priorizando temas que dizem respeito à realidade nacional. Por exemplo, os jornalistas precisam conhecer questões demográficas, distribuição da população, estrutura e características do sistema de saúde. Quando o atual governo começou o desmanche do SUS, a imprensa não reagiu na proporção adequada, e essa carência apresenta-se agora, nas deficiências do atendimento. O mesmo pode-se dizer sobre a expulsão dos médicos cubanos.

O jornalismo de amanhã vai exigir a criação de uma rede de relacionamentos em todos os cantos do País, como antes havia os correspondentes dos grandes jornais. Também será necessário manter uma base de dados que possa ser acessada rapidamente por todos os jornalistas, com mais facilidade para a contextualização de informações.



José Alberto Lovetro (JAL)

Cartunista/jornalista, presidente da Associação dos Cartunistas do Brasil

Nunca antes as informações corretas foram tão importantes para salvar milhares de vidas no mundo todo como nesse momento. Então, em estudos futuros, vai analisar-se muito essa responsabilidade dos veículos em checagem em fontes de credibilidade comprovada. Mostrou também que as charges foram a informação mais lida pela internet, por sua rapidez de raciocínio e impacto visual. É bom serem mais valorizadas.

Celulares foram as vedetes das grandes coberturas. E principalmente com os jornalistas saindo das redações para os fatos. A notícia correu como vírus, em alta velocidade. O jornalista transformou-se em multimídia e essa tendência vai crescer cada vez mais. O jornalista vai sair para o trabalho com marmitta, equipamento de segurança e remédios prevendo que talvez precise passar 24 horas, sem pausa, para acompanhar a evolução de um acontecimento. Um soldado. A TV mudou o modo de produção e isso também fará com que os programas tenham menos glamour e mais informação.



Mauricio Stycer

Repórter e crítico de TV do UOL

Eu não isolaria a pandemia de coronavírus da crise econômica, que afeta a mídia, e dos ataques frequentes do presidente Bolsonaro

a jornalistas e a veículos de comunicação. Estes três fatores, combinados, ajudaram a produzir uma reação muito interessante, na contramão das visões mais pessimistas. O jornalismo brasileiro está esbanjando altivez, como há muito não se via. Apesar das enormes dificuldades, ou motivado por elas, jornalistas e empresas de comunicação têm produzido informação de relevância em várias áreas, reforçando a sua utilidade.

Bom jornalismo exige recursos. E a revolução digital cobra soluções originais para as inúmeras dificuldades que ela trouxe para a profissão. Espero que o bom momento do jornalismo nestes dias difíceis que vivemos em 2020 estimule maior investimento na área. Não podemos achar que o trabalho em casa e as entrevistas remotas, via aplicativos de videoconferência, sejam a solução dos nossos problemas. Ambas são, sim, gambiarras que, se bem utilizadas, podem ser muito úteis. Mas é preciso haver aposta de peso na área, o que inclui, claro, contratação de mais jornalistas.



SAMSUNG

amil



Moacir Assunção

Ex-Estadão, autor de 12 livros, é professor do curso de Jornalismo da Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo

A Covid-19 deixa, em primeiro lugar, uma lição para toda a sociedade brasileira: a importância da imprensa de qualidade, profissionalizada e com seus profissionais diplomados e conscientes do seu trabalho, como um antídoto contra as *fake news*, patrocinadas pelos grupos que pautam sua atuação pelo ódio e pelos disparos de WhatsApp, espalhando mentiras o tempo todo. Creio que a sociedade terá que concordar que, em meio à pandemia, vale a pena confiar na ciência e na imprensa, encarregada de levar a todos as informações corretas, devidamente checadas e orientadas cientificamente.

Para o jornalismo, especificamente, fica a lição de que, parafraseando Marx, "tudo o que é sólido desmancha no ar", ou seja, o mundo em que vivemos vai transformar-se rapidamente no pós-Covid-19. Mudarão as relações sociais, o modo de consumirmos e a economia. Deveremos enfrentar uma crise econômica do tamanho da posterior à Grande Depressão de 1929 e a economia terá que mudar para comportar esse novo mundo que virá. O jornalismo, creio, também se transformará. Sairemos, apesar das dificuldades, melhores do quando entramos na crise.

Creio que o jornalismo, cada vez mais, tentará diferenciar-se dos grupos de *fake news*, trazendo pautas novas, mais criativas e mais originais, para enfrentar os novos tempos. Deverá ser cada vez mais incisivo – ao menos é o que os leitores esperam – contra as tentativas de intimidação contra a própria imprensa e o Judiciário. Tenho ouvido colegas dizerem que o trabalho em *home office*, que muitas redações estão experimentando, vai crescer bastante e talvez diminua o tamanho – nos dias de hoje já reduzido – das redações, com mais gente trabalhando em casa. Enfrentaremos, também, algum grau de retração econômica e isso não é novidade para o jornalismo brasileiro. A questão é que teremos de ser mais criativos para sobreviver nessa nova realidade. O momento atual, com pandemia e presidente ambicionando se tornar ditador militar, não é novidade no Brasil e nem a mais grave das nossas crises. No entanto, teremos que ser muito fortes para enfrentar as dificuldades que virão.



Roberto Bascchera

Integra a equipe da Primeira Página da edição impressa de O Estado de S. Paulo, onde mantém, no site do Jornal do Carro, o blog Placa Amarela, dedicado ao antigomobilismo

Fake news, agressões físicas e verbais, intolerância, risco de contaminação para quem está na linha de frente da notícia. São muitos os desafios impostos aos jornalistas e ao jornalismo no Brasil nesta segunda década do século 21. A crise econômica, potencializada pela pandemia do novo coronavírus, tornou tudo ainda mais difícil em todos os ramos de atividade, e em nossa área não poderia ser diferente. O que se vê, no entanto, são jornalistas e veículos atuando com ainda mais garra e senso profissional. Em 38 anos de jornalismo, nunca vi nem vivi uma crise assim. Em 38 anos de jornalismo, raras vezes senti tanto orgulho de ser jornalista como agora.

Mudam as plataformas, a velocidade de propagação da notícia, os meios de entregar conteúdo à sociedade, mas a essência do jornalismo profissional continua a mesma. A informação apurada com rigor, critério e profissionalismo é o único caminho possível para a sobrevivência dos meios de comunicação e dos próprios jornalistas. Se todo cidadão com um celular à mão virou um potencial criador de conteúdo, somente o jornalismo profissional pode manter a sociedade bem informada e atenta. Credibilidade é a palavra-chave. E a sociedade parece que está se dando conta disso.



Vicente Alessi, filho

Integra o Conselho da AutoData Editora

Imagino que muitos dos responsáveis por publicações em papel, que se tornaram digitais nesses tempos de caixa que flutua perigosamente para o fundo, jamais tornem a vê-las no papel – mas isso nem é tão novidade assim: há anos vem sendo gritado em nossos ouvidos de papeleiros. E igualmente deverá prosperar o trabalho em casa, método que a maioria das empresas pequenas e médias já estava em busca de economia de custos de aluguel ou de capital empatado. Quem sabe aquelas que ainda mantiverem redações regulares aproveitem o novo hábito do pão assado.

Não acredito em lições e em grandes legados, porque crises fazem parte do nosso dia a dia, como o foram a meningite e a encefalite nos meados dos 1970, quando bravas e bravos profissionais corriam riscos para informar ao leitor. Sem honra, mesmo, é a crise política que vem desde o último impedimento presidencial, chegando ao escândalo do achincalhe público. Responsabilidades tem o jornalismo, de forma geral – principalmente aquele que se tem como do bem –, por ter permitido, sem luta, dia após dia, ao longo de anos, o processo de ignorantização que ocupa o País.

Acredito, sim, que situações como a que vivemos possam vir a ter influência importante do ponto de vista estritamente pessoal sobre jornalistas – mas duvido muito pelo ângulo da construção coletiva de um novo patamar de cobertura. Alguns veículos, mais progressistas e atuando em plataformas mais contemporâneas, é verdade, até poderão oferecer o desafio a seus profissionais, mas não devem ser experiências que se expandam, que floresçam em alamedas, ruas, avenidas e bulevares da cidade. É preciso retomar um certo jornalismo combatente que descobriu a medida exata que ia da cobertura digna ao limite da militância.

Presumo que haverá forte demanda pelo jornalismo especializado na interpretação dos fatos, dada a realidade de falta do hábito de leitura pelas novas gerações mostrada por pesquisas: além de contar os fatos, deverá fazer sucesso quem os interprete em coisa de 1 mil caracteres. E para o jornalismo de nichos, superespecializado, como aquele no qual navega a AutoData Editora, acredito muito em análise sistemática sobre infraestrutura dominada por economia, política e novas tecnologias – no futuro próximo compras e vendas, fusões e incorporações.



SAMSUNG

amil



Luiz Fernando Gomes

Colunista do Lance e diretor da agência de comunicação corporativa Press à Porter

A pandemia do coronavírus devolveu à imprensa um protagonismo como há muito não se via. A audiência dos sites das empresas de comunicação e das edições digitais dos jornais e revistas tradicionais, as pesquisas de opinião que demonstram um crescente grau de confiança do público na mídia são a comprovação matemática

dessa recuperação.

Isso torna-se ainda mais relevante quando acontece em meio à maior onda de ataques à imprensa, aos jornalistas e à liberdade de informação desde os anos de chumbo da ditadura. Um ataque que vai além do discurso raivoso e da violência física, como já se tem visto. Mas que busca fazer da disseminação das *fake news* sua arma mais poderosa, na tentativa de combater a verdade que só o jornalismo profissional é capaz de produzir.

Enfrentar essa situação é o desafio que se impõe. Resistir e crescer. Em um país dividido, dilacerado pelo Fla x Flu ideológico, ataques tendem a ser cada vez mais pesados. Os que antes eram contra hoje são a favor e amanhã podem voltar a ser contra de novo. Não há uma fórmula mágica: a informação precisa, independente, destemida, atinja a quem atingir, seja de que lado do jogo esteja, é o caminho. A ideologia da verdade há de vencer. Sempre.



Cleide Silva

Repórter de Economia & Negócios do Estadão, especializada na cobertura do setor automotivo

Essa pandemia mostra que o jornalismo de raiz – de qualidade, que vai atrás da verdade, fiscaliza, confronta dados, ouve todos os lados –, insiste e resiste, apesar de ter um governo inteiro contra. Triste, porém, constatar que muita, mas muita gente mesmo acredita mais nas notícias falsas repassadas de grupo em grupo de WhatsApp do que em informações apuradas, checadas, vindas de especialistas e de instituições sérias. Se mesmo com todas as informações repetidas diariamente sobre os riscos da Covid-19 a imprensa não conseguiu convencer metade da população a ficar em casa, e boa parte dela de que não há confirmação sobre a eficácia da cloroquina contra o coronavírus, é porque nos falta algo. Não sei dizer o que é. O jornalismo ainda precisa reformar-se, encontrar uma maneira de se fazer atraente e confiável. Não sei como. Só sei que a fórmula atual está quase esgotada e precisa urgentemente de novas receitas. Pessoalmente, essa crise comprovou o quanto amo uma redação, pessoas falando ao telefone ao mesmo tempo, o corre-corre do fechamento, a parada para um cafezinho e, principalmente, o ir para a rua falar com fontes, personagens, estar próxima ao foco das matérias.

Bem antes da Covid-19 discutia-se o futuro do jornalismo, em especial o impresso. A lógica é que vai migrar tudo para a internet. O problema é que são poucos ainda os meios que se mantêm financeiramente só no online. Com a experiência do coronavírus, acredito (e torço para) que ocorram mais investimentos em matérias especiais, escapando do dia a dia que sai na internet bem antes dos jornais irem para a rua.

Parece que está precificada a institucionalização do *home office* em parte das redações. Para as empresas tende a ser mais barato. Para os jornalistas é difícil saber se melhora ou não a produtividade.

Espero que mais pessoas consigam identificar e separar o que é trabalho sério das “notícias” nascidas das profundezas e que têm gerado tantas dificuldades no controle do maldito vírus. Repito conceito do jornalista e professor da USP **Eugênio Bucci** em artigo no Estadão: “Apostando na pobreza de espírito e perenizando a desinformação, os aprendizes de totalitarismo dos nossos dias esperam consolidar seu poder, pois sabem que seu poder depende da ignorância e da submissão da sociedade. É por isso que odeiam a imprensa e difundem ofensas contra jornalistas e contra as redações profissionais”.



Miguel Oliveira

Publisher de [O Estado Net](#) (PA)

Seguramente, o maior legado dessa pandemia será a necessidade, cada vez mais urgente, de os veículos tradicionais de mídia se profissionalizem na apuração, edição e divulgação de notícias. Deu para perceber que a maioria desses veículos buscou se reforçar e até dedicou mais espaço para esse tema. Nesse contexto da informação e da contrainformação, o papel do jornalismo profissional mostrou-se imprescindível para que a sociedade fosse informada corretamente, frente, por exemplo, à disseminação de notícias falsas, principalmente através da internet e aplicativos de mensagens.

As dificuldades para a cobertura, as limitações físicas de conferir *in loco* algumas pautas, reacendem a importância do velho e estratégico método de cultivar fontes confiáveis. Chega de jornalismo declaratório. A pandemia mostrou que os jornalistas que sempre cultivaram boas fontes puderam cobrir a pandemia, seus reflexos na saúde, economia e política com maior facilidade. Acho que, daqui para a frente, quem não se reinventar na cobertura pós-pandemia vai ficar para trás.



Renata Cafardo

Repórter especial do Estadão, colunista de educação do Estadão e da Rádio Eldorado, diretora da Associação de Jornalistas de Educação (Jeduca)

Percebi que é possível apurar, escrever, fazer *live*, gravar *podcast*, tudo da minha casa, e com meus dois filhos pequenos por perto! Se por um lado é insano e cansativo, por outro, nos empodera. Outra lição é de que podemos ser mais unidos, lutar pelos nossos direitos, como fizemos com o sindicato nas negociações de redução de salários, ou para nos apoiar mesmo de longe, em fechamentos difíceis, em momentos de angústia. E que o jornalista cresce em momentos de crise. Quem é jornalista trabalha, mesmo com internet ruim, com crianças pedindo colo, com o medo de contrair coronavírus, com a incerteza sobre o emprego daqui alguns meses, ele faz bom jornalismo. O legado que espero é a valorização da imprensa de qualidade. Que a sociedade volte a reconhecer a importância da informação bem checada e escrita com ética por jornalistas profissionais.

A única transformação que enxergo hoje é o aumento do *home office*. É um modelo que traz economia para a empresa e autonomia ao jornalista.

SAMSUNG



XP inc.

amil



Neide Duarte faz live em aldeia do Xingu em reportagem para o Globo Rural

Neide Duarte

Repórter da TV Globo, atualmente no Globo Rural

O vírus nos trouxe a descoberta de que o mistério existe. É real. Trouxe a discussão sobre a verdade. Trouxe também alguns paradoxos: ao mesmo tempo que nos obrigou ao distanciamento e à solidão, revelou-nos que estamos íntima e irremediavelmente conectados, como uma grande teia.

O que atinge uma pessoa na China pode alcançar todas as outras 7 bilhões de pessoas no resto do mundo.

As lições que levamos dessa pandemia são basicamente duas: humildade, ao descobrirmos que o conhecimento humano é enorme, mas não é nada diante de uma ameaça invisível. A natureza tem seus mistérios e é sempre mais forte do que a nossa pretensão de dominar tudo.

A segunda lição que o vírus nos dá é a da solidariedade, talvez não por preocupação legítima com os outros, mas, por estarmos inexoravelmente todos ligados, seremos obrigados a nos preocupar com a qualidade de vida dos moradores das periferias das grandes cidades, das favelas, debaixo das pontes, das ruas.

Todos nós teremos que lutar para exigir que o saneamento básico alcance todas as grandes cidades e os seus entornos, para que todos tenham melhores condições de higiene, para que tenham água e esgoto. Teremos que lutar também por um novo desenho de cidade, onde todos possam ter condições de viver com mais espaço, sem aglomerações, e com todas as condições básicas de saúde e educação.

Nós jornalistas, nessa pandemia, aprendemos a trabalhar no meio do perigo, protegendo nossa expressão e nossa saúde com máscaras e vendo no álcool gel o nosso melhor amigo.

Estamos enfrentando a violência e a mentira contra jornalistas.

Estamos em plena guerra e a guerra aqui é conviver com a ameaça constante do vírus, do medo, da morte.

Ao ver o trabalho dos médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, pessoal da limpeza, diante de todos que enfrentam o mistério da doença que nos aflige, uma revelação: os heróis existem.

Com a epidemia perdemos uma coisa cara ao repórter: o ambiente onde está o personagem. Aprendi que o personagem é o mais importante para contar uma história no jornalismo. E para isso o ambiente onde ele vive, seus gostos, o que faz no dia a dia, são fundamentais, mas agora isso está muito distante. Com a ameaça invisível do vírus ficamos menos valentes, menos destemidos, cada vez mais virtuais e menos pessoais. Muitas vezes vamos mostrar os fatos desde a sala da nossa casa, apenas falando sobre eles.

O jornalismo também terá de enfrentar cada dia mais uma guerra entre a verdade e a mentira.

Um dos legados dessa epidemia é a coragem para continuar a detectar as notícias falsas e buscar a verdade. A responsabilidade de um jornalista sério, que tem por finalidade expor os fatos e seu significado mais próprio, é muito diferente da atuação de um internauta qualquer, que tem palpite sobre tudo e seu propósito não é outro senão enganar os crédulos e ingênuos.

Perdemos tempo demais com informações falsas, opiniões medíocres, pensamentos obscuros, um tempo de trevas. Para resistir a isso é bom lembrar a frase de Platão, filósofo grego que viveu antes de Cristo: "Quem diz a verdade corre risco de vida".

E lembrar principalmente da música de Caetano Veloso, do final dos anos 1960, em plena ditadura militar: "É preciso estar atento e forte".



Joelma Muniz

Coordenadora de Jornalismo da Assembleia Legislativa do Amazonas

A crise mundial causada pela Covid-19 reforçou a necessidade de um compromisso efetivo com a apuração jornalística fundamentada, sobretudo, em informações livres de dubiedades.

Os textos que digitamos e que comumente emanam poder de escolha aos nossos leitores, formando suas opiniões sociais e políticas, agora garantem informações básicas para a sua sobrevivência.

De tal modo que nós, jornalistas, estamos desafiados a informar entre a linha tênue do excesso de informações e a negligência que favorece o surgimento das *fake news*. Os legados são inúmeros e profundos, vão além das superações impostas pelo jornalismo feito no *home office*, eles deixam claro que devemos informar pessoas (que sentem, se importam) e não números medidos pela audiência ou por tiragens vendidas.

Estou certa de que, apesar de todo o desequilíbrio psicológico/social e dos ataques à liberdade de imprensa, estamos cada dia mais vivos e convictos de que é preciso resgatar a profissionalização da nossa categoria. A pandemia está nos amadurecendo, motivando, reinventando e resgatando a sensibilidade jornalística há tempos adormecida.



Cléber Machado

Narrador esportivo da Rede Globo

Em qualquer grande cobertura, os jornalistas estão sempre expostos a avaliações. No caso em questão há vários aspectos. O tamanho do problema, a dor, fatos e perdas,

informação, tristeza e um clima esquisito de antagonismo entre personagens que deveriam percorrer o mesmo caminho. Como leitor, ouvinte e telespectador, toda vez que procuro veículos sérios encontro informações e esclarecimentos. Vozes de especialistas, prestação de serviço, orientação, tentativa de conscientização e espaço para opostos pontos de vista. De maneira geral, acredito que o jornalismo esteja fazendo bem o seu trabalho.

Transformações devem fazer parte do mundo daqui para a frente. Cuidados, atenção, tudo pela vida e saúde, tanto individual quanto coletiva. Precauções serão necessárias e não devem ser esquecidas. Os jornalistas precisam seguir muito atentos. Seria ótimo se não ficassem em gavetas pautas sobre a doença, o vírus e pesquisas, mesmo depois que esta crise seja controlada. As obrigações de fiscalizar, ouvir, apurar e divulgar também nunca podem ser abandonadas. Não acredito que aconteçam transformações na maneira de fazer jornalismo. O importante é que esse poder do jornalismo de cobrar, contar, esclarecer e prestar serviço seja cada vez mais praticado. A colaboração dos jornalistas será sempre fundamental para a sociedade. O principal é que seja feito sempre com a paixão que caracteriza quem opta por essa profissão.

SAMSUNG



XP inc.

amil



Alzira Rodrigues

Editora na revista Autoindústria

Sem precedentes na história mundial, a crise da pandemia da Covid-19 veio reforçar a importância do jornalismo profissional na disseminação de informações corretas e de efetivo interesse da comunidade. Em tempos de *fake news*, acredito que este triste período pelo qual estamos passando mostrou para as pessoas, pelo menos para a maioria, ser fundamental saber a procedência dos dados. Sempre acreditei na nossa profissão e tenho a convicção de que ela ganha força em meio a toda esta crise, contribuindo para desmascarar de vez políticos corruptos e ineptos, que não podem mais se esconder atrás de depoimentos via mídia social, desprezando o que é registrado por imagens, áudios e textos apurados por jornalistas reconhecidamente profissionais. Quero aproveitar para parabenizar a todos os que estão nas coberturas deste triste momento da história mundial e, em particular, da brasileira, marcada pelo pior governo que já tivemos.

Acredito que o jornalismo sairá fortalecido desta crise em todos os seus segmentos, seja no da cobertura diária como também no da mídia especializada, que vem informando sobre os desdobramentos da pandemia em setores importantes e vitais para o desenvolvimento do País. Além disso, acredito que a partir das medidas de isolamento social poderá haver uma disseminação maior do chamado trabalho remoto, que permite aos jornalistas maior flexibilidade para se locomoverem, sem a necessidade de "bater ponto" nas redações. Já comum em outros países, o *home office* ainda enfrentava resistência no jornalismo brasileiro. É claro que não há nada que substitua o calor das redações, aquela pessoa do lado que te ajuda numa dúvida ou até mesmo a fazer um lide, como tive o prazer de vivenciar nos idos de 1980 e 1990 nas redações do Estadão (sucursal do ABC), do Globo, em São Paulo, e do Jornal da Tarde. Mas, no futuro, quando voltarmos aos dias de trânsito infernal, talvez o trabalho remoto seja visto até como instrumento para maior produtividade no cotidiano da nossa profissão.



Carlos Costa

Ex-diretor das revistas Playboy, Quatro Rodas e Elle, é professor do mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Libero

O futuro do jornalismo está no foco regional

Há alguns momentos na vida e na história que se estabelecem como um marco, um divisor de águas. Como narra Mateus, capítulo 27, vs. 51: "Naquele momento, o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. A terra tremeu, e as rochas se partiram". O relato bíblico está falando sobre a morte de Jesus, mas o significado é essa ruptura, o antes e o depois.

A Covid-19 levou a imprensa a uma definição de lado, de alto abaixo, um basta nos discursos do ódio. Afinal, mesmo ao preço de tantas mortes diárias, que passam do milhar, ainda há os falsos profetas que aproveitam as verbas públicas para desvio de dinheiro. Com as 30 moedas que Judas devolveu jogando no chão do templo, antes de ir enforcar-se, os "chefes dos sacerdotes" resolveram comprar o campo do Oleiro, que "por isso se chama campo de Sangue até o dia de hoje".

Esse é o legado maior da Covid-19: o jornalismo não deve pactuar com a mentira e as falcatruas. Como dizia **Millôr Fernandes**, jornalismo é oposição; o resto é armazém de secos e molhados.

Como noticiado pelo Jornalistas&Cia, o futuro do jornalismo está na cobertura regional. Transcrevo a informação: "O Correio Braziliense mais que dobrou a audiência em seu site durante a pandemia. Dados do Google Analytics mostram que, em abril, a página do jornal registrou aumento de 110,61% no número de usuários e de 100,12% no total de páginas visualizadas, em comparação a fevereiro passado".

Em uma entrevista que fiz com o pensador Dominique Wolton, ele foi enfático. "A informação local e regional ainda é algo que permanece... e ainda consegue sucesso e audiência, porque as pessoas que vivem em um lugar determinado querem sentir o seu pertencimento. Vou repetir minha resposta com outras palavras. Quanto mais forte for a globalização, mais existirá uma forte informação local e regional, porque as pessoas não querem sentir-se perdidas, quebradas, desvinculadas".

Então, a informação regional tem um futuro brilhante, mas para evitar o sectarismo é imperativo que essa informação regional seja capaz também de realizar coberturas de temas internacionais e de informar sobre fatos e acontecimentos do mundo que impactem a vida regional, talvez. Pois a mídia regional tem a missão de informar sobre os fatos e tendências locais, mas fornecendo elementos para que os cidadãos tenham uma compreensão mais ampla do mundo em que vivem, não apenas o que acontece em seu local ou seu vilarejo.

Longa vida ao Jornalistas&Cia.



Ricardo Gandour

Diretor de Jornalismo da CBN

Ficou ainda mais evidente a importância da informação apurada e checada por jornalistas profissionais. Nessa pandemia a sociedade ficou e ainda está exposta a um volume incrível de desinformação, o conceito mais amplo para o processo de disseminação das chamadas *fake news*. O debate acerca do uso e da eficácia do medicamento cloroquina e alguns de seus derivados foi um dos casos mais notáveis. Mas as pessoas reconheceram a importância do nosso trabalho. O crescimento da audiência do radiojornalismo, por exemplo, é prova disso. Acho que isso certamente já é um legado dessa fase, um incentivo ao permanente trabalho de combate à desinformação.

O impacto nos processos internos foi muito forte. Muito rapidamente tivemos que transformar as redações e adaptar as rotinas para possibilitar o trabalho em casa. No caso do rádio, âncoras passaram a apresentar programas de suas residências, o que foi viabilizado com grande eficiência pelas áreas de tecnologia. O contato com as fontes, o processo de apuração, tudo foi adaptado para maximizar a segurança e a saúde das equipes. Mas muitos já se ressentem da falta do contato pessoal no dia a dia da Redação. Tem um lado tribal que se perde, mas todos neste momento entendem e se adaptam, com grande esforço pessoal dos profissionais e de suas famílias. Passada a pandemia, podemos vir a ter um modelo híbrido, em alguma medida. Ainda é algo a se avaliar melhor.



Ricardo Westin

Repórter da Agência Senado

A crise do coronavírus forçou o jornalismo brasileiro a mudar em vários aspectos. Um deles, na minha avaliação, foi a revalorização das reportagens de saúde e ciência. Há não muito tempo, os principais jornais tinham editorias dedicadas exclusivamente aos dois temas. Na saúde, por exemplo, o SUS contava com cobertura atenta e constante. Nestes últimos anos, porém, as duas áreas foram se esvaziando a olhos vistos. Por causa do enxugamento das redações, com cada vez menos repórteres, as editorias de saúde e ciência diminuíram ou até mesmo sumiram. As reportagens, que eram diárias, tornaram-se esporádicas. A crise do coronavírus mostrou que esse não foi um bom caminho. As duas editorias agora tiveram que ser reconstruídas às pressas, e repórteres que não tinham grande experiência nessas áreas precisaram se desdobrar para entender às suas peculiaridades e localizar as melhores fontes. Talvez não tivéssemos sido pegos tão desprevenidos pela chegada devastadora do coronavírus ao Brasil se os meios de comunicação tivessem equipes mais robustas de repórteres especializados em saúde e ciência cobrindo a fundo o desenvolvimento da pandemia no exterior. Espero que a cobertura de saúde e ciência tenha voltado para ficar. A grande imprensa tem sido importantíssima neste momento tão difícil para esclarecer a sociedade e fazer frente às *fake news*.



Andréa Vieira

Editora e repórter da TV e Rádio Tiradentes (AM)

A velocidade com que a pandemia se espalhou no mundo e a forma como as informações sobre ela ganharam espaço na mídia é a prova concreta de que jornalismo deve ser feito por profissionais sérios, com respeito, ética e responsabilidade. Digo isso, porque, além de termos de lidar com o volume enorme de informações que nos chegam a cada minuto, também temos a árdua missão de combater a avalanche de *fake news* que toma conta da internet. Conteúdos de origem duvidosa que viralizaram no mundo virtual – seja no afã de divulgar, por desconhecimento, ingenuidade e até por má-fé – têm provocado pânico entre a população, chegando a colocar em risco a saúde e a vida de pessoas, agravando ainda mais as consequências da Covid-19.

Essa crise ratifica mais do que nunca o que preceitua o artigo 7º do nosso Código de Ética: “O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação”. Esse é o nosso grande desafio! Prezar pelo jornalismo responsável e dessa forma contribuir para juntos vencermos a pandemia.

A cobertura incansável da imprensa de todo o País sobre o novo Coronavírus, considerado o momento mais difícil vivido pela humanidade desde a Segunda Guerra Mundial, tem proporcionado um bom momento para os jornalistas profissionais, talvez o melhor no século. Isso se deve ao trabalho desenvolvido pelo exército de profissionais comprometidos, que, na batalha contra o vírus, preza pelas informações, orientações e alertas corretos, fazendo com que a população volte a depositar confiança nos veículos de comunicação. O trabalho da imprensa séria é fundamental para que o Brasil enfrente pandemia.

Pesquisa recente do instituto DataFolha aponta o jornalismo profissional como porto seguro no atual momento de crise. TVs e jornais lideram, com 61% e 56%, o índice de confiança em informações divulgadas sobre coronavírus. Programas jornalísticos de rádio e sites de notícias, com 50% e 38%, respectivamente, vêm na sequência. Prova de que a categoria, mesmo que vilipendiada corriqueiramente, segue resgatando a credibilidade e fortalecendo a confiança da população. Podemos afirmar com isso que muito em breve haverá um novo olhar para o Jornalismo brasileiro.



Marcelo Beraba

Jornalista, conselheiro da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji)

Passada a epidemia, a essência do que considero bom jornalismo será a mesma: atenção para o entorno e para a História, apuração rigorosa, honestidade intelectual. Teremos com certeza a consolidação de mudanças que já vinham ocorrendo na organização da produção e da edição nas Redações. Mas acho que o foco continuará direcionado para o funcionamento dos poderes, para a distribuição dos recursos públicos, para as histórias das pessoas. Temos pela frente crises que não se resolverão tão cedo na economia, na política, no ambiente social e na saúde.

A epidemia revalorizou a prestação de serviço, função do jornalismo que estava meio deixada de lado. O trabalho que a imprensa fez de esclarecimento a respeito do vírus e de ênfase aos cânones da ciência ajudou a enfrentar as ondas de descreditação e de difamação que vem sofrendo há décadas e que se intensificou nos últimos anos, impulsionadas por grupos antidemocráticos, por um governo autoritário e pela difusão intencional de notícias falsas.

Ficou claro, mais uma vez que, mesmo com todos os esforços, cobrimos muito mal o Brasil das periferias e dos sertões, que são as áreas mais pobres, mais abandonadas e por isso mesmo as mais afetadas pela epidemia.

Nestas áreas, surgiram nos últimos anos coletivos de jornalistas e comunicadores que trabalham como se fossem correspondentes de guerra – acossados por milícias, comandos do tráfico de drogas, políticos corruptos, polícias brutalizadas. Esses coletivos e núcleos precisam ser fortalecidos e expandidos. Precisam de mais programas de qualificação e de recursos financeiros para que suas vozes e relatos tenham repercussão e consequência. São os jornalistas na linha de frente das denúncias contra a desigualdade, a miséria e a violência. Cabe a todos nós, jornalistas profissionais, reconhecê-los e ajudá-los a se fortalecer.

Agradeço diariamente aos jornalistas que permanecem na ativa neste momento, mesmo com todos os riscos que vivem por causa da epidemia e por causa da intolerância política. Tenho certeza que os repórteres hoje confinados, trabalhando remotamente em suas casas, estão doidos para voltar para as ruas e as estradas.

SAMSUNG

XP inc.
amil


Maria José Braga

Presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)

O jornalismo tem como característica intrínseca debruçar-se sobre os fatos no exato momento em eles ainda estão acontecendo. É assim, dessa maneira arriscada, que presta um relevante serviço às sociedades.

Ainda estamos vivenciando a crise sanitária provocada pelo novo coronavírus e sofrendo com ela, por isso é difícil identificar o legado que vai deixar para o jornalismo brasileiro.

Mas podemos falar em lições, já que nós, jornalistas, estamos tendo de lidar com a pandemia como cidadãos e como profissionais.

Entre essas lições, destaco a necessidade de humanização do jornalismo. Não é possível tratar dos problemas e suas soluções sem colocar a humanidade e a vida no planeta como foco central.

E os jornalistas estão aprendendo rápido as lições. Os números frios de infectados e de mortos estão se transformando em nomes, com a revelação de histórias de pessoas que poderiam estar vivas se não tivessem sido expostas ao vírus ou se tivessem tido atendimento adequado depois da contaminação.

A pandemia tem provocado reflexões sobre o futuro em duas frentes: uma que vislumbra um aprendizado coletivo e uma humanidade transformada; outra que não crê em transformações significativas, continuaremos como antes. Eu estou no grupo dos que não acreditam em uma mudança revolucionária e isso vale também para o jornalismo.

Em geral, a imprensa brasileira tem cumprido bem o seu papel de informar a sociedade sobre a pandemia e retomou seu papel educativo, de orientar as ações da coletividade para conter o vírus.

Na minha avaliação, a reafirmação do jornalismo como atividade essencial para as sociedades democráticas é uma consequência bastante positiva.

Os jornalistas são os grandes defensores da liberdade de imprensa e da produção de informações voltadas unicamente para o interesse público. Mas a pandemia provocou uma revalorização do jornalismo por parte das empresas de comunicação e da sociedade em geral. É difícil prever se isso vai se manter no futuro, apesar de ser o desejável.



Dimmi Amora

fundador e editor-chefe da Agência iNFRA

Credibilidade: nosso órgão vital

O Sars-CoV-2 é bicho poderoso. Colocou o mundo em casa e está redesenhando todas as relações humanas. É provável que, em algum ponto no futuro, seja controlado por uma vacina ou medicamento, mas o tempo até lá é incerto.

A realidade, agora, é o vírus e o que ele provoca. Com isso, o Sars-CoV-2 tem sido implacável: ele não permite mentira,

distorção, jeitinho sobre o que causa.

Em algum momento, por mais que se queira e tente considerá-lo fraco, incapaz, provocador de diminutivos, ele mostra a realidade nas portas de hospitais lotados, nas sirenes das ambulâncias, nas alas dos cemitérios.

Neste momento de transformação informacional, em que a sociedade novamente havia sido contaminada pelo vírus da manipulação (rebatizado de *fake news*), o Sars-CoV-2 pode nos ter dado o que precisamos para iniciar a cura contra a falsa informação.

Começamos a recuperar, junto a uma parte do público ainda não totalmente contaminado pelas *fake news*, o órgão mais precioso e vital para o funcionamento sadio do sistema de informação pública: a credibilidade da imprensa.

Para combater o vírus disseminado pelos obscurantistas, será necessário que reforçemos nossas defesas para evitar que ele volte a contaminar os que forem salvos agora, com o choque de realidade que o Sars-CoV-2 está proporcionando.

Os sites de checagem funcionam como uma defesa do nosso organismo e precisam de apoio de toda a sociedade para que possam funcionar mais e melhor. Mas não basta. Será necessário pressionar o financiamento dos produtores de *fake news*.

Que tal as grandes empresas, que agora informam que estão proibindo anúncios em sites propagadores do vírus da ignorância, transfiram os recursos pagos a esses grupos para quem os combate?

Nossa defesa também se dará por um sistema sadio de comunicação. Quanto mais diverso e plural for o jornalismo profissional, menos chance de ser contaminado pela praga das *fake news*.



Juliano Basile

 Repórter do Valor
 Econômico em Brasília

A crise da Covid-19 é a pior que já ocorreu no mundo desde a Segunda Guerra Mundial,

na qual meu avô, que foi militar, lutou pelo Brasil na Itália. Atuando como jornalista, estou trabalhando bem mais do que nos dias anteriores ao surgimento do coronavírus, escrevendo reportagens aos sábados e domingos. Mas compreendi que devemos atuar com segurança efetiva. Temos que aprofundar os mecanismos para obter dados pela internet e devemos ser bastante eficientes para aprofundar as nossas apurações com efetiva segurança.

Já atuei como jornalista em vários países, como Estados Unidos, China, França e Argentina. Todos eles estão vivendo com esses dilemas e é essencial que a gente consiga garantir segurança para nós, jornalistas, e principalmente aos nossos leitores, para que não enfrentem problemas maiores em suas vidas. Então, as informações tornaram-se fundamentais. E também é importantíssimo que a gente consiga agir com saúde para prestá-las aos nossos queridos leitores.

O jornalismo deve se transformar para trabalhar mais, mas só irá funcionar se o fizer com efetiva segurança.

SAMSUNG



XP inc.

amil



José Casado

Colunista do Globo.

Mudou tudo porque, de repente, notícias passaram a ser mais atrativas do que consumo e entretenimento. Por um período, é certo. Mas vai levar tempo para se entender a dimensão e a sedimentação desse fato

transformador nas empresas e no jornalismo.

Basta ver o abrupto aumento na audiência eletrônica de veículos tradicionais, e a mudança no topo da "pauta" com Saúde & Ciência – o interesse pela pandemia suplanta tudo, até pela tragicomédia do pandemônio político brasileiro.

Há uma elevada procura por qualidade na informação. Na insegurança sanitária e econômica pós-Carnaval (26/2 a 24/3), as buscas no Google Brasil por "coronavírus" aumentaram 8.768% e por "confisco de poupança" subiram 250%. O público foi atrás de respostas confiáveis no jornalismo profissional, daí os recordes de índices de audiência nos sites de jornais, nas rádios e no noticiário da televisão (sinal aberto ou cabo). Há uma bela oportunidade e um desafio à competência dos jornalistas e das empresas, em todos os segmentos.

Uma das transformações já está aí, visível: o trabalho à distância. Acabou em março a era das grandes Redações. Começou um ciclo que deve levar a menores gastos fixos com imóveis e mais investimento em jornalismo e tecnologia. É evidente o aumento de produtividade do trabalho, em todas as frentes. Isso tende a resultar em patamar mais elevado de remuneração no médio prazo.

Amplia-se o espaço para empreendimentos segmentados. Em negócios, por exemplo, consolida-se o Brazil Journal, do Rio. No noticiário local avançam iniciativas como A Seguir, de Niterói. Inova-se, também, na análise política e econômica direcionada a corporações (Capital Político e TAG, ambos de Brasília), e em livros, como a superprodução em andamento do fotógrafo **Orlando Brito**. Há prospecções promissoras em canais pessoais, como os de **Bob Fernandes** e **Nizan Guanaes**, e publicações eletrônicas moldadas para bairros em várias cidades. Além, claro, de incontáveis projetos turbinados por financiamento coletivo.

A invenção do futuro pós-pandemia é obra aberta no jornalismo.



Diogo de Hollanda

Professor de Jornalismo da PUC-SP, também atua como consultor de comunicação, especializado em *media training*

Um primeiro legado será o fortalecimento do jornalismo na sociedade. A pandemia instaurou-se de forma brusca, criando uma necessidade ainda maior de informações confiáveis. Não foram poucas as notícias falsas disseminadas, assim como rumores, imprecisões e opiniões irresponsáveis acolhidas com credulidade. Com um presidente que faz do obscurantismo uma estratégia de governo, a importância do jornalismo é redobrada. Um grande mérito dos veículos de comunicação foi abrir o noticiário online sobre a pandemia, incluindo seções para esclarecer dúvidas do público. Esse cenário valoriza, particularmente, os especialistas em saúde e ciência, que sempre estão na linha de frente dos passalhos. Se a cobertura de ciência fosse mais vigorosa, não teríamos tantos terraplanistas. Por último, resta torcer para que a Covid-19 estimule as empresas jornalísticas a refletirem sobre o apoio incondicional a medidas de austeridade, que agravaram a situação do SUS e da pesquisa científica.

É difícil prever o futuro do jornalismo, mas creio que sua sobrevivência passa pela recuperação de práticas abandonadas ou negligenciadas nas últimas décadas. Assim como os artistas de vanguarda voltaram-se para o primitivo – o escritor espanhol Enrique Vila-Matas diz que o novo, muitas vezes, é a descoberta do antigo –, o jornalismo deve fortalecer os pilares que lhe deram relevância: o rigor na apuração, o zelo pela linguagem, o compromisso com o interesse público e a defesa inegociável da democracia. Estamos em um momento desafiador, em que o jornalismo deixou de ser a referência obrigatória entre as fontes de informação da sociedade. Hoje, uma mensagem anônima no WhatsApp pode ter a mesma credibilidade que uma notícia publicada em um jornal renomado. É claro que a superação desse cenário depende também de modelos econômicos sustentáveis, pois, embora esteja aumentando, ainda é relativamente pequeno o número de pessoas dispostas a pagar pela informação.



Mauro Neto

Editor executivo do Diário Online (PA)

A crise da Covid-19 e todas as suas implicações nos contextos tanto da ciência como de comportamento social, deixaram mais uma vez claro o papel indiscutível da imprensa e dos jornalistas em dirimir dúvidas, apresentar as soluções e as versões contraditórias que permitem ao leitor definir o seu papel dentro da situação.

Numa realidade em que as *fakes news* competem – infelizmente algumas vezes promovidas até por governos – com a verdade e informações chegadas pelas plataformas de informação sérias, o compromisso dos profissionais de imprensa tornou-se não só mais abrangente como muito mais importante.

O maior legado desta pandemia, em que surgiam *fake news* a cada segundo, foi a necessidade, cada vez mais forte, da checagem da informação. Checar, recheckar e recheckar novamente tornou-se um hábito para não se cair na casca de banana maldita das *fake news*.

Cada vez mais as plataformas digitais se impõem diante das plataformas tradicionais como impresso e TV aberta. Aliadas ao poder das redes sociais, essas plataformas crescem em audiência, mas, infelizmente, ainda carecem de credibilidade. Recente pesquisa do DataFolha revela que a população brasileira ainda acredita mais na TV e nos jornais impressos (plataformas *off*) do que nas plataformas online.

A credibilidade para o jornalismo virtual é o grande X da questão na equação da comunicação atual. Inegavelmente que essas plataformas digitais deverão investir e capacitar profissionais, rever conteúdos editoriais, investir em tecnologia de checagem e compartilhamento de informações e adequar a isso a uma realidade de baixa do mercado publicitário para chegarem ao patamar de credibilidade dos conteúdos *off*.

Entretanto, o maior desafio de todos será entender e fazer entender aos consumidores de conteúdo destes "tempos modernos" que nem sempre a velocidade de transmissão da informação contribui para a melhor informação. A checagem também é, muitas vezes, um jogo de paciência.

SAMSUNG



XP inc.

amil



Marcia Carmo

Edita o site do Clarín em português, escreve para a BBC News Brasil e integra o Enviadas y Especiais, no YouTube

A pandemia do novo coronavírus, que colocou o Brasil no trágico *ranking* mundial de países com mais mortes pela Covid-19, mostra como o jornalismo é vital. A crise inédita na história recente, que envolve vida ou morte, ocorre na era das *fake news* distribuídas nas redes sociais. E é quando a credibilidade no jornalismo diante da opinião pública pode crescer ainda mais. Em quem confiar na hora de ler sobre este vírus desconhecido? Entre acreditar nos rumores sobre a doença mortal e ler a respeito do coronavírus nas matérias apuradas e pensadas para a audiência, o leitor, o espectador, o internauta, o ouvinte optaria pelo jornalismo. Mas um setor da população sugere não acreditar na virulência do vírus, apesar das informações que chegam de Manaus, de São Paulo, do Rio de Janeiro e de tantos outros pontos do Brasil. Um fenômeno que ocorre hoje em outros lugares, como nos Estados Unidos. Como o jornalismo pode chegar a essas pessoas? Como evidenciar ainda mais os males das *fake news*? O legado dessa crise deveria ser o fortalecimento do jornalismo. As lições? Mais jornalismo para combater as *fake news* e a virulência de alguns grupos contra jornalistas.

As transformações no jornalismo levam-nos a pensar cada vez mais em projetos para todas as plataformas possíveis. Com as novas tecnologias e a audiência fragmentada, a tendência, acho, é a de nos reinventarmos permanentemente, sem deixar os princípios básicos do jornalismo. A autonomia parece ser o caminho, a partir das mudanças na própria indústria do jornalismo. Nos últimos tempos, ganharam espaço sites e páginas nas redes sociais que explicam as notícias, que falam sobre o meio ambiente, que checam falas e números de pessoas públicas, que nos ensinam sobre a história da música brasileira. A especialização é cada vez mais requisitada. E as grandes histórias sempre terão espaço. Se não cabem num jornal, num site, numa rádio, numa TV, entram num *podcast*, num *post* no Facebook, num *tuíte*, no Instagram. A capa do The New York Times com os nomes das vítimas da Covid-19 ratificou como histórias de vida – além dos números – importam e vão continuar importando. Informar, comover, entregar notícias cada vez mais precisas e com contexto são ferramentas do nosso jornalismo de hoje e de amanhã – em várias plataformas, atuais e futuras.



Cleide Carvalho

Repórter de O Globo/Revista Época

O coronavírus chegou num momento em que a imprensa no Brasil estava sendo muito desvalorizada. A lição para os jornalistas é que a nossa função continua sendo muito importante e que, sem imprensa profissional, as discussões que afetam a todos correm o risco de perder o vínculo com a realidade.

Notícias falsas podem matar e a tarefa do jornalismo foi e continua sendo buscar a verdade. Não há ingenuidade em *fake news* espalhadas por sites mentirosos ou grupos de WhatsApp, para grandes públicos ou no seio das famílias. Portanto, é preciso seguir no combate.

O mundo não para de surpreender. Mesmo o que parece notícia velha não o é, já que há sempre gente jovem ouvindo tudo pela primeira vez. Se existe notícia, existe espaço para jornalismo profissional. Do telex ao WhatsApp, a comunicação cumpre seu papel, não importa o meio. O que vai ter de ser adaptado é o financiamento da produção de notícia. Mas se pagam para criar *fake news*, vão descobrir como remunerar notícia de qualidade.



Mônica Carvalho

Diretora de jornalismo da TV e Rádio Jornal do Commercio (PE)

Acredito que a grande lição que esta pandemia deixa para o jornalismo brasileiro é a sua importância e relevância para a sociedade. Num mundo permeado por *fake news*, o jornalismo profissional, que checa, apura, investiga e cobra soluções é o esteio de uma sociedade democrática. Não existe democracia sem imprensa livre. Não existe cidadania sem acesso à informação. E esta pandemia veio para reafirmar que o jornalismo está cada vez mais vivo e necessário para a garantia de um estado democrático de direito.

As transformações são muitas, em todos os setores da economia, e o jornalismo, que já vem num processo de mudança de paradigmas, está no olho do furacão. Esta pandemia fez-nos rever processos, modos de produzir notícia que pensávamos que estávamos longe de enfrentar. Mas, a realidade se impõe e, em poucos dias, vivemos transformações que demorariam anos. Não há como pensar que é possível fazer o que fazíamos do mesmo jeito que fazíamos. O uso da tecnologia e o encurtamento de distâncias por ela proporcionado é um caminho sem volta. Já somos diferentes, este é o nosso novo normal.



Rodrigo Rangel

Diretor de redação da Crusoé

Este é mais um teste entre tantos que o jornalismo brasileiro tem encarado há tempos. Mas há duas lições que merecem ser destacadas. A primeira é que esta crise tem nos ensinado que a empatia é fundamental na maneira de nos relacionarmos com quem consome o que produzimos. É preciso tocar, é preciso nos importar com os sentimentos, é preciso que estejamos conectados com quem está na outra ponta. Acredito que a pandemia tem nos ensinado a ser mais sensíveis. Em outra frente, após este momento atípico da cena nacional, em que a nossa missão de informar em meio à crise tem enfrentado ataques sórdidos de quem está no poder, quero crer que restará para todos nós a lição de que é preciso manter a coragem para enfrentar os poderosos, sejam eles quem forem, e apontar os seus erros. Que essa experiência de agora sirva de lição e modifique para sempre a maneira como lidamos com o poder, nas diferentes esferas, independentemente de quem estiver lá. A dor da pandemia está realçando a importância do papel que devemos desempenhar a qualquer tempo. Precisamos manter a altivez.

Fazer parte de um projeto 100% digital tem me mostrado, a cada dia, que estaremos cumprindo melhor nossa missão de informar se conseguirmos encurtar o caminho entre a informação que produzimos e quem a consome. Para isso, é necessário facilitar cada vez mais o processo para quem nos lê, nos ouve ou nos assiste. O conteúdo precisa chegar facilmente, precisa estar literalmente à mão das pessoas, por meio dos *smartphones* e outros dispositivos eletrônicos de uso frequente. Além disso, precisa ser cada vez mais interessante, o que exige de nós mais rigor com a apuração, com o texto e com o acabamento, e mais sabedoria para enxergar como aliar aquilo que para nós tem valor (notícia) a formas de contar as histórias que sejam atraentes a ponto de ganhar a atenção de um público extremamente exposto a distrações de todo tipo, desde o aplicativo de mensagens, muitas vezes repleto de *fake news*, a jogos e séries. O ponto de partida, porém, é aquele que conhecemos há tempos: a boa e velha reportagem sempre sobreviverá.



amil

XP inc.

GERDAU
O futuro se molda

SAMSUNG



O jornalismo é muito importante no mundo todo. Os primeiros jornais surgiram na Europa do século 17. A imprensa chegou ao Brasil com Dom João VI, em 1808.

O primeiro jornal impresso em terras brasileiras foi a Gazeta do Rio de Janeiro. Oficial, sem alcance popular.

Pouco antes, foi editado na Inglaterra o Correio Braziliense, por Hipólito José da Costa (1774-1823).

Historicamente, o Correio é considerado o primeiro jornal brasileiro. Por essa razão, no dia 1º de junho, data em que começou a circular, é celebrado o *Dia da Imprensa*.

No texto poético que segue, na linha do cordel, falo da importância do jornalismo em qualquer tempo. Nele aparecem personagens bíblicos e da política tupiniquim. Como Bolsonaro e Regina Duarte. O presidente aparece como um sujeito perigoso, incentivador da pandemia que se alastra no País.

O cordel é coisa antiga. Vem de longe. A respeito, saiba mais clicando: <https://anovademocracia.com.br/no-12/1048-uma-breve-historia-do-cordel>

Veja também:

<https://institutomemoriabrasil.com.br/>

https://www.youtube.com/watch?v=o_uShAkXk54

Boa leitura!
Assis Ângelo

Tentei cobrir, mas não cobri
A noite da Santa Ceia
Lá estavam Jesus Cristo
E Judas, cabra de peia
Sujeito sem caráter
Merecedor de cadeia



Eu não fui, mas Edu foi
Levando junto Barão
Entrevistaram Jesus
Ajoelhados no chão
Depois disso pediram
Pra seus pecados, perdão

Após ceiar, Jesus contou
A Edu e a Barão
A razão de estar ali
Como parte da missão
Que pensava concluir
No alto Monte Sião



Além disso revelou
Segredos bem guardados
Como sua prisão e morte
Por milicianos fardados
Jesus Cristo foi mais um
Entre tantos condenados



Brincadeiras à parte
Faz-se importante dizer
Que num mundo sem Imprensa
Seria difícil viver
Difícil também seria
Crer no homem como um Ser

Não dá nem para pensar
Num mundo sem Jornalismo
Num mundo sem reportagem
Num mundo sem altruísmo
Num mundo que só tivesse
Ódio, radicalismo



XP inc.


GERDAU
O futuro se molda
SAMSUNG

Jornal, Rádio e TV
Registram realidade
Esclarecendo fake news
Em nome só da verdade
Um povo sem Jornalismo
É povo sem liberdade



Fake news é que nem praga
E que nem bala perdida
Que zoa solta mundo
Procurando matar vida
Só por isso bastaria
Pra fake ser combatida



O mundo todo treme
Não treme por covardia
Treme temendo o mal
Nos tempos de pandemia
É triste ver o mundo
Morrendo de agonia



O que mais pode mudar
Depois da pandemia?
O ato de fazer amor
Sozinho, sem companhia
Sozinha, sentindo falta
De papo com quem se fia



A coisa anda feia
Com mais um vírus no ar
O mundo está perdido
Pronto pra se acabar
Todo mundo corre doido
Doidinho pra se salvar

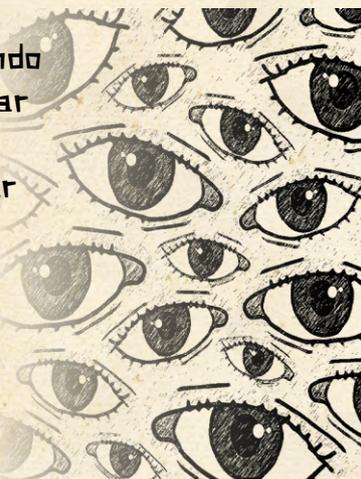


A morte chegou depressa.
Já pronta para matar
Todo mundo ficou louco
Perdido sem opinar
Sem saber o que fazer
Pra da peste se livrar



O tempo todo se ouve
No rádio e televisão
Repórter e reportagem
Mostrando a relação
Do novo coronavírus
Com o chefe da Nação

O mundo inteiro parou
Pra ver o vírus chegar
Com toda força do mundo
Querendo o mundo parar
Esse é um triste fato
Para o passado guardar



Doença sempre houve
Em todo tempo e lugar
Doença de todo tipo
Pra todo mundo pegar
Bom é ficar atento
Pra doente não ficar

Uma gripezinha não foi
Nem tosse intermitente
Que caiu sobre o País
Como disse o presidente
Foi bombardeio de vírus
Que já finou muita gente

A Covid-19
veio mesmo pra matar
Matou novo, matou velho
E bebê inda a mamar
Dessa peste lá da China
Vamos todos nos lembrar



Aplicou-se um lockdown
Pra conter a pandemia
Houve muito chororô
Houve muita gritaria
Não custa aqui dizer
Gato late, cachorro mia



SAMSUNG

amil

No Brasil o presidente
Torce por ditadura
Gosta de quem não presta
E quem presta ele tortura
Que bicho tem na cabeça?
Um vírus doido, sem cura!

Aparece na tevê
Com pinta do Grande Irmão
Aquele do George Orwell
Sujeito sem coração!
Bolsonaro quer o povo
Comendo na sua mão

Pandemia da burrice
Ataca bolsonaristas
Que aos berros vão às ruas
Detonando jornalistas
Como nos velhos tempos
Faziam os nazifascistas



Os bobos dançam de quatro
Como pede o presidente
É uma dança esquisita
Uma dança diferente
Como diria Gonzaga
No seu cantar inocente



Isso é perigoso
Amigo, preste atenção!
Um povo sem pensamento
Fica à mercê do patrão
E se desse jeito ficar
Morrerá feito pagão...



STF libera
Vídeo grave, de horror
Mostrando reunião
Em detalhes de bastidor
Num relance parecia
Um antro de malfeitor

O encontro foi aberto
Pelo chefe da Nação
Gritando, fora de si
Proferindo palavrão
Reforçando seu desejo
De armar população

Ficou claro que ele quer
Convocar a repressão
Perpetuar-se no Poder
Que nem um certo chefão
O tihoso Bolsonaro
É do mal grande expressão

Deu até para contar:
Trinta e sete palavrões
Xingamentos, ameaças
Tempestades, furacões
Num mar em pandemia
Porque tantas agressões?



Tudo isso tem a ver
Com filhotes enrolados
Interesses pessoais
E civis encapuzados
Atuando entre sombras
Pra confrontos preparados

Todo mundo comentou
Esse vídeo coisa e tal
Bolsonaro gritando
Rugindo, feito animal
Querendo pra seu controle
A Polícia Federal!



Ele bate na Imprensa
 Com prazer, satisfação
 O bicho é muito louco
 Do Inferno é capitão
 Se não fosse presidente
 Decerto seria o Cão

Costuma dar de mané
 Brigando com jornalista
 Pra depois ganhar manchete
 Sem querer ele dá pista
 Fala grosso, fala fino
 Como se fosse um artista

Ignorante, frio
 De tudo dá parecer
 Indagado sobre o vírus
 Garante tudo saber
 A Covid-19...
 E daí? Eu um dia vou morrer...!



O Brasil é governado
 Por um ser muito raivoso
 Um ser que não se cansa
 De mostrar ser perigoso
 Deus do céu, por que faz isso
 Será ele o tal Tinhoso?

O presidente perdeu
 A condição de governar
 Ele bate no seu povo
 Com fúria cavalgar
 Desse jeito ele não vai
 No cargo continuar

Presidente Cloroquina
 Presidente sem noção
 Feio bicho das trevas
 Capeta filho do Cão
 Pô! O que mais o bicho quer?
 Detonar nossa Nação?

Gosta de falar grosso
 Mas falando desafina
 É seu jeito louco de ser
 De dizer coisa cretina
 Desse cara há quem goste
 Mas errar é sua sina

É bom estar atento
 Aos passos do presidente
 Ele marcha contra o povo
 Ameaçadoramente
 Todo cuidado é pouco
 Com esse tipo de gente!

Sua meta é proteger
 Uma arruma de parente
 Amigo, miliciano
 Escória é sua gente
 Isso pode lhe custar
 A faixa de presidente



Todos estão a postos
 Atentos a pasturar
 De olho no malandro
 Que mexe pra se salvar
 Das garras da Justiça
 E da ira popular

Seu Governo é maluco
 Tipo "toma lá, dá cá
 Por isso perigoso
 Tipo "pega pra capá
 É ruim o que ele faz
 E pior pode ficar

Um crime atrás do outro
 de morte, de ladroagem
 Uma rachadinha aqui
 Logo ali só sacanagem
 No time do presidente
 O que mais tem é pilantragem

Regina atriz da Globo
 Que adora linha dura
 É soldada sem estrelas
 Num tempo sem ditadura
 Fica fazendo onda
 Podia fazer cultura

Na falta de bom texto
 E de craque na Direção
 Regina pena no palco
 Oh! Deus, quanta decepção
 Vê-la aplaudir a morte
 Dos tempos de repressão

Ela riu da tragédia
 Pra ganhar um presente
 Pra entrar no Governo
 Do capitão presidente
 Regina atriz morreu
 Sabe-se lá, de repente!



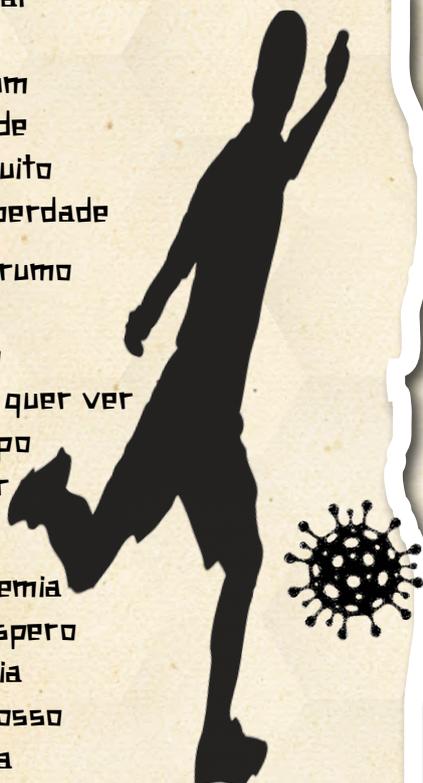
Não adianta mentir
 Tampouco espernear
 O time do presidente
 Os seus crimes vai pagar
 O Brasil inteiro torce
 Pra Justiça não falhar

Fogo na Amazônia
 Óleo e lixo no mar
 Garimpeiros assassinos
 Sempre querendo matar
 Pouca gente fala disso
 Só o silêncio no ar...

Bolsonaro faz buraco
 Pra ele mesmo cair
 Cava aqui, cava acolá
 Ele assim vai conseguir
 Mas simplesmente poderia
 Pegar o boné e sumir



Representante do mal
 Da dor e da maldade
 Inimigo do bem comum
 Averso à fraternidade
 Bolsonaro prende muito
 Mas não prende a liberdade
 Mudança de ramo e rumo
 Isso vai acontecer
 Já está acontecendo
 Só não vê quem não quer ver
 Tem jogador no campo
 Jogando para vencer
 Enfim, a vida segue
 Nos tempos de pandemia
 Nos tempos de desespero
 Nos tempos de alegria
 Cuidemos do que é nosso
 Da nossa Democracia



Digo que nossas mídias
 Não custa aqui destacar
 A internet com toda força
 Veio mesmo pra ficar
 Mudando o dia a dia
 De quem via a Banda passar

Redação é coisa séria
 Isso é Comunicação
 Mas depois de tanta praga
 Zoada e confusão
 O que dela vai ser?
 Rádio, web e televisão

CBN, Band, Pan
 Todos os dias no ar
 São emissoras antigas
 Com histórias pra contar
 O que contam é arquivo
 Pra quem quiser pesquisar



SAMSUNG



XP inc.

amil

Repórter cobre tudo
Cobre guerra e eleição
Operação tapa-buraco
Virada de caminhão
Discurso de papagaio
Assalto e corrupção

Nunca fura a pauta
E faz tudo sempre legal
Está em todo canto
Num parque, num hospital
Num trem, num bar, num barco
Como se fosse normal

Jornalistas de peso
Como Zé Hamilton Ribeiro
Audálio, Caco e Kotscho
Zanfra, Jorge e Guerreiro
Enobrecem a profissão
Cá no plano brasileiro

Fotógrafos, cartunistas
São artistas de verdade
Fausto, Paulo, Jota Gê
Mestres de grande coragem
Mais Millôr, Fortuna e Jaguar
A eles nossa homenagem

Estes tempos terríveis
De horror de pandemia
De luta contra a morte
De dor, de agonia
Aqueles que podem leriam
Jornalistas e Companhia!

FIM



(Assis Ângelo,
na caricatura de
Nássara)

Do editor para o poeta, com a
gradidão pela histórica poesia
e por tantos anos de amizade,
companheirismo e solidariedade

Assis é um amigo querido
Da Paraíba um talento
Pra São Paulo se mudou
Buscando o seu sustento
Aqui construiu a vida
Com garra de grande rebento

Baron é pra ele Barão
Edu sou eu com orgulho
Brincar de cordel com Assis
É música, não um barulho
Um lindo salto no céu
No mar um doce mergulho



1º Prêmio de Jornalismo Inclusivo

Tema:

Todxs Nós

Linguagem viva e inclusiva

Inscrições abertas